UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGUÍSTICA GERAL

RAFAEL CAMACHO RAMIREZ

Marcación diferencial de objeto y doblado de clíticos en el español de Lima

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como requisito para obtenção do título de Doutor em Letras.

Área de Concentração: Semiótica e Linguística Geral

Orientador: Prof. Dr. Jairo Morais Nunes

SÃO PAULO

2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

C172m Camacho, Rafael
Marcación diferencial de objeto y doblado de
clíticos en el español de Lima / Rafael Camacho ;
orientador Jairo Nunes. - São Paulo, 2019.
219 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de Linguística. Área de concentração:
Semiótica e Linguística Geral.

1. Gerativismo. I. Nunes, Jairo, orient. II.
Título.

Hoja de aprobación

RAFAEL CAMACHO RAMIREZ

**MARCACIÓN DIFERENCIAL DE OBJETO Y
DOBLADO DE CLÍTICOS EN EL ESPAÑOL DE LIMA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como requisito para obtenção do título de Doutor em Letras.

Área de Concentração: Semiótica e Linguística General

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jairo Morais Nunes
Orientador
Departamento de Linguística
Universidade de São Paulo

Prof.^a Dr.^a Sonia Maria Lazzarini Cyrino
Departamento de Linguística
Universidade Estadual de Campinas

Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida Correa Ribeiro Torres Morais
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Marcelo Barra Ferreira
Departamento de Linguística
Universidade de São Paulo

Prof.^a Dr.^a Mary Aizawa Kato (Suplente 1)
Instituto de Estudos da Linguagem
Universidade Estadual de Campinas

Prof.^a Dr.^a Esmeralda Vailati Negrão (Suplente 2)
Departamento de Linguística
Universidade de São Paulo

Prof.^a Dr.^a Janayna Maria da Rocha Carvalho (Suplente 3)
Departamento de Língua Portuguesa
Universidade Federal de Minas Gerais

A mis padres, Eddy y Rafo.

Agradecimientos

Me gustaría comenzar agradeciendo a mi orientador, Dr Jairo Nunes. Muchas gracias, Jairo, por haber confiado en mí desde el inicio. Por haberme orientado con precisión y constancia durante el trabajo. Esta disertación no sería la misma sin sus sugerencias y comentarios. Aprendí mucho durante sus clases y las reuniones con el grupo de estudios. Su profesionalismo y dedicación son un ejemplo para mí.

Agradezco a los miembros de la banca, profesores Marcelo Ferreira, Sonia Cyrino, Maria Aparecida Torres Morais por sus valiosos comentarios y sugerencias.

Agradezco a los profesores Francisco Ordóñez, Andrés Saab por sus valiosas sugerencias al trabajo.

Agradezco a mis profesores Luciana Raccanello Storto, Esmeralda Vailati Negrão, Ana Paula Scher, Ana Lúcia de Paula Müller, Evani de Carvalho Vioti, Marcello Modesto dos Santos, Marcelo Barra Ferreira. Aprendí mucho; sus aulas siempre fueron inspiradoras para mí.

Agradezco a los funcionarios del Departamento, Érica Flávia y Robson Dantas Vieira. Muchas gracias por el apoyo de siempre.

Agradezco a CAPES por haberme otorgado una beca para la realización de esta tesis.

Agradezco a mis amigos del grupo de estudios de sintaxis, Leticia, Claudia, Rosi, Ezekiel, Janayna, Alexandre, Lorena, Danilo, Lorrant. Aprendí mucho con las discusiones sobre sintaxis y otros temas. Gracias a mis amigas y amigos Fernanda, Klauber, Joana, Vitor, Thiago, Cássio, Fernando, Mayara, Vitória, Fernando, Tarcisio. Muito obrigado, pessoal.

Agradezco a mis padres Eddy y Rafo; a mis Hermanos Eddy, Carlos, Marcos, Dani. Siempre están en mi corazón.

Resumen

CAMACHO, Rafael Ramirez. **Marcación diferencial de objeto y doblado de clíticos en el español de Lima.** 2019. 219 f. Tesis (Doctorado) — Facultad de Filosofía, Letras e Ciencias Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

El objetivo central de esta tesis es explicar el contexto en el que aparece la marca A del objeto directo del español hablado en la ciudad de Lima (Perú); el análisis es extendido a la marcación del objeto indirecto. Utilizo para el análisis el aparato teórico de la Geometría de Rasgos (HARLEY; RITTER (2002)) y la operación Agree (CHOMSKY (2000, 2001)). La propuesta que defiendo es que la marcación de diferencial de objeto (DOM en sus siglas en inglés) en el español es desencadenada por la concordancia del rasgo verbal afectación (medición) con el nudo organizador class de D copiado en el verbo. Si class domina [animado], habrá marca A. Para el caso del objeto indirecto, la concordancia debe ser entre el rasgo verbal de atomicidad y el nudo organizador individuation de D copiado en el verbo. Si individuation domina [minimal] o [group], habrá marca A. Las concordancias ocurren en el verbo.

El análisis que propongo dispensa de la operación movimiento para explicar el DOM del español; una característica que lo diferencia de otras hipótesis sobre el fenómeno. Por otro lado, el análisis muestra una relación entre los rasgos de especificidad en el DP objeto y medición en el verbo; no puede haber especificidad en el DP objeto sin medición en el verbo. Una relación diferente de la de DOM, aunque relacionada.

Usando siempre la Geometría de Rasgos, es propuesto un análisis para el doblado de clítico acusativo del español de Lima. Basado en el trabajo de SÁNCHEZ (2006, 2010) defiendo que el clítico que dobla debe contener el rasgo [max(imizing)], rasgo que cuando es aplicado al evento verbal expresa la totalidad del evento.

Palabras clave: marcación diferencial de objeto, medición, animacidad, especificidad, doblado, geometría de rasgos.

Resumo

CAMACHO, Rafael Ramirez. **Marcação diferencial de objeto e redobro de clíticos no espanhol de Lima**. 2019. 219 f. Tese (Doutorado) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

O objetivo central desta tese é explicar o contexto onde aparece a marca A do objeto direto no espanhol falado na cidade de Lima (Peru); a análise é estendida para a marcação do objeto indireto. Utilizo para a análise o arcabouço teórico da Geometria de Traços (HARLEY; RITTER (2002)) e a operação Agree (CHOMSKY (2000, 2001)). A proposta que defendo é que a marcação diferencial do objeto (DOM em suas siglas em inglês) no espanhol é engatilhada pela concordância do rasgo verbal afetação (medição) com o nó organizador class de D copiado no verbo. Se class dominar o traço [animado], é gerada a marca A. Para o caso do objeto indireto, a concordância deve ser entre o traço verbal de atomicidade e o nó organizador individuation de D copiado no verbo. Se individuation dominar [minimal] ou [group], é gerada a marca A. As concordâncias acontecem no verbo.

A análise que proponho dispensa da operação movimento para explicar o DOM do espanhol; uma característica que a diferencia de outras abordagens do fenômeno. Por outro lado, a análise mostra uma relação entre os traços de especificidade no DP objeto e medição no verbo: não pode ter especificidade no DP objeto sem medição no verbo. Uma relação diferente de DOM ainda que relacionada.

Usando sempre a Geometria de Traços, é proposta uma análise para o redobro com clítico acusativo do espanhol de Lima. Baseado no trabalho de SÁNCHEZ (2006, 2010), defendo que o clítico que dobra deve conter o traço [max(imizing)], traço que quando aplicado no evento verbal expressa a totalidade do evento.

Palavras-chave: marcação diferencial do objeto, medição, animacidade, especificidade, redobro, geometria de traços.

Abstract

CAMACHO, Rafael Ramirez. **Differential object marking and clitic doubling in the Spanish of Lima**. 2019. 219 f. PhD dissertation — Faculty of Philosophy, Letters, and Human Sciences, University of São Paulo, São Paulo, 2019.

The main aim of this thesis is to explain the context in which the A-marker of the direct object of Spanish spoken in the city of Lima (Peru) appears; the analysis is extended to the marking of the indirect object. I worked in the framework of the Feature Geometry (HARLEY; RITTER (2002)) and the Agree operation (CHOMSKY (2000, 2001)). The proposal that I defend is that the differential object marking (DOM) in Spanish is triggered by the agreement of the verbal feature affectedness (measure out) with the organizing node class of D copied in the verb. If class dominates [animate], there will be a A-marker. For the case of the indirect object, the agreement must be between the verbal feature of atomicity and the organizing node individuation of D copied in the verb. If individuation dominates [minimal] or [group], there will be a A-marker. The concordances occur in the verb.

The analysis that I propose does not resort to the operation of movement to explain the DOM of Spanish; a characteristic that differentiates it from other hypotheses about the phenomenon. On the other hand, the analysis shows a relationship between the specificity in the DP object and measure out in the verb; there can be no specificity in the DP object without measure out in the verb. A different relationship from the DOM, although related.

Using always the Feature Geometry, an analysis is proposed for the direct object clitic doubling of the Spanish of Lima. Based on the work of SÁNCHEZ (2006, 2010), I defend that the clitic doubling must contain the feature [max(imizing)], a feature that when applied to the verbal event expresses the totality of the event.

Key words: differential object marking, measure out, animacy, specificity, doubling, feature geometry.

Índice

Capítulo 1

Introducción	12
---------------------------	----

Capítulo 2

Análisis de DOM en español	15
---	----

2.1 Introducción.....	15
2.2 Propuestas sobre la marca A en español.....	17
2.3 DOM desde una perspectiva sintáctica.....	17
2.3.1 Torrego (1998)	17
2.3.2 Rodríguez-Mondoñedo (2007).....	35
2.3.3 López (2012).....	46
2.4. DOM desde una perspectiva morfológica	50
2.4.1 McFadden (2004).....	51
2.4.2 Zdrojewsky (2013).....	55
2.5 DOM y nombres tipo individual, tipo kind.....	61
2.5.1 Krifka, Pelletier, Carlson, Ter Meulen, Link, Chierchia (1995).....	61
2.5.2 Fassi Fehri (2004).....	64
2.5.3 Espinal y Borik (2012, 2015).....	69
2.6 Conclusión.....	73

Capítulo 3

Geometría de D

3.1 Introducción.....	74
3.2 Especificidad.....	74
3.3 Cuatro tipos de especificidad.....	75
3.3.1 Especificidad de alcance.....	75
3.3.2. Especificidad epistémica.....	76
3.3.3. Especificidad relativa.....	76
3.3.4. Especificidad partitiva.....	77
3.4 Especificidad y DOM en español.....	81
3.5 La geometría de Harley y Ritter (2002).....	84
3.6 Cowper and Hall (2003)	89
3.7 Una geometría para el D del español.....	94
3.8 Conclusión.....	104

Capítulo 4

Desarrollo de la hipótesis central

4.1 Introducción.....	106
4.2 Rasgos en el DOM del español.....	106
4.3 Afectación.....	113
4.4 DOM y objetos inanimados.....	132
4.5 Aparentes contraejemplos.....	140
4.6 DOM y kinds.....	145
4.7 DOM en contextos complejos.....	151
4.8 La marca A del objeto indirecto.....	159
4.8.1 Alcance y altura de los objetos.....	168
4.9 Conclusión.....	177

Capítulo 5

Clíticos en el dialecto de Lima

5.1. Introducción.....	178
5.2. Los datos del dialecto de Lima (DL).....	179
5.3. La propuesta de Sánchez (2006, 2010).....	181
5.4. Una propuesta alternativa.....	190
5.5. Conclusión.....	204
6. Conclusión.....	205

Referencias bibliográficas

Capítulo 1

Introducción

El objetivo central de esta tesis es investigar las condiciones en las que en español ocurre la Marcación Diferencial de Objeto, (DOM) en sus siglas en inglés. Mis herramientas de análisis son principalmente la Geometría de Rasgos (Harley y Ritter 2002) y la operación Agree (Chomsky 2000, 2001). Propongo que la marca A del objeto directo en español (1) es generada cuando entran en concordancia el rasgo afectación del verbo y el rasgo animicidad del objeto. En Torrego (1998, 1999) estos rasgos ya fueron propuestos como parte de la marcación en español; aunque, a diferencia de la autora, no considero que rasgos como especificidad o telicidad participen de la marcación.

(1) Juan vio **a** la chica.

Asumo Tenny (1992, 1994) quien equipara afectación con medición; el grado de afectación del objeto depende del progreso del evento. Así, un objeto afectado mide el avance del evento. Por otra parte, sólo un objeto individualizado (con su referencia establecida) podría medir al verbo, esto es, medición requiere un objeto con un D con rasgos de número, género y persona.

La operación que pondría en relación el rasgo medición con animicidad es Agree. De acuerdo con Chomsky (2000, 2001), una sonda buscará localmente una meta para valorar sus rasgos no interpretables; una vez valorados, estos rasgos deben ser eliminados. En un sistema como el de la Geometría de Rasgos, la copia no podría ser de valores, ya que se asume monovalencia. De modo que deben copiarse en el verbo los rasgos interpretables de D. Para el caso que nos interesa, debe copiarse el rasgo animicidad, que al ser dominado por medición en V, permite la generación de la marca A. Sin embargo, la marca A aparece, en algunos contextos, con objetos inanimados (2):

(2) a. Juan abrazó a las columnas.

b. Juan vio al auto llegar.

En la oración (2a), la única lectura posible es que se abrazó separadamente a las columnas, de acuerdo con Rodríguez-Mondoñedo (2007). Mi propuesta en este caso es

que casos como (2a) están restringidos a verbos con la peculiaridad de que incluso en plural no permiten lectura de objeto junto, una opción que el plural siempre ofrece. Propongo que verbos tipo *abrazar* permiten que medición haga concordancia con el plural del objeto. Así, la marcación de objeto en español no ocurriría exclusivamente con animicidad; el plural del objeto también podría medir a algunos verbos. Algo esperable si pensamos que número y género sirven para individualizar a un DP, y medición no podría interactuar con un objeto no individualizado como se dijo. Por otra parte, para casos como (2b), mi propuesta es que el objeto fue animizado.

Decía que el rasgo especificidad no formaría parte de la operación DOM del español; no obstante, el análisis de los datos mostrará una interesante relación entre los rasgos medición y especificidad: No es posible tener especificidad en el objeto si no hay medición en el verbo. En líneas generales podemos decir que el verbo necesitaría valorar sus rasgos phi, entre otras razones, debido a que rasgos lexicales como medición necesitan concordar con rasgos de D como animicidad para poder licenciarse. El DP objeto también requiere del verbo: su rasgo de especificidad requiere de la presencia de medición. Este tipo de dependencia recíproca encaja en el mecánica de la operación Agree de Chomsky.

La disertación está dividida en cuatro capítulos. En el primer capítulo, presento y discuto algunas propuestas sobre la marcación del objeto en español. Tal vez la diferencia central con aquellas propuestas sea que no apelo al movimiento del objeto para explicar la aparición de la marca A; apelo exclusivamente a la operación Agree de Chomsky, que no requiere de movimiento. Basado en el trabajo de Fassi Fehri (2004), discuto el tema de los objetos tipo kind con la marca A. En coincidencia con Brugé y Brugger (1996), propondré que los kinds pueden ser animados (con marca A) o inanimados (sin marca); aunque mi implementación será en Geometría de Rasgos. En este marco también explicaré por qué los kinds definidos no pueden ser pluralizados en español, de acuerdo con Borik y Espinal (2015).

En el segundo capítulo, discuto la noción de especificidad que asumo en esta tesis, la de especificidad partitiva (Enç 1991). Propondré una geometría para el DP del español. En esta geometría se debe incluir los rasgos de especificidad, definitud y los rasgos de atomicidad planteados por Fassi Fehri.

En el tercer capítulo, desarrolló la hipótesis central de esta tesis: la marca A depende de medición en el verbo y animicidad en el objeto. Discuto algunas propuestas en la literatura sobre el rasgo afectación; finalmente adoptaré la propuesta de Tenny

(1992, 1994) para quien afectación debe ser entendida como medición. Discutiré y propondré una geometría del verbo y el objeto de los casos canónicos del DOM en español, y también de los casos de DOM con objetos inanimados y en contextos complejos (ECM, causativas). Asimismo, desenvolveré una geometría para los casos de DOM con kinds. Posteriormente, aplicaré el análisis hecho para la marca del objeto directo (OD) a la marca del objeto indirecto (OI); propongo que la marca A del OI sea entendida también como un caso de DOM. Específicamente, definiendo que los rasgos involucrados en la marcación del OI son atomicidad, un rasgo del verbo, y los rasgos de número (singular/plural) del objeto. Se crea así cierto paralelismo entre la marcación del OD con la marcación del OI: los rasgos de animidad del OD junto con el rasgo verbal medición son necesarios para generar la marca A del OD; los rasgos de número del OI junto con el rasgo verbal atomicidad son usados para la generación de la marca A del OI.

Finalmente en el capítulo cuatro, basado en el trabajo de Sánchez (2006, 2010), aplico las ideas desarrolladas en el DOM para el doblado de clíticos en el español de Lima (DL). Defiendo que el clítico que dobla responde fundamentalmente al rasgo [max(imizing)] que, de acuerdo con Sharvy (1980), indica totalidad en los determinantes definidos. La presencia de [max] en la geometría del verbo con un clítico que dobla permite explicar el siguiente contraste anotado por Sánchez:

- (3) a. Vio a los jugadores.
- b. Los vio a los jugadores.

En la oración (3a), es posible interpretar que se vio sólo una parte de los jugadores o que se vio a todos; en (3b) es solo posible la segunda lectura. Mi propuesta es que en (3b) hay un rasgo [max] en el clítico que lleva a la lectura de un evento total.

Capítulo 2

Análisis de DOM en español

2.1 Introducción

El fenómeno de Marcación Diferencial de Objeto (DOM en sus siglas en inglés) ha sido estudiado tanto desde un punto de vista sintáctico (AISSEN (2003), NÆSS (2004), TORREGO (1998), CARNIE (2005), RODRÍGUEZ-MONDOÑEDO (2007), LÓPEZ (2012), ORDÓÑEZ; ROCA (2019), entre otros) como morfológico (KEINE; MÜLLER (2008), GLUSHAN (2010), ZDROJEWSKI (2013)). El término DOM se refiere al hecho de que muchas lenguas no necesariamente emparentadas marcan su objeto directo de una forma diferente dependiendo de rasgos como definitud, especificidad (TORREGO (1998), AISSEN (2003), FERNÁNDEZ RAMÍREZ (2006)), animicidad (TORREGO (1998), RODRÍGUEZ-MONDOÑEDO (2007), LÓPEZ (2012)); o también de propiedades pragmáticas como individuación, prominencia (KLIFFER, 1984), topicalidad (LEONETTI, 2004), entre otros. Se asume, por lo general, que tales marcas expresarían el caso que recibiría el objeto.

Los siguientes ejemplos muestran casos de DOM en español y turco. En español, un objeto tipo nombre propio de un verbo como *saludar* debe ser marcado obligatoriamente con A (4); por su parte, en turco un nombre común puede ser marcado con *-i* opcionalmente dependiendo de la definitud/especificidad del DP:

(4) a. Enrique saludó **a María**.

b. Enrique saludó **una chica**.

(5) a. Ali bir kitab-**i** aldi

Ali one bookAcc bought

‘Ali bought the book’

b. Ali bir kitap-**Ø** aldi

Ali one bookAcc bought

‘Ali bought some book’

Turkish (AISSEN, 2003:454)

Bossong (1991) señala que las lenguas muestran tres tipos de sincretismo en relación con la marcación de sus objetos: (a) el acusativo es la misma marca del dativo; (b) el acusativo alterna con una marca Ø; (c) el acusativo es la misma marca del genitivo. Los siguientes datos ejemplifican cada caso:

Acusativo=dativo

- (6) a. Adneen-ne Naadyaa-**ko** bazaar-mẽ dek aa
 AdnaanErg NadyaaAcc=Dat market in saw-perf
 ‘Adnaan saw Naadyaa in the market place’
- b. Ravii-ne kaccaa kelaa kaataa
 RaviErg unripe banana cut
 ‘Ravi cut an unripe banana’ Hindi (AISSSEN, 2003:466)

Acusativo versus Ø

- (7) a. hin kitap-**tĩ** uqiy-hĩn Bashkir (BOSSONG, 1991:248)
 you the bookAcc read-2sg
 ‘You are reading the book’
- b. hin kitap-**Ø** uqiy-hĩn
 you a/some bookAcc read-2sg
 ‘You are reading a book’

Acusativo=genitivo

- (8) a. Ja vstrečaju dorig**ih** gostej Russian (BOSSONG, 1991:160)
 I meet dearAcc=Gen guestsAcc=Gen
 ‘I meet dear guests’
- b. Ja pokupaju dorig**ie** vešč**i**.
 I buy expensiveAcc thingsAcc
 ‘I buy expensive things’

Por su parte, el español se comporta como las lenguas de tipo (a):

- (9) a. Juan le entregó el libro (objeto directo) **a María** (objeto indirecto)
 b. Juan vio **a María** (objeto directo)

En esta tesis, me propongo mostrar que los rasgos participantes del DOM del español son dos: afectación y animicidad. Rasgos como especificidad, definitud, telicidad tendrían un papel indirecto. Los datos corresponden al español hablado en la ciudad de Lima (Perú); no obstante, el análisis puede aplicarse a otras variedades del español de América y de España, ya que en relación con la marca A no existen diferencias sustanciales entre los dialectos.

2.2 Propuestas sobre la marca A en español

En esta sección presento distintas propuestas sobre el DOM del español. Empiezo con la propuesta seminal de Torrego (1998, 1999) en el marco del Programa Minimalista de la gramática generativa; sigo con la exhaustiva propuesta de Rodríguez-Mondoñedo (2007) usando la operación Agree en el marco del modelo minimalista. Continúo con López (2012), quien usando el DOM del español, explora la interface sintaxis-semántica; sigo con Zdrojewski (2013) quien analiza la marcación con A en la interface sintaxis-morfología, específicamente en el marco de la Morfología Distribuida. Todas esas obras desarrollan un análisis profundo y exhaustivo con una data muy completa que muestra aspectos inéditos del fenómeno.

2.3 DOM desde una perspectiva sintáctica

2.3.1 Torrego (1998)

A partir de Chomsky (1995) y Hale; Keyser (1996), Torrego asume una estructura de v-VP (10) donde los objetos con una lectura específica salen del VP para una posición de segundo especificador de v. Sólo DPs específicos pueden subir a esta posición (siguiendo a Diesing 1992); también DPs animados pueden estar en esa posición porque van a recibir un rol agentivo secundario (extendiendo ideas de Marantz 1984); además en esa posición el objeto puede delimitar el evento (telicidad) y ser afectado (MARANTZ, 1990). Esos rasgos (especificidad, animicidad, agentividad, telicidad, afectación) están relacionados con el DOM del español, de acuerdo con la autora.

(10)

Hay otra razón por la que los DPs deben moverse. Siguiendo a Chomsky (1995), Torrego asume que *v* tiene opcionalmente un rasgo D fuerte que atrae a los objetos marcados con A; este tipo de objeto también tendrá un rasgo D que deberá cotejar contra el *v*. Cuando *v* no tiene ese rasgo D fuerte, entonces el objeto no necesita subir para cotejar su caso contra *v*. Torrego introduce en el análisis de DOM del español un nuevo ingrediente: telicidad, y por tanto el tipo de verbo envuelto en la operación. Observemos los siguientes casos de la autora:

- (11) a. Laura escondió a un prisionero durante dos años.
 b. Laura escondió un prisionero durante dos años.

La oración (11a) es ambigua entre una lectura de actividad (un acto repetitivo de esconder; no hay un punto final) en donde el adverbio indica el tiempo durante el cual ocurrieron diversos actos de esconder, y una lectura de realización (*accomplishment*; un único acto de esconder, con un final por tanto) en donde el adverbio indica el tiempo en el que el prisionero estuvo escondido. La oración (11b) tiene solo la lectura de actividad.

Por otro lado, considera Torrego que animicidad es un rasgo que también interviene en el DOM del español, aunque la diferencia entre animado e inanimado no sería de naturaleza semántica; casos como (12) la llevan a pensar eso:

(12) Esconde *(a) Bárbara.

En (12) el objeto puede referirse a una cerveza, un barco o una revista; no necesariamente refiere a algo animado. La autora va a proponer cambiar el rasgo animicidad por [ACTOR], que Jackendoff (1993, p. 180) caracteriza como sigue: “An [EVENT] that is also an [ACTION] involves a character with a special role -the one who is performing the [ACTION]. We will call this character the [ACTOR]”. El siguiente sería un caso de objeto con el rasgo [ACTOR], según la autora:

(13) El ácido afecta (a) los metales.

Si los objetos con A suben a una posición de especificador de v, y estos objetos deben ser animados, entonces en esa posición los DPs deben cumplir con ese requisito (o sea, deben tener el rasgo [ACTOR]). La razón por la que deben ser animado/actor es que en esa posición, el objeto recibiría un rol agentivo secundario (MARANTZ 1984). La autora estaría relacionando el rasgo [ACTOR] con ese rol agentivo secundario. No es obvio sin embargo en qué sentido el objeto de (13) es más agentivo que el sujeto. Se espera que quien afecte al otro sea el agente del evento y no el ente afectado.

Torrego plantea una alternativa a la hipótesis del rol agentivo secundario, aunque finalmente no la adoptará. Como se dijo, v debe tener un rasgo D que debe ser cotejado con el rasgo D del DP. La autora sugiere que podría ser el caso que v presente también un rasgo de persona que deba cotejar con el DP; este rasgo de persona justificaría que el DP deba ser animado. La autora parece tener en mente el hecho de que la 1 y 2 persona son marcadas con el rasgo persona y siempre son animadas, es decir, hay una relación de implicación entre esos rasgos. Como se verá, esta es una relación explotada también por Rodríguez-Mondoñedo (2007).

En esta tesis, asumo que el rasgo animicidad es uno de los rasgos que el DOM del español expresa. No es necesario vaciar de contenido semántico al rasgo. En los casos como (12) que Torrego discute, habría ocurrido una animización del objeto; llamar a un objeto inanimado con un nombre de persona es una forma de personalizarlo.

Otro rasgo que participaría del DOM del español es especificidad; sigue el análisis de especificidad de Torrego. La expresión idiomática *todo bicho viviente* lleva un determinante definido o *strong* según Milsark (1974). Este tipo de determinante es excluido de contextos existenciales, el efecto de definitud; ejemplo de la autora:

(14) *Hay todo bicho viviente en la sala.

Si un objeto definido fuerza la presencia de la marca A (15), se espera que la expresión idiomática siempre sea marcada; es lo que se ve en (16); casos de la autora:

(15) Escondieron *(a) su amigo.

(16) Han escondido *(a) todo bicho viviente.

Recuérdese que el verbo *esconder* permite objetos indefinidos sin A:

(17) Han escondido (a) un prisionero.

Concluye Torrego que debe ser algo inherente en la semántica del DP que requiere la presencia de la A. La autora va a asumir que tal rasgo es especificidad (ENÇ 1991). Así, si la expresión *todo bicho viviente* es inherentemente específica, deberá ser marcada con A.

Basada en la noción de especificidad de Enç, Torrego va a explicar la presencia de la marca A en los siguientes casos:

(18) a. Escondieron *(a) cinco de ellas.

b. Escondieron *(a) cinco de tus alumnos.

c. Escondieron ?(a) cinco de los alumnos.

d. Escondieron (a) cinco.

Según Enç, los partitivos son necesariamente específicos, por tanto, se espera que la ausencia de la A genere agramaticalidad. Esto ocurre en a, b y marginalmente en c¹. La posibilidad de no tener A en d prueba para Torrego que los numerales no son necesariamente específicos. Obsérvese ahora los siguientes ejemplos de la autora:

(19) a. Buscan a un narcotraficante (de modo que no pueda salir del país).

b. Buscan un narcotraficante (*de modo que no pueda salir del país).

¹ La autora no ofrece una explicación de la más leve agramaticalidad del caso c; aunque para mí, el caso c es tan agramatical como a ó b.

Dice Torrego que el contraste entre a y b en (19) se sigue si asumimos que sólo la versión con A tiene un objeto específico. Sólo cuando tenemos a alguien en mente, podemos hacer un comentario especificando algo sobre ese objeto.

Obsérvese los siguientes casos de la autora:

- (20) a. Escondieron aquí una amiga durante la guerra.
 b. Escondieron aquí a una amiga durante la guerra.

Señala Torrego que el significado de las dos oraciones de (20) no es el mismo. (20a) tiene la lectura común en donde el adverbio *aquí* ubica la acción del verbo. (20b) tiene esa lectura y otra en donde el adverbio indica que la amiga que fue escondida está físicamente presente. Argumenta la autora:

A subtle pointing towards the friend with body language occurs during the utterance of this sentence. This is another semantic effect of the overt Case marking of objects. Presumably, only when existence of the object is presupposed is indexical pointing toward the object allowed (TORREGO 1998, p. 70).

Como dice Enç, especificidad presupone existencia; Torrego relaciona la presuposición con la presencia de la marca A. Me gustaría añadir que ese uso peculiar del adverbio en (20b) puede parafrasearse con un demostrativo; añado el siguiente caso:

- (21) a. Escondieron a esta amiga durante la guerra.
 b. *Escondieron esta amiga durante la guerra.

Como es sabido, todos los demostrativos son considerados específicos (COWPER Y HALL (2003), entre otros). Sin la marca A, la oración no es posible (21b).

Otro rasgo que a criterio de Torrego debe expresar el objeto DOM del español es afectación, una noción introducida por Anderson (1977). Intuitivamente, una entidad es entendida como afectada cuando cambia su locación o cuando cambia física o psicológicamente. Torrego coloca el siguiente contraste:

- (22) El guardia vio (a) un prisionero. Marca A es estructural.
 (23) El guardia golpeó *(a) un prisionero. Marca A es *quirky*.

Según la autora, el verbo *golpear* afecta a su objeto; con el verbo *ver* no hay tal afectación. Así, la marca A es obligatoria sólo en el primer caso. En (22) el objeto puede recibir A o no. Basada en Hale; Keyser (1992) y Marantz (1990), Torrego asume que afectación se correlaciona con una posición estructural determinada: especificador de v, como muestra (10). Por otro lado, los objetos afectados (y sólo ellos) recibirán un caso *quirky* (caprichoso), es decir, reciben caso inherente y estructural. La autora asume la teoría de Grimshaw (1990) sobre la organización de los argumentos de acuerdo con dos dimensiones: la temática y la aspectual. Un verbo como *arrestar* toma dos argumentos, un agente y un tema. El agente es temática y aspectualmente más prominente que el tema; tenemos una coincidencia en las relaciones de prominencia de los argumentos, por tanto, el agente es proyectado como el argumento externo y el tema, como argumento interno. Señala Torrego que debido a que los objetos afectados suben a la posición de especificador de v, entran en competencia con el agente en la dimensión aspectual, ya que tal objeto subido presenta características típicas de los sujetos: definitud y topicalidad; en la dimensión temática, el agente siempre es más prominente. El argumento interno es marcado con caso *quirky* porque no es prominente temáticamente. Por otro lado, los objetos con A no afectados recibirán sólo caso estructural como en (22). Notar que la autora distingue entre dos tipos de marca A: la que expresa caso *quirky* (23), que aparece sólo con los objetos afectados, y la que expresa sólo caso estructural (22). Torrego parece introducir aquí la idea de que no es necesario que estén todos los ingredientes presentes (especificidad, animicidad, agentividad, telicidad, afectación) para tener DOM en español; según la autora, en (22) no hay afectación. En otro momento comparando las oraciones de (24) dirá que la versión con objeto sin A no tiene especificidad, aunque la versión con A sí tiene. Por tanto, sería el caso que especificidad es suficiente para obtener A; no sería necesario afectación. Puede inferirse que la opcionalidad de la A en (22) se debería a que especificidad puede ser opcional.

- (24) a. Allí vieron una mujer muerta.
 b. Allí vieron a una mujer muerta.

En Torrego 1995, la autora señala que la versión de verbos como *ver*, *besar* con un objeto con A tiene una interpretación más agentiva. Sigue el ejemplo de la autora:

(25) Vieron/besaron (a) una niña.

El verbo *ver* de (25) en la versión de objeto con A puede tener el significado de *encargarse, ocuparse de*; en inglés el equivalente es la locución *see to*. El verbo *ver* con el objeto sin A de (25) es perceptivo. El verbo *vio* de la oración (26) que añadido equivale solamente a *encargarse de/ocuparse de*:

(26) Yo me encargué de un alumno; Pedro vio *(a) una alumna.

Cabe destacar que en (24) la autora no menciona el significado agentivo de *ver*; por lo que debe asumirse que tiene en mente el significado perceptivo. Siendo así, podemos decir que para Torrego en la versión agentiva del verbo hay afectación y hay especificidad, por tanto, la A no puede faltar. En la versión perceptiva del verbo, no hay afectación, y especificidad es opcional; la A es opcional (24)².

Mi propuesta en relación con el verbo *ver* es que afecta necesariamente a su objeto cuando es agentivo, y lo afecta opcionalmente cuando es perceptivo. De acuerdo con Tenny (1992, 1994), la presencia del adverbio *halfway* indica que el objeto fue afectado³. Obsérvese los siguientes casos (traduzco *halfway* como *a medias*):

(27) Juan vio (se encargó de) a medias a un niño.

(28) a. Juan vio a medias a una actriz. afectación

b. Juan vio (??a medias) una actriz. no afectación

(29) a. De aquel grupo, Juan vio a una actriz. especificidad

b. (*De aquel grupo), Juan vio una actriz. no especificidad

² Se va configurando una relación entre la presencia de afectación y el rasgo especificidad. Esta relación no es explotada por la autora, aunque (desarrollada de un modo diferente) será parte central de nuestro análisis.

³ Tenny usa el rasgo medición para explicar la noción de afectación: El objeto mide el evento verbal en el tiempo. Así, en (i) el progreso parcial (la mitad) en el objeto corresponde al progreso de la mitad del evento. El avance en el objeto indica el avance del evento.

(i) Perform a play halfway.

En la versión agentiva de *ver* (27), el adverbio *a medias* es compatible; lo que indica que hay afectación ahí. En la versión perceptiva del verbo en (28), el adverbio es compatible sólo en la versión con A. Esto indica que el *ver* perceptivo también puede afectar a su objeto aunque opcionalmente, ya que el adverbio no es posible en (28b). Podemos decir que la versión con A del verbo *ver* afecta a su objeto; sea esa versión agentiva (27) o perceptiva (28a). Cuando el verbo es perceptivo, la presencia de afectación es opcional (la A también); cuando el verbo es agentivo, es obligatoria (como la A).

Por otro lado, de acuerdo con Enç (1991), un DP es específico cuando puede ser incluido en un conjunto de pertenencia. Siendo así, las oraciones de (29), con *ver* perceptivo, muestran que sólo la versión con A puede ser específica. Surge una relación entre afectación y especificidad congruente con el análisis de Torrego, aunque para la autora la versión perceptiva de *ver* no afecta a su objeto; los casos de (28) muestran que no es así.

Defiende Torrego que la información temática del sujeto también debe ser tomada en consideración para la marcación del objeto. Específicamente, señala que la marcación con A ocurre con verbos que tienen un agente o una causa como sujeto. Obsérvese el caso del verbo existencial *haber*, considerado como inacusativo; los ejemplos son de Torrego:

(30) Había (*a) muchos amigos.

(31) Los había por todas partes.

En (30) la marca A no es posible; aunque el verbo *haber* tiene la facultad de licenciar acusativo como lo muestra el clítico en (31), de acuerdo con el análisis de la autora. La falta de A se relaciona así con la falta de agentividad en el predicado. La autora añade la siguiente evidencia:

(32) El herido exigía/pedía a un médico.

(33) La situación exigía/pedía (*a) un médico.

El objeto puede aparecer marcado sólo en (32), donde el sujeto es agentivo. Algo similar ocurre con el verbo *esconder*; ejemplo de la autora:

(34) Esa montaña esconde (*a) muchos prisioneros de guerra.

En principio, la lectura de *esconder* de (34) es de estado; no es de realización (11a) o actividad (11a, 11b) como se vio antes. En el contexto de (34), en el que el sujeto es no agentivo-causativo, la A no es posible. Compárese con (35), en donde la A es posible y el sujeto siempre es agentivo:

(35) Laura escondió (a) un prisionero.

Torrego usa (34) para proponer, en un nivel intuitivo, que la intervención de un agente parece contribuir al final (“the intended endpoint”) de la eventualidad descrita por el predicado.

La autora presenta algunos verbos de realización que imponen una A a sus objetos indefinidos, incluso si el sujeto es animado o no; lo que importa es que el sujeto tenga una lectura de agente (36) o de causer (37), (38):

(36) El soldado emborrachó *(a) varios colegas.

(37) El vino emborrachó *(a) varios invitados.

(38) La lluvia empapó *(a) muchos turistas.

Torrego (1998) defiende que la sensibilidad de DOM para con el tipo de sujeto sería porque los dos argumentos (sujeto y objeto) están ubicados en v. Dice la autora (TORREGO 1998, p. 16): “The v of the v-VP configuration that yields overt object raising will host two specifiers: the specifier of the agentive subject and the specifier of the raised object”. Asume la autora que si los dos elementos son especificadores, entonces debe existir una relación entre el rol de uno y la presencia de la A en el otro: si el rol externo es agente-causa, habrá A.

Sigue el análisis de Torrego de verbos estativos (los ejemplos del (39) al (51) son de la autora):

(39) Inés conoce (a) un médico.

(40) La ópera conoce (*a) muchos aficionados.

El objeto de (40) no puede ser marcado con A y su sujeto es no agentivo; en (39) el objeto puede ser marcado y su sujeto es agentivo. Por tanto, colige Torrego que la restricción de agentividad se mantiene en los estativos.

(41) Conocen (a) un vecino.

(42) Odian *(a) un vecino.

La marca A es obligatoria con el verbo *odiar* y opcional con *conocer*. Torrego explica esa diferencia argumentando que el sujeto de *odiar* es siempre agentivo o “activo” y el de *conocer* no necesariamente. Basada en Pesetsky (1995), la autora defiende que los verbos de la clase de *odiar* (hate) denotan emociones “activas” y transitorias, por tanto, su sujeto debe ser agentivo. Pertenecen a este grupo los verbos *respetar* y *admirar*:

(43) Admiran/respetan *(a) un amigo.

Una prueba usada por la autora para diferenciar a los estativos de otros verbos es que no permiten el progresivo:

(44) *Yo estoy conociendo historia.

(45) Yo estoy odiando la clase de zoología.

El progresivo es posible con el verbo *odiar* (45), por tanto, tal verbo no puede ser estativo.

(46) Estoy conociendo a un vecino.

(47) *Estoy conociendo un vecino.

Con el verbo *conocer*, sólo la versión con A permite el progresivo. Lo que indica que tal versión es no estativa sino agentiva; el objeto debe llevar A.

Obsérvese ahora los siguientes casos:

(48) a. ¡Conoce a un vecino!

b. *Conoce tu vecino/la respuesta.

(49) a. Juan forzó a su hijo a conocer al vecino.

b. *Juan forzó a su hijo a conocer la respuesta.

(50) a. Juan conoció a un vecino deliberadamente.

b. *Juan conoció un vecino/la respuesta deliberadamente.

(51) a. Lo que hizo Juan es conocer a un vecino.

b. *Lo que hizo Juan es conocer un vecino/la respuesta.

Sugiere Torrego que predicados estativos pueden pasar a ser actividades. El imperativo, permitido sólo en la versión con A (48a), indica que el verbo pasó a ser actividad. El progresivo y el imperativo son testes estándares para distinguir al predicado estativo de los no estativos.

Sólo predicados no estativos pueden ser complementos del verbo *forzar*. En (49a) el objeto del verbo *conocer* lleva A. Lo que indica que se trata de un predicado no estativo; además su sujeto es agentivo. Por otro lado, el adverbio *deliberadamente* es permitido sólo con no estativos; únicamente la versión con A (50a) permite el adverbio. Por último, estativos no pueden aparecer en construcciones *pseudo-cleft*; sólo la versión con A no estativa (51a) es compatible con esa construcción.

En resumen, según Torrego el DOM del español es sensible a los siguientes rasgos: telicidad, afectación, animicidad, agentividad y también especificidad. Coincido con la autora en que esos rasgos participan del DOM del español, sin embargo, no todos participarían directamente. La necesidad de que el objeto con A sea animado es por lo general aceptada en la literatura (aunque véase más adelante Zdrojewsky 2013), y en esta tesis también adoptamos esa hipótesis. La agentividad del sujeto estaría relacionada con la necesidad de que el objeto sea afectado, es decir, solo un sujeto agentivo puede afectar a un objeto. Por otra parte, considero que lo que la autora estaría llamando de rol agentivo secundario sería la consecuencia de la afectación que sufre el objeto. Afectación es cambio; este cambio que sufre el objeto estaría siendo identificado por Torrego como un rol agentivo secundario. La autora defiende que el objeto marcado con A debe ser afectado y recibir un rol agentivo secundario; esto puede parecer un poco contradictorio. Nuestra hipótesis es que afectación provoca un cambio en el objeto. Identificar ese cambio con agentividad borra la diferencia entre un agente y un paciente.

En relación con telicidad, planteo que no participaría directamente del DOM del español, ya que incluso con verbos de actividad es posible tener A. Repito los ejemplos de Torrego con otra numeración:

(52) a. Laura escondió a un prisionero durante dos años.

b. Laura escondió un prisionero durante dos años.

Según la autora, en (52a) puede haber lectura de actividad (varios actos de esconder) o de realización (un único acto de esconder). En (52b) es solo posible la lectura de actividad. Por tanto, la A es opcional cuando se trata de un verbo de actividad, un verbo considerado no télico. Coincido con la autora en que los verbos estativos no marcan sus objetos con A, aunque no sería porque son no télicos sino porque no afectan a sus objetos.

Sigue el ejemplo de Fábregas (2013) sobre el verbo *conocer* que, como se vio, puede tener una versión estativa y otra no estativa:

- (53) a. Inés conoce muchos admiradores. estativo
 b. Inés conoce a muchos admiradores. actividad

Dice Fábregas que en (53a) Inés conoce de la existencia de muchos admiradores; en (53b) se sugiere que ella tiene una interacción personal con ellos. Esa interacción del objeto con el sujeto puede ser interpretada como una manifestación de la afectación del objeto que postulamos. De acuerdo con Torrego, Fábregas señala que en versiones como (53a) el verbo es de estado y en (53b), es de actividad. Como se vio, sólo la versión con A permite progresivo (incompatible con estativos) como en (54a). Por otro lado, la compatibilidad con los adverbios *a medias/parcialmente* (54b) indica que efectivamente hay afectación sólo en la versión con A; la versión sin A no permite los adverbios (54c). (54a) es ejemplo del autor; (54b), (54c) son míos:

- (54) a. Inés está conociendo *(a) muchos admiradores.
 b. Inés está conociendo a medias/parcialmente a muchos admiradores.
 c. ??Inés está conociendo a medias/parcialmente muchos admiradores.

La marcación diferencial de objeto del español aparece en eventos télicos (realizaciones), pero no exclusivamente; como se vio, también aparece opcionalmente con eventos no télicos (actividades). Por tanto, la marca A no puede depender de la telicidad del evento; aunque concuerdo con Torrego en que los estados nunca permiten la marca A. Mi propuesta es que afectación puede explicar tal comportamiento. En un evento tipo realización siempre habría afectación, por tanto, siempre hay A. En (55a) el adjunto *en dos minutos* indica que el evento es una realización; y la compatibilidad del adjunto *a medias* delata la presencia de afectación. Por su parte, en una actividad, la

afectación será opcional. En las oraciones de (56) el adjunto *durante dos días* indica que hay una actividad. El adjunto *a medias/parcialmente* sólo es posible en la versión con A (56a); lo que sugiere que sólo ahí hay afectación. Finalmente un evento tipo estado nunca afecta a su objeto, por tanto, nunca habrá A. Repito el caso (40) de Torrego, como (57). Así, telicidad participa del DOM del español, pero de manera indirecta. Los casos (55), (56) son míos:

(55) En dos minutos, Juan escondió a medias *(a) un periodista.

(56) a. Durante dos días, Juan escondió a medias/parcialmente a un periodista.

b. Durante dos días, Juan escondió (??a medias/??parcialmente) un periodista.

(57) La ópera conoce *(a) muchos aficionados.

Me gustaría ahora repetir los casos de Torrego que muestran que la agentividad del sujeto es necesaria para la marcación con A del objeto:

(58) a. El vino emborrachó *(a) varios invitados.

b. La lluvia empapó *(a) muchos turistas.

El sujeto no es un agente, ya que es inanimado; es un causer que desencadena la acción verbal. Al respecto dice la autora (TORREGO 1998, p. 15): “One detectable property of accusative *a*-objects is that they occur with verbs that take an agent or a cause as subject (...)”. Propongo que como causer, tal sujeto afecta al objeto, y provoca un cambio en él. La agentividad del sujeto (agencia o causación) participa en DOM, aunque relacionada con la afectación; sin afectación no hay A.

Finalmente, no comparto la idea de Torrego de que especificidad desencadena también DOM en español, ya que hay objetos no específicos con la marca. Según Enç (1991), una forma de identificar objetos no específicos es la compatibilidad con el adjunto *uno u otro*. Propongo el siguiente caso:

(59) Juan vio a un senador; no sé a cuál, pudo haber sido uno u otro.

El complemento es compatible con el objeto marcado con A, de modo que especificidad no puede desencadenar DOM en español. Por otro lado, un

contrargumento presente en la literatura (RODRÍGUEZ-MONDOÑEDO (2007), LÓPEZ (2012), LEONETTI (2004), entre otros) contra la hipótesis de que la A marca especificidad es que formas como *nadie*, *alguien* requieren la marca como muestra los casos de (60) de Torrego, que nos recuerda que la A no es obligatoria con esos verbos (61):

(60) a. No veo/busco *(a) nadie.

b. Veo/busco *(a) alguien.

(61) Veo/busco (a) un amigo.

Torrego se basa en el análisis de Heim (1987) de la forma *who* del inglés (*quién* en español) para explicar los casos de (60). La idea es que en casos como (62a) *who* puede ser usado con el significado de “*what persons*” (un significado tipo “kind”). Señala que lo mismo aplica para el español, porque la respuesta puede ser en plural: *había gente de todo tipo*. Continúa Torrego:

Following Heim, I assume that *quién* introduces a 'kind' variable in there-be sentences, whereas in (iv)⁴ it introduces a semantically individual variable; in the former case the variable is non-specific and in the latter specific. Like *who* in Heim's analysis, perhaps *alguien* and *nadie* are semantically interpreted as individual variables at LF. I leave this issue open. (TORREGO 1998, nota 56, p. 175)

(62) a. ¿Quién había?

“Who was there?”

b. *(A) quién viste?

(To) whom did you see?

“Whom did you see?”

No es claro en la hipótesis de la autora por qué solo cuando la variable es individual puede llevar A. En español es posible que los objetos tipo kind puedan ser

⁴ (iv) equivale a (62b).

marcados con la preposición; la autora no discute este aspecto. Propongo el siguiente caso:

(63) Los nativos exterminaron (a)l dodo.

Mi propuesta en relación con esas formas indefinidas empieza por notar que la oración (62a) es anómala, incluso con la respuesta que Torrego coloca: *había gente de todo tipo*. La pregunta para esa respuesta podría ser *¿quiénes estaban?* Por otro lado, si pasamos el verbo al tiempo presente o futuro, la agramaticalidad es clara:

(64) a. *¿Quién hay?

b. *¿Quién habrá?

De modo que podemos decir que la marca A sería obligatoria siempre con el *quién* interrogativo (62b)⁵. No obstante, si la A depende de la afectación (y animicidad), y verbos como *ver* tienen opcionalmente afectación como fue visto, entonces deberíamos esperar opcionalidad de la marca A también con las formas *quién*, *nadie*, *alguien*; pero como los datos muestran, la marca es obligatoria. Mi respuesta a este problema se divide en dos partes: a) propongo que las formas *quién*, *nadie*, *alguien* son específicas; b) propongo que hay una relación entre especificidad y afectación: para que haya especificidad en el objeto, debe haber afectación en el verbo. Pasaré inmediatamente a ejemplificar la primera parte. Por ahora asumiré que la segunda parte es viable; la ejemplificación y discusión de esta segunda parte la haré en detalle en el capítulo 3.

Como se mencionó, Enç defiende que un objeto específico puede ser incluido en un conjunto de pertenencia; las formas indefinidas que discutimos pueden ser incluidas:

⁵ Ante un verbo existencial, las formas *quién/a quién* no son posibles en posición de objeto. Podemos decir por tanto que las formas *quién/a quién* no son posibles en posición dislocada (*¿quién había?/*¿a quién había?) ni en posición de objeto (*¿había quién?/*¿había a quién?). No tengo una explicación para esta imposibilidad.

- (65) a. De las personas que aparecen en esta lista, Juan sobornó a alguien.
 b. De las personas que aparecen en la lista, Juan no sobornó a nadie.
 c. De las personas que mencionaste, dime por favor a quién escondiste.

Propongo que esos objetos de (64) serían siempre específicos. Surge la cuestión sobre por qué oraciones con frases agresivamente *non-D linked* (no conectadas con el discurso) como *the hell* (diablos) son compatibles en casos como (62b):

- (66) ¿*(A) quién diablos viste en la reunión?

No tengo una respuesta completa para este asunto; sin embargo, me gustaría notar que oraciones como (66) son compatibles con un conjunto de pertenencia, lo que sugiere que incluso con frases *non D-linked* el objeto puede ser específico:

- (67) De los amigos que querías saludar, ¿dime a quién diablos viste?

El objeto del verbo *ver* puede ser incluido en el conjunto de pertenencia *de los amigos que querías saludar*.

He propuesto que los objetos de (65) son siempre específicos; aunque en la hipótesis que propongo, y contra Torrego, especificidad es un rasgo que no participaría del DOM del español. Obsérvese (68a) donde el objeto es específico (tal objeto puede ser incluido en el conjunto de pertenencia *de aquella flota*, por tanto, es específico de acuerdo con Enç (1991)), hay afectación en el verbo (el adverbio *parcialmente* es compatible); pero no es posible la marca A, porque el objeto es inanimado:

- (68) a. De aquella flota, Juan compró parcialmente (*a) un carro.
 b. Juan sobornó parcialmente a alguien.
 c. Juan no sobornó parcialmente a nadie (lo hizo totalmente).
 d. Dime por favor a quién escondiste a medias/parcialmente.

La marca A de los objetos de (65) se produciría porque los objetos son animados y el verbo los afecta, es decir, produce un cambio en ellos. En (68b-d) la compatibilidad

del adverbio *parcialmente*, que expresa afectación, sugiere que hay afectación en el verbo.

Obsérvese que cuando un verbo presenta opcionalmente afectación (por ejemplo, los verbos *conocer*, *esconder*, *sobornar*), los objetos indefinidos que discutimos siempre llevan A. Lo que indicaría que la especificidad de esos objetos requiere la versión con afectación del verbo (asumiendo que afectación y animicidad desencadenen la marca A):

- (69) a. Juan conoció *(a) alguien.
b. Juan no conoció *(a) nadie.

Parece ser el caso que efectivamente para que haya especificidad en el objeto es necesario que haya afectación en el verbo. Si las formas indefinidas que analizamos siempre son específicas (como *defiendo*), entonces siempre se necesitará de afectación en el verbo. Con afectación y animicidad en el objeto, habrá A. Sin embargo, eso no puede ser todo, porque ante un verbo existencial esos indefinidos no pueden llevar A:

- (70) a. Aquí hay (*a) alguien.
b. No hay (*a) nadie.

Los objetos de (70) pueden ser incluidos en un conjunto de pertenencia:

- (71) a. De aquel grupo de amigos, hay alguien que siempre viene.
b. De tu grupo, no hay nadie.

(71) mostraría que tales objetos son específicos. Por otro lado, el verbo *haber* no presentaría afectación⁶:

⁶ Si el verbo *haber* no tiene afectación, es esperable que sea compatible con objetos no específicos (ya que la dependencia es de especificidad hacia afectación y no lo contrario); la predicción se cumple. En (i) el objeto es no específico como lo muestra la imposibilidad de ser incluido en el conjunto de pertenencia: (i) (*De aquel grupo), hay una chica. Regreso sobre estos casos en el capítulo 3.

- (72) a. *Había parcialmente alguien en la fiesta.
 b. *No había parcialmente nadie.

Decía que el rasgo especificidad del objeto requiere que haya afectación en el verbo; sin embargo, los datos de (71), (72) muestran que especificidad es compatible también con la ausencia de afectación. Esto no necesariamente hecha por tierra la idea de que especificidad requiere de afectación. Alternativamente podría pensarse que la necesidad del rasgo especificidad de entrar en relación con el verbo, puede resolverse de dos formas, con afectación o sin ella. Supongamos que la relación entre especificidad (en el objeto) y afectación (en el verbo) se instancia vía la operación Agree. Siendo así, la relación especificidad-no afectación no sería vía Agree sino podría ser por Merge. Es decir, la necesidad de especificidad del verbo podría ser entendida como caso en el marco de la operación Agree; caso estructural vía Agree, caso inherente vía Merge⁷. Este análisis permite decir que el rasgo especificidad del objeto siempre va a entrar en relación con el verbo. Si hay afectación en el verbo, este será el rasgo con el que especificidad se relacionará. En otras palabras, la presencia de especificidad asegura que habrá afectación en el verbo, pero puede haber afectación sin especificidad. Si hay afectación y animicidad, habrá A; especificidad es opcional.

El análisis desarrollado permite mantener la idea de que los objetos indefinidos *nadie*, *alguien*, *quién* son siempre específicos. Especificidad requiere de afectación en el verbo, aunque este requerimiento de especificidad es resuelta sin afectación cuando el verbo es existencial⁸.

⁷ De acuerdo con Chomsky (2000, 2001), caso es el reflejo de la valoración de los rasgos phi no interpretables del verbo con los rasgos interpretables de D. Después de que ocurre la valoración, el DP valorará su caso. El desarrollo de la relación afectación-especificidad con caso excede los límites de este trabajo; queda para una futura investigación.

⁸ Enç (1991) señala que un verbo existencial es incompatible con formas específicas debido a que las formas específicas presuponen existencia, y un verbo existencial asevera existencia. Asume la autora que la presuposición de existencia es incompatible con la aseveración de la misma. En este contexto, supongamos que afectación implica existencia, es decir, recién cuando hay afectación en el verbo, habrá existencia. Esto se cumple con verbos no existenciales; pero cuando el verbo es existencial, no sería necesaria la presencia de afectación porque el problema de saber si el verbo tendrá o no existencia fue resuelto dándole al verbo la existencia como parte de su significado. Este rasgo lexical que define la existencia haría prescindir del rasgo afectación en el verbo. En este caso, la manera de relacionarse de especificidad con el verbo no podría ser vía afectación sino vía aquel rasgo lexical “existencial”.

2.3.2. Rodríguez-Mondoñedo (2007)

Según Rodríguez-Mondoñedo, la marca A es la materialización del caso dativo que recibe el objeto directo. El autor argumenta que los objetos con A y sin A ocupan diferentes posiciones en la sintaxis (73). La categoría funcional vP sería fundamentalmente defectiva en español, ya que solo tendría el rasgo de [número]. Asumiendo Agree (CHOMSKY 2001; BOŠKOVIĆ, 2007), argumenta el autor que un DP sin A se mueve sólo hasta la posición de especificador de ese v; ahí será valorado en el único rasgo phi que tiene, [número], y recibirá caso. El autor asume que estos DPs que tienen sólo [número] son los inanimados y algunos no específicos. Por otro lado, un DP con A sube hasta el nudo DatP que no es defectivo: tiene [número] y [persona]. Aquí tal DP sí puede ser valorado en todos sus rasgos, y por tanto recibirá un caso. Estos DPs son los animados e indefinidos como *nadie*, *quien*, *alguien*, que llevan un rasgo de persona. El siguiente árbol ilustra lo dicho:

(73)

Sobre la posición del sujeto en (73), el autor considera las siguientes dos opciones: a) Una estructura de split vP donde el sujeto es generado encima de las frases donde el objeto se mueve para licenciar su caso; en español, encima de DatP. b) El

sujeto en español no es realmente tal. Así, los rasgos del sujeto, incluso los roles temáticos, pueden ser cotejados por morfemas de concordancia tipo clíticos.

Por otro lado, siguiendo a Bošković, asume el autor que para que la meta reciba caso debe c-comandar a la sonda; esto explica que el DP con A deba subir hasta [spec, DatP] y el DP sin A suba hasta [spec, vP].

Según el autor, hay dos tipos de determinantes definidos o indefinidos en español: D, *D. Los elementos con el rasgo persona tendrán un determinante D (definido o indefinido), y podrán recibir *choice function*⁹ o no, por tanto, serán específicos o no específicos. Si esos elementos son animados, serán marcados con A. Para recibir la A deben llegar hasta DatP, como fue dicho. Las formas con determinante *D (definido o indefinido) no pueden recibir *choice function* (son siempre no específicos); nunca tendrán A. Estos no llegan hasta DatP; se quedan en la posición de especificador de v.

Siguen ejemplos del autor:

(74) a. Juan está buscando el decano más alto.

b. Juan está buscando al decano más alto.

En (74a) el objeto tiene un *D que no tiene persona ni especificidad; sin este rasgo, no hay *choice function*, por lo tanto, no hay A. En (74b) el objeto tiene D, el determinante con persona y especificidad.

Para Rodríguez-Mondoñedo, animicidad es el rasgo que genera DOM en español; lo hace vía el rasgo [persona], un rasgo ausente en los nombres inanimados, según asume el autor. Especificidad no será uno de los rasgos que desencadene obligatoriamente la presencia de la A. Añade los siguientes casos que, de acuerdo con su análisis, son objetos no específicos; aunque la marca es obligatoria:

(75) a. Juan no vio a nadie.

b. ¿A quién saludó María?

La marca A es inesperadamente obligatoria en (75), ya que si los objetos son no específicos, como asume el autor, deberían tener un *D, un determinante incompatible con la marca A.

⁹ El autor adopta la definición de Reinhart (1997) de *choice function*: A function *f* is a choice function CH(*f*) if it applies to any non-empty set and yields a member of that set.

Rodríguez-Mondoñedo asume que los componentes básicos de cualquier nominal son K^{10} , D, n, N. La estructura (76) es de los objetos indefinidos que nos ocupan:

(76)

Un determinante *D es incompatible con el rasgo persona. Siendo así, no habrá un rasgo de persona que pueda percolar a K; un K sin persona no puede ser marcado con A. La respuesta del autor a la obligatoriedad de la marca A en (75) empieza por notar que esos objetos indefinidos son un único ítem lexical complejo (*a single complex lexical item*); no hay un determinante y un nombre sino un único elemento. En este contexto, donde hay un elemento atómico, K podría ver los rasgos de *D como un todo; sigue la estructura del autor:

(77)

Si K logra obtener persona, entonces el objeto deberá ser marcado con A.

Como fue mencionado, mi propuesta es que los objetos de (75) son específicos; aunque la presencia de la A no se debe a la especificidad sino al hecho de que para que

¹⁰ K es el nudo que domina al DP, y que contiene un rasgo no valorado de caso que debe ser valorado vía Agree.

haya especificidad sería necesario que haya afectación en el verbo. Con afectación y animidad, hay A de acuerdo con la hipótesis que defiende.

Añade Rodríguez-Mondoñedo los siguientes casos:

- (78) a. No encontré (a) nadie que pudiera encargarse.
 b. Busco (a) alguien que sepa tres idiomas.

Según el autor, el responsable de la opcionalidad de la marca es la relativa que aparece como adjunto. Tal adjunto puede unirse cíclica o acíclicamente al DP. En el primer caso, el adjunto se une a D*, por tanto, se pierde la atomicidad (*a single complex lexical item*) necesaria para que K obtenga persona. En este caso, el objeto no tendrá A. Sigue la estructura del autor:

Si el adjunto se une acíclicamente, después de que K se unió con *D, entonces tal adjunto no interfiere, y K puede recibir persona. Así se obtiene la A. Nótese que para el autor la versión con A o sin ella siempre es no específica; lo que justifica que siempre sea *D.

Mi propuesta en relación con (78) empieza por notar que en modo indicativo la opcionalidad no es posible. Propongo los siguientes casos:

- (80) a. *No encontré (a) nadie que pudo encargarse.
 b. Estoy buscando *(a) alguien que sabe tres idiomas.

Tampoco la opcionalidad es posible cuando no hay adjunto:

- (81) a. Busqué *(a) alguien.
b. No busqué *(a) nadie.

La oración (80a) no es posible con A o sin ella debido a la restricción entre el modo indicativo y la negación en ese contexto. (80b) muestra claramente que el indicativo no permite la versión sin A del objeto. De modo que podemos decir que es únicamente el adjunto con un verbo en modo subjuntivo el que permite la opcionalidad de la A. Incluso la ausencia del modo subjuntivo no permite la opcionalidad de la marca A (81)¹¹.

Asumo el análisis de Rodríguez-Mondoñedo sobre la posición del adjunto en relación con la opcionalidad de la marca; defiende, sin embargo, que es el modo subjuntivo el que finalmente bloquearía la aparición de la A cuando se une cíclicamente al nominal que modifica. Una hipótesis no incompatible con la del autor.

Específicamente, el modo subjuntivo debe bloquear la aparición del rasgo especificidad del nominal cuando el adjunto se une cíclicamente al nominal. Cuando el adjunto con verbo en subjuntivo se une acíclicamente, no se bloquearía el rasgo especificidad del nominal modificado¹². Obsérvese los siguientes contrastes que propongo:

- (82) a. De aquel grupo, busco a alguien que sepa tres idiomas.
b. ??De aquel grupo, busco alguien que sepa tres idiomas.

La posibilidad de poder incluir el objeto con A de (82a) en el conjunto de pertenencia *de aquel grupo* indica que tal objeto es específico. El objeto sin A sería por tanto no específico (82b).

Parece ser el caso que cuando hay especificidad en el objeto, entonces hay A; sin embargo, esto no indicaría necesariamente que especificidad desencadena la A en español. Como se dijo, mi propuesta es que especificidad requiere que haya afectación

¹¹ Notar que los datos de (81) parecen descartar la opción de que sea la especificidad del nominal que decide el modo del adjunto, es decir, la dirección inversa de la que estoy asumiendo (el modo del verbo en el adjunto puede afectar la especificidad del objeto).

¹² Para un análisis de los diferentes tipos de relativas aplicado al portugués brasileiro, véase Kato; Nunes (2009).

en el verbo. Si hay afectación y el objeto es animado, entonces habrá A; puede decirse que especificidad participa indirectamente del DOM del español. Con todo, no es necesario que haya especificidad para tener A. Así, la versión con A (80b) puede ser no específica también; propongo el siguiente caso:

(83) Busco a alguien que sepa tres idiomas; puede ser uno u otro.

De acuerdo con Enç, la frase *uno u otro* indica la no especificidad de un nominal. Como es de esperar, tal frase también es compatible con el objeto sin marca:

(84) Busco alguien que sepa tres idiomas; puede ser uno u otro.

Hay una diferencia central en el análisis de Rodríguez-Mondoñedo y el que propongo; un objeto con A modificado por un adjunto con verbo en subjuntivo es no específico para el autor, aunque específico para mí¹³. La posibilidad de poder incluir el objeto con A en un conjunto de pertenencia (82a) indica que tal objeto es específico, según la noción de especificidad de Enç que estoy asumiendo. El autor deriva la interpretación de especificidad de (i) *a choice-function interpretation*, y (ii) *a strong interpretation* (RODRÍGUEZ-MONDOÑEDO (2007) p. 113). Como fue mencionado, la operación *choice function* aplica sobre un conjunto no vacío, y genera un miembro de ese conjunto. La idea de una interpretación fuerte (strong) está relacionada con la división que hace Milsark (1977) entre determinantes strong (determinantes definidos, cuantificadores universales) que no pueden aparecer en un contexto existencial (*there-be*) y determinantes weak (indefinidos, predicados de cardinalidad) que son compatibles en tal contexto.

Nótese que en el análisis del autor especificidad es una interpretación que se consigue a partir de una operación semántica. Sobre este punto, mi propuesta es que especificidad es un rasgo que aparece ya en la sintaxis; forma parte de una geometría de rasgos¹⁴. Una evidencia de que especificidad es un rasgo presente en la sintaxis es que hay lenguas que marcan especificidad. Como se vio, Enç defiende que el turco marca la especificidad en el objeto. Chung y Ladusaw (2004) afirman que los artículos de la

¹³ Rivero (1977) asume también que una relativa en subjuntivo es incompatible con un nominal con el rasgo especificidad.

¹⁴ Ver el capítulo 3 sobre este punto.

lengua maorí marcan también especificidad. No es claro cómo es posible marcar morfológicamente un rasgo cuya aparición depende de una operación en la Forma Lógica. Por otra parte, si asumimos con Suñer (1988) que un clítico es la materialización de los rasgos phi del verbo y sólo puede doblar objetos específicos, entonces necesariamente el rasgo especificidad debe estar presente en la sintaxis.

Rodríguez-Mondoñedo defiende que el rasgo animicidad genera el DOM en español; sin embargo, como es discutido por el autor, verbos como *abrazar* pueden tener A con un objeto inanimado; siguen sus ejemplos:

- (85) a. El chico abrazó a las columnas.
b. El chico abrazó las columnas.

En (85a) sólo puede interpretarse que las columnas fueron abrazadas separadamente, por tanto, hay varios eventos de abrazar. En (85b) es posible la lectura de un único abrazo, por tanto, el objeto aparece junto; aunque también es posible la lectura de (85a).

La respuesta del autor a ese potencial problema es que el verbo *abrazar* en (85) es cuantizado (*quantized*). El concepto de cuantización (quantization) fue propuesto por Krifka (1989, 1992, 1998) para dar cuenta de la estructura cuantizacional del nombre y del evento vía un homomorfismo entre la estructura de ambos: pedazos del tema se corresponden con partes del evento, así cuando el tema es agotado, el evento termina. Un nominal es cuantizado cuando es posible determinar su cantidad; un evento es cuantizado cuando es limitado/encerrado (bounded). Sigue la ejemplificación del autor:

[...] an event like *drink water* has to be cumulative since if we add or subtract any amount of water, the event remains the same. On the other hand, *drinking two beers* is a quantized event: if we add or subtract beers, we change the number of events (the more beer, the more events of drinking, since no beer is a proper subpart of the other); in other words, multiplication of the event is a sign of quantification. (RODRÍGUEZ-MONDOÑEDO 2012, p. 167)

Por otro lado, no siempre el plural cuantifica el evento. Así, la expresión *comprar los libros* puede tener una lectura cumulativa donde los libros son comprados de una sola vez; aunque también puede tener una lectura cuantizacional donde los libros pueden ser comprados uno por uno o en grupos pequeños, en cualquier caso hay varios eventos de comprar.

Basado en Martin (2005), considera Rodríguez-Mondoñedo que verbos como *abrazar* deben estar asociados con un sintagma (XP) cuyo núcleo tenga un rasgo [+quantize]; los DPs objeto de estos verbos también deben tener tal rasgo. Como se mencionó, para el autor, vP sólo tiene [número] (crucialmente, no tiene el rasgo [+quantize]), por tanto, el DP debe moverse hasta [spec, XP] para cotejar todos sus rasgos y recibir caso; el autor asume que en [spec, XP] en (86), el objeto recibe su caso. Sigue la estructura:

(86)

Notar que cualquier elemento que no coteje su caso en [spec, vP] (sino deba seguir subiendo, como en (73)) recibirá la marca A, porque no recibirá su caso en [spec, vP]. Esto sucede con los objetos [+anim] y ahora también con los [+quantize]. La propuesta que defiende evita apelar al movimiento del objeto para cotejar su caso (siendo la A la expresión de ese caso).

El autor asume Bošković (2007) para postular que el objeto con A sale del VP para una proyección DatP para poder ser valorado y a su vez valorar su caso; el objeto sin marca no se mueve tan alto. La diferente posición del objeto le permite al autor explicar las relaciones de alcance en (87). Siguen sus ejemplos:

(87) a. Le enviamos un especialista a todos los departamentos afectados. alcance estrecho.

b. Le enviamos a un especialista a todos los departamentos afectados. alcance amplio

En (87a) fue enviado un especialista diferente para cada departamento; lectura de alcance estrecho. En (87b) fue enviado el mismo especialista a todos los departamentos; lectura de alcance amplio.

Como se dijo, según el autor, en español hay dos tipos de determinantes definidos o indefinidos: D, *D. El determinante D (definido o indefinido) puede recibir *choice function* o no; y habrá A si el objeto es animado. El determinante *D (definido o indefinido) no puede recibir *choice function*; no habrá A. De acuerdo con lo propuesto, y asumiendo que el alcance amplio es posible con *choice function*, se espera que en (87b) pueda haber lectura de alcance amplio y lectura de alcance estrecho; sin embargo, solo es posible la de alcance amplio. En la versión sin A (87a), no hay *choice function*, entonces solo hay alcance estrecho.

Rodríguez-Mondoñedo adopta la propuesta de Cuervo (2003) de que los objetos en español están contenidos en una *Applicative Phrase*. La explicación de la imposibilidad de alcance estrecho en (87b) es que el objeto directo (OD) con marca es más alto que el objeto indirecto (OI) como en (87b'). Para que haya alcance estrecho, el OD debe estar más bajo que el OI, como en (87a'). Así, la salida del OD del VP hacia el DatP le permite al autor explicar las relaciones de alcance entre el OD y el OI. Siguen sus estructuras:

(87a') objeto directo no marcado

(87b') objeto directo marcado

La propuesta que defiende en relación con DOM no apela al movimiento del OD por razones de caso. Exploramos únicamente la operación Agree (CHOMSKY 2000, 2001) para los fines de caso. Mi explicación sobre la imposibilidad de tener alcance estrecho en (87b) no apela a la altura del OD en relación con el OI sino a la operación *choice function*. Regreso sobre este punto en la sección siguiente y capítulos posteriores.

2.3.3. López (2012)

En el análisis del autor, la oración con la marca A puede tener dos lecturas:

(88) Todo hombre amó a una mujer.

Un objeto marcado con A puede tener una lectura de alcance estrecho o lectura no específica (“cada hombre amó a una posiblemente diferente mujer”) y una lectura de alcance amplio o lectura específica (“hay una mujer que ellos amaron”).

López presenta la siguiente estructura (89), donde el objeto con la marca A aparece en la posición de especificador del nudo α P después de haberse movido desde la posición de complemento del verbo:

(89)

Según López hay dos clases de objetos directos; cada uno con una interpretación semántica diferente: DPs no seleccionados que aparecerán sin marca (90a); DPs seleccionados por un núcleo K (caso), y que llevarán la marca A (90b):

(90)

(a) D/N/NumP

(b)

K es considerado por el autor como una función semántica que toma un objeto del tipo $\langle e, t \rangle$ y produce un $\langle e \rangle$, es decir, K convierte a un predicado en un individuo (*choice function*)¹⁵. La marca A es la materialización de ese K. Para explicar las dos lecturas que tiene el objeto con A en (88), el autor va a variar la posición donde la operación *choice function* es cerrada existencialmente (*existential closure*). La lectura específica (*wide*) tendrá el *existential closure* encima del cuantificador universal (91a); la lectura no específica (*narrow*) lo tendrá después de tal cuantificador (91b):

(91)

a. $\exists f$ [toda mujer vio a f (un hombre)]b. [toda mujer vio a $\exists f$ [f (un hombre)]]

Este tipo de objeto con A debe cotejar su caso; pero no puede hacerlo en el dominio del VP porque no tiene el tipo correcto. Siguiendo a Carlson (2003), López asume que un VP denota una eventualidad, por tanto, cualquier objeto que combina con él debe ser un predicado. Esta situación genera que el sintagma con A salga del VP hacia la posición de especificador de αP (ver (90)) para obtener la configuración local adecuada: lo que era conocido como régimen (gobierno), según recuerda el autor. En esa posición, v puede gobernar al objeto KP.

Un objeto que no lleva A (92) es un predicado tipo $\langle e, t \rangle$ y solo tiene lectura de alcance estrecho (*narrow*) (cada hombre amó a una posiblemente diferente mujer). Este

¹⁵ La operación *choice function* (que selecciona a un elemento de un conjunto) fue diseñada (Reinhart 1997) como una alternativa para la explicación del alcance sin apelar a la operación *quantifier raising* (QR) (May 1985). Oraciones como (i) donde es posible interpretar el objeto *a un filósofo* como refiriéndose a un particular filósofo motivaron esa alternativa, ya que para que haya esa lectura de alcance amplio, el objeto debe salir de la frase condicional, que es una isla fuerte para el movimiento. En vez de apelar al movimiento, Reinhart apela a una operación enteramente semántica, *choice function*.
(i) Si Juan invita a un filósofo, María se molestará.

objeto predicado combina con el verbo vía coordinación cuyo efecto es restringir el predicado verbal (la operación *Restriction* de Chung; Ladusaw 2004) seguido por *existencial closure*. Debido a que estos objetos no son $\langle e \rangle$, necesariamente son interpretados como [-espec]. Asume el autor que este objeto sin A obtiene su caso vía incorporación a v, dejando una copia en V.

(92) Todo hombre amó una mujer.

Tenemos así que la lectura de alcance estrecho (*narrow*), se obtiene con *choice function* (88) y con *Restriction* (92).

El autor explica que un objeto movido a [spec, α P] debe encontrar cierto contexto para que pueda ser marcado con A:

(93)

- (i) properties of the DP it combines with [los determinantes cuyos significados impliquen especificidad requieren DOM: each, every, most, many, few].
- (ii) properties of the NP contained within the DP [por ejemplo, el rasgo animicidad]
- (iii) aspectual properties of the verb, as defined by α [por ejemplo, telicidad]
- (iv) thematic properties of the verb, as defined by v or by α and v together [por ejemplo, agentividad]

El autor aclara lo siguiente en relación con el rasgo especificidad: la posición [spec, α P] posibilita que haya lecturas específicas, pero no fuerza la especificidad. Esto explicaría por qué una oración como (88) *Todo hombre amó a una mujer* es ambigua entre una lectura [+espec] o una [-espec]. López asume que la lectura amplia ocurre con el rasgo [+espec] y la lectura estrecha con el valor [-espec]. Sin embargo, no queda claro en el análisis del autor por qué en esa posición es sólo el rasgo especificidad el que es opcional.

Finalmente, el autor ofrece las siguientes evidencias de que el objeto con A sufrió movimiento. El análisis está basado en la relación entre el objeto directo y el objeto indirecto. Obsérvese la siguiente data:

(94) [Context: What did the enemies do? They delivered X to Y but...]

Los enemigos no entregaron a su hijo **a/Ø** ningún prisionero.

“The enemies delivered no prisoner to his son.”

(95) a. *María le entregó a sí mismo un hombre.

María CL.DAT delivered DAT REFL a man

b. María le entregó a sí mismo **a** un hombre.

María CL.DAT delivered DAT REFL DOM a man

“Maria delivered a man to himself”

En (94), cuando el objeto directo lleva A, señala el autor que es posible obtener una lectura de cuantificador-variable, es decir, donde se puede parrear prisioneros e hijos. En la versión sin A de (94), esta lectura no está disponible; por tanto, por ejemplo, es posible que el hijo sea del interlocutor, y a este hijo le enviaron todos los prisioneros. López infiere que solamente el objeto directo con A debe c-comandar al objeto indirecto (el objeto sin A no c-comanda al objeto indirecto), ya que sólo ahí es posible la lectura de cuantificador-variable; no hay lectura de cuantificador-variable en la versión sin A, porque ese objeto no c-comanda al objeto indirecto. No concuerdo totalmente con los juicios del autor. Considero que es posible tener lectura de cuantificador-variable también en la versión sin A; propongo el siguiente caso:

(96) Durante los juegos, no (le) enviaron a su entrenador(OI) ningún atleta(OD).

En relación con (95), se muestra que sólo el objeto directo con A puede ligar al objeto indirecto reflexivo. Esta sería una evidencia de que sólo el objeto directo (OD) c-comanda al objeto indirecto (OI). No obstante, considero que en (97a), con un OD sin marca, es posible el ligamiento; también es posible con A (97b):

(97) a. La terapeuta reintegró a sí mismo(OI) un paciente(OD).

b. La terapeuta reintegró a sí mismo(OI) a un paciente(OD).

Si es así, tanto el OD con A como sin A c-comandarían al OI. Concuerdo con el juicio de agramaticalidad que el autor da para (95a). El problema de las oraciones de (95) es el verbo, que en ese contexto psicoanalítico no encaja bien. Considero que incluso (95b) es anómala.

El autor recurre al movimiento del objeto para fuera de V por razones de caso. Como se vio, López argumenta que un DP con A es un <e>, por tanto no tiene el tipo

correcto para cotejar su caso dentro de V; esto lo obliga a moverse para fuera del VP. Caso sería así sensible al tipo semántico de D. Según Chomsky (2001), con la operación Agree es suficiente para que el DP reciba un caso; caso es el reflejo de la valoración de los rasgos phi de v con los de D. No hay razones semánticas envueltas en la valoración de caso. Esta es la opción que seguimos en esta tesis. Nótese que el hecho de que caso no esté relacionado con movimiento (y por ende, tampoco con cuestiones semánticas) no elimina la posibilidad de que pueda haber movimiento del objeto motivado por el tipo semántico, como dice López. Sin embargo, como se vio, la evidencia que el autor coloca en relación con la diferente posición de los objetos no apoya su propuesta de que, como resultado del movimiento, el objeto con A está más alto que el objeto sin marca.

Por otro lado, como se discutió en la sección sobre Torrego, mi propuesta es que además de los rasgos centrales que provocan el DOM del español (afectación, animicidad), hay otros rasgos envueltos indirectamente (especificidad, agentividad). Este es un punto en el que coincido con López, aunque no es un objetivo del autor describir en detalle el contexto en el que aparece la marca A. Dice el autor al respecto:

Preempting likely criticism, I should clarify that the purpose of this monograph is not to provide a comprehensive description of the contexts in which DOM may appear universally or in any given language. Rather, it is to contribute to our understanding of the morphology-syntax-semantics interface, using indefinite objects and the DOM phenomenon as a database that allows falsifiable predictions to be formulated” (LÓPEZ 2012, pp. 10-11).

El objetivo de esta tesis es ofrecer una descripción de la interacción de los rasgos que participan directa o indirectamente del DOM en español.

2.4 DOM desde una perspectiva morfológica

Hasta donde se me alcanza, Zdrojewsky (2013) es el único trabajo donde se analiza el DOM del español dentro del marco de la Morfología Distribuida (MD). El análisis en esta tesis también usa herramientas de MD (como la Geometría de Rasgos de

Harley y Ritter (2002)), aunque como veremos mis conclusiones difieren en algunos aspectos con las del autor.

Antes de entrar en el análisis de Zdrojewsky (2013) me gustaría presentar las ideas de McFadden (2004), ya que Zdrojewsky construye su argumentación basado en aquel autor.

2.4.1. McFadden (2004)

Asumiendo el marco de la Morfología Distribuida (MD), McFadden defiende que caso es un fenómeno morfológico y que debe salir de la sintaxis. Fundamentalmente, la evidencia del autor es el fenómeno de *quirky case*. El sujeto de la oración (98) en islandés tiene una marca de caso (caso morfológico) dativo, aunque se comporta como un sujeto; razón por la cual se asume que recibió caso nominativo estructural o sintáctico. Por tanto, el DP termina con dos casos: dativo (morfológico) y nominativo (sintáctico). Esta incongruencia lleva al autor a defender que el caso morfológico no puede ser sólo una materialización del caso sintáctico. Tal caso morfológico, por otro lado, sería sólo una idiosincrasia de ciertas lenguas sin ningún impacto en la sintaxis (*narrow syntax*) o en LF.

- (98) Henni hefur alltaf þótt Ólafur leiðingur.
 Her:D has always thought Olaf:N boring
 ‘She has always found Olaf boring.’

McFadden (2004) asume la siguiente estructura del DP:

(99)

El autor considera que debe haber un núcleo K donde se expresa el caso de un DP. Este K toma a un DP como su complemento. Una evidencia para esto es el orden de los afijos en lenguas aglutinantes como el turco, donde caso es separable de número, y siempre va al final:

- (100) ev, ev-den, ev-ler, ev-ler-den
house, house-ABL house-PL house-PL-ABL
‘house, from the house, houses, from the houses’

Otra evidencia son los casos de conjunción de DPs:

- (101) Der Mann hat deinen Eltern und meinen Bruder eine Geschichte erzählt
The man has your parents:D and my brother:D a story told
“The man told your parents and my brother a story”
(102) Dieter hat dem Studenten und dem Arbeiter seine Bücher gezeigt.
Dieter has the student:D and the worker:D his books shown
“Dieter showed his books to the student and the worker.

En (101) hay dos sintagmas posesivos (PossP) unidos y recibiendo el mismo caso; en (102) son dos DPs en la misma situación. No son posibles los siguientes casos: a) dos PossP o dos DPs coordinados recibiendo distintos casos; b) dos casos unidos bajo un único PossP o DP. Señala McFadden que esto indica que K debe dominar PossP y DP; si K fuese dominado, serían posibles los casos a y b. Añade el autor que para que el caso b sea posible con K dominando, sería necesario unir dos ramas del árbol para inmediatamente dominar un mismo nudo; algo imposible.

Siguiendo a Marantz (1984), Noyer (1997), Embick (1998), el autor asume que los marcadores de caso son inseridos como morfemas disociados en el inicio de Spell-out antes del ingreso de Items Vocabulares (IVs) y linealización, porque tales marcadores deben ser materializados¹⁶. Por tanto, tales morfemas disociados entran cuando todavía hay jerarquía en la estructura; siendo así, deben añadir un nivel estructural a la proyección nominal. Sin embargo, el autor añade que esos morfemas no

¹⁶ Como dice Zdrojewsky (2008), el término morfema disociado permite capturar la idea de que no están presentes en la sintaxis o que la información que expresan está separada de la posición en la que se originan.

constituyen un real sintagma sintáctico, ya que no existen fuera de PF. Esta es la razón por la que el autor usa sólo K, y nunca KP.

Para limitar la proliferación de morfemas disociados, el autor asume que debe haber una restricción de localidad:

(103) A dissociated morpheme must be inserted as the sister of the node which triggers its insertion. (McFADDEN 2004. p. 239)

De acuerdo con (103), K debe ser insertado como hermano de DP a la derecha o izquierda. Según McFadden los rasgos que van a estar en el nudo K son dos: [+caso], [+inferior].

Asumiendo trabajos en MD (Calabrese 1996, Halle 1997, Halle y Vaux 1997) y trabajos en el estructuralismo (Hjelmslev 1935, Jakobson 1936), McFadden asume que categorías como nominativo, acusativo, dativo no son primitivos sino formas de referirse a un conjunto de rasgos. Así, Halle (1997) y Halle y Vaux (1997) proponen el rasgo [superior] como uno de los rasgos que forman la categoría caso¹⁷. Un DP tendrá el valor [-superior] cuando está en una posición regida; y será [+superior] cuando está en una posición no regida. McFadden va a usar el rasgo [+inferior] en un sentido similar al rasgo [+/-superior]; aunque no habrá ningún apelo a la noción de régimen sino a un mecanismo de asignación de caso dependiente, esto es, la asignación de [+inferior] dependerá de si hay algún elemento en la posición de spec de v:

(104) A DP is assigned dependent accusative case if it is c-commanded by a local filled Spec-vP. (p. 192)

El autor muestra la siguiente evidencia en alemán:

(105) Es gibt einen Fußballgott.

It gives a football-god:A

“There is a god of football”

¹⁷ Los otros rasgos son: “The feature specification [-oblique] is assigned to nominals that are arguments of the verb; [+oblique] is assigned to nominals that are not arguments of the verb. The feature [-structural] is assigned to nominals on non-structural, semantic grounds; [+structural] is assigned to nominals on the basis of their position in the syntactic structure, exclusively [...]. [-free] is assigned to nominals with a consistent role in argument structure; [+free] is assigned to nominals whose role in argument structure varies”. (McFADDEN 2004. p. 211).

- (106) a. Es wird heute getanzt!
 It becomes today danced
 “There will be dancing today!”
 b. Wird (*es) heute getanzt?
 becomes (*it) today danced
 “Will there be dancing today?”
- (107) a. Gibt *(es) einen Fußballgott?
 gives *(it) a football-god:A?
 “Is there a god of football?”
 b. Hat *(es) geregnet?
 has it rained
 “Did it rain?”

En (105) el expletivo *es* no temático y el DP recibe caso acusativo. Dice McFadden que en (105) el expletivo no es un verdadero expletivo. Un expletivo verdadero es introducido en spec-CP para satisfacer la necesidad de un tópico V2 en spec-VP¹⁸. En un contexto no-V2, estos expletivos verdaderos desaparecen (106b). Sin embargo, el expletivo *es* es aún obligatorio en ese contexto (107); lo que lo iguala con el expletivo de clima en (107b), antes que con verdaderos expletivos. Colige el autor que el expletivo “falso” de (105) y (107) debió ser introducido en spec-vP¹⁹.

Podemos decir hasta aquí que lo que define al caso acusativo, el rasgo [+inferior], responde a una condición de dependencia en relación con una posición. McFadden añade otra función al rasgo [+inferior]:

¹⁸ Mcfadden dice lo siguiente: “The key to understanding what is going on here is to note that, contrary to what one might expect on the basis of the English translation, *es* is not a normal expletive in this construction. German expletive *es* is introduced in Spec-CP in order to satisfy the need for a V2 topic in Spec-VP, thus it can be recognized by its disappearance in non-V2 environments like the inverted question in 196b (=106b)”. (p. 193).

¹⁹ La dependencia de (104) recuerda la Generalización de Burzio; no obstante, el autor se encarga de enfatizar que tal generalización incluye la asignación de un rol temático externo. La propuesta de él es acerca de posiciones.

Now, I have posited above the feature [+inferior], which is assigned to positions due to the presence of a higher structural argument within the phase, and which distinguishes accusative VIts [vocabulary items] from nominatives to ensure that they will be inserted into such environments. (MCFADDEN 2004, p. 217).

El mencionado rasgo serviría pues como una guía en el momento de insertar los Items Vocabulares (IV). Algo similar expresa el autor sobre el otro rasgo de K, el rasgo [+caso]: "...the feature [+case] which identifies a node as being a case marker (as opposed to an agreement marker, a determiner, a nominalizing head and so forth)" (p. 212).

Sintetizando, para el autor el caso acusativo sería un rasgo [+caso] que identifica al nudo como un marcador de caso y otro rasgo [+inferior] que indica la posición del DP y también permite diferenciar ese elemento de otros. Podría decirse que fundamentalmente caso es un rasgo complejo insertado en la morfología cuya función central es diferenciar ese nudo de otros en función del ingreso de los IVs. Por otro lado, el autor le da también al rasgo [+inferior] la función de expresar que el DP recibió un caso dependiente (104).

2.4.2. *Zdrojewsky (2013)*

El autor defiende que la marca A es la materialización de un nudo de caso (KP). Basado en McFadden (2004), Zdrojewski (2013) asume que el nudo KP es el resultado de una operación de reparación en PF vía un morfema disociado para que el DP obtenga su caso²⁰.

Voy a presentar en (109) la derivación que el autor hace de la oración (108):

(108) Yo saludé a Gala.

²⁰ Para ideas similares véase Ordoñez y Roca (2019), donde se defiende la idea de que la marca A es una preposición presente ya desde la numeración, y que ingresa debido a que v no puede licenciar el caso de ciertos objetos (animados, específicos).

(109)

SYNTAX

a. $\text{EM}(\sqrt{}, \text{DP}) \rightarrow \sqrt{}$ **STEP 2**b. $\text{EM}(\alpha, \sqrt{}) \rightarrow \alpha \text{P}$ **STEP 3**b. $\text{IM}(\text{DP}, \alpha \text{P}) \rightarrow \alpha \text{P}$ **STEP 4**c. $\text{EM}(v, \alpha \text{P}) \rightarrow$

movido antes de que ocurra la operación de Herencia (como en el paso 3), tal DP sale de la cadena de Herencia, es decir, no puede entrar en la relación Agree. Cuando *v* le hereda sus rasgos ϕ a la raíz (paso 5), el espacio de búsqueda/sondeo es determinado por la cabeza que hereda los rasgos. Siendo así, el DP movido salió del espacio de búsqueda de la raíz, por lo tanto, no hay Agree con él, como se ve en el paso 6. Para el autor Agree es el último link de la cadena de Herencia²².

El paso siguiente ocurre en PF. Se aplica el principio de McFadden de que el morfema disociado debe ser insertado como hermano del nudo que genera su inserción, una operación de reparación como fue mencionado:

(110) [uK] repair: DP[uK] $\rightarrow$ [KP K° DP]

Sigue a (110), la inserción del rasgo de M-caso [caso morfológico]:

(111) K[case] $\rightarrow$ K[case, inferior] / [v[D, u ϕ] [__]] (Adapted from MCFADDEN 2004)

El autor no explica por qué los rasgos $u\phi$ todavía están en *v* en (111), es decir, aún no ocurrió el proceso de herencia. Lo que debería ocurrir, según el autor señala, es que los rasgos $u\phi$ de la raíz se deletan o empobrecen (112) cuando el objeto DOM recibe su caso por el nudo KP.

(112) [u ϕ] $\rightarrow$ $\emptyset$

Por último, en PF ocurre la inserción vocabular de la marca A. Todos estos últimos pasos se ven en (113):

²² En relación con el sujeto, el autor asume que Agree entre T y el argumento externo ocurre cuando tal DP está en spec, vP. Así se evita que el DP en cuestión esté fuera de la cadena de herencia.

(113)

En (113) aparecen aún en v° los rasgos phi del objeto: $v^\circ[D, u\phi]$. Dice el autor (ZDROJEWSKY 2013, p. 15): “The DOM DP can move to Spec,vP after the inheritance process takes place. The complex head $v^\circ[u\phi]$ - $\sqrt{}^\circ$ raises to T. At PF, the DOM DP copies its $[\phi]$ features into $v^\circ[u\phi]$. The effect of this mechanism is Clitic Doubling“. El autor añade el siguiente caso:

(114) María la vio a ella.

Si el objeto no sube hasta Spec,vP, es decir, permanece en αP ; no hay clítico.

Zdrojewsky no considera que rasgos como afectación, telicidad intervengan en el DOM del español. El rasgo animicidad participaría sólo en ciertas clases de verbos, los de consumo/creación. Para el autor, DOM es la expresión de una operación de inserción de un morfema disociado (K). Siendo así, no encontramos una explicación del comportamiento de la marca A en (115), con un verbo que no es de consumo o creación.

(115) a. Juan encontró (*a) un problema.

b. Juan encontró (a) un alumno.

Aunque el autor no es explícito al respecto, al asumir la hipótesis de López de que hay un nudo αP entre *v* y la raíz, estaría asumiendo también la motivación para que el DP salga del VP, a saber, la incompatibilidad de tipo semántico: si el DP es un argumento ($\langle e \rangle$), entonces no podrá quedarse en el VP que es compatible sólo con elementos $\langle e, t \rangle$. En relación con el contraste de (115), no es claro por qué el objeto de (115a) debería quedarse en el VP, y por tanto, no ser marcado con A; y por qué el objeto de (115b) puede salir o no del VP. Mi análisis empieza por asumir que la restricción de animicidad aplica con todos los verbos, no sólo con los de consumo/creación; por tanto, un objeto como el de (115a) no puede llevar A. Para casos como (115b), defendí que hay verbos con un rasgo opcional de afectación. Así, la versión sin A no es compatible con el adverbio de afectación; lo que sugiere que no hay afectación ahí (116a). En la versión con A, tal adverbio es compatible (116b):

- (116) a. ??El investigador encontró parcialmente una actriz.
 b. El investigador encontró parcialmente a una actriz.

El autor defiende que en contextos complejos la restricción de animicidad tampoco aplica. En (117) el objeto salió de la cadena de herencia y por tanto es marcado con A.

- (117) Vio *(a)l camión venir.

Sin embargo, no todos los DPs permiten esa alternancia; propongo los siguientes casos:

- (118) a. Vi la huelga venir.
 b. *Vi a la huelga venir.
- (119) a. Vi la crisis venir.
 b. *Vi a la crisis venir.

Dependiendo del DP, la marca no es posible en posición preverbal (118b), (119b). Mi propuesta es que nombres como *camión* permiten ser animizados al tener la posibilidad de locomoción; nombres como *huelga*, *crisis* no tienen esa opción, por tanto, no permiten la marca A.

Finalmente, la hipótesis de Zdrojewsky de que la marca A es un morfema disociado que entra después de la sintaxis será adoptada en esta tesis.

2.5 DOM y nombres tipo individual, tipo kind

El objetivo central de esta sección es discutir aspectos relacionados con dos tipos de DPs: kinds y objetos. Las características de cada uno de estos tipos de nombre nos permitirá explicar el hecho de que los kinds pueden ser marcados con A. Comienzo con las ideas de Krifka; Pelletier; Carlson; Ter Meulen; Link; Chierchia (1995) sobre nombres tipo objeto y tipos de kinds; continúo con la descomposición en rasgos de los kinds y objetos hecha por Fassi Fehri (2004); sigo con una restricción sobre los kinds en español observada por Espinal; Borik (2012, 2015).

2.5.1 Krifka, Pelletier, Carlson, Ter Meulen, Link, and Chierchia (1995)

Krifka; Pelletier; Carlson; Ter Meulen; Link; Chierchia (1995) distinguen dos tipos básicos de genericidad: la que ocurre en el DP (expresiones de referencia a especies (120)) y la que está ligada a la oración como un todo (sentencias genéricamente cuantificadas (121)). Nos interesa aquí el primer tipo, ya que queremos saber si el objeto directo del verbo es del tipo kind o del tipo objeto (un objeto en particular).

(120) Los dinosaurios fueron exterminados por un meteorito.

(121) El italiano toma vino con la cena.

Dice Müller (2003, p. 163) en relación con las expresiones de referencia a kinds (especies): “**Expressões de referência a espécies** referem-se a toda uma classe de entidades e não a cada uma delas. ‘O café’, ‘o telefone’ e ‘o mico leão dourado’ nos exemplos (122)-(124) não se referem a objetos particulares, mas sim à espécie, à classe em si mesma”²³.

²³ Los ejemplos de la autora corresponden a los números (36)-(38) de su texto.

(122) **O café** foi cultivado pela primeira vez no Brasil no século XVIII.

(123) Graham Bell inventou **o telefone** no século XVIII.

(124) **O mico leão dourado** é raro.

Añade Müller que una de las principales diferencias entre kinds y objetos es que un objeto sólo puede estar en un único lugar en un momento determinado; en cambio, kinds pueden estar al mismo tiempo en varios lugares, debido a que el kind no es un único elemento. Comenta la autora:

‘Meu carro’, por exemplo, não pode estar ao mesmo tempo na minha garagem e na oficina. Espécies, ao contrário, podem estar em muitos lugares ao mesmo tempo. ‘Cachorros’ podem estar ao mesmo tempo tanto em minha casa quanto no sítio de meus amigos e ‘substantivos’ podem ocorrer em diferentes falas ou textos num mesmo momento (MÜLLER 2003, p. 155).

Krifka et al. proponen algunos testes que ayudan a distinguir DPs kinds de DPs objetos. El primer teste está relacionado con la compatibilidad con predicados que se refieren sólo a kinds:

(125) a. The lion will become extinct soon.

b. Lions will become extinct soo.

c. Bronze is a metal/was invented as early as 3000 a.c.

Los ejemplos de los autores colocan al kind en la posición de sujeto; sin embargo, en español el verbo *extinguirse* puede tener una versión transitiva donde el kind aparece como objeto:

(126) a. Un meteorito extinguió (a)l dinosaurio.

b. Aquel ingeniero inventó (a)l robot volador.

Los objetos de las oraciones de (126) no refieren a un ejemplar en particular (objeto) sino de toda una clase (kind). Los ejemplos presentan un determinante definido;

sin embargo, una situación similar ocurre con un determinante indefinido, aunque la lectura será taxonómica, es decir, de subespecie o subkind:

(127) Un meteorito extinguió (a) un dinosaurio, el herbívoro.

Según Krifka et al., un subkind sería uno de los tres usos que un nombre como *whale* (ballena) puede tener. Un primer uso es como un predicado referido a los especímenes del kind *Cetacea* (por ejemplo, *una ballena pasó ayer por aquí*); un segundo uso es como un nombre referido al kind *Cetacea* en sí mismo (por ejemplo, *La ballena es el mamífero más grande en la Tierra*); y un tercer uso es como un predicado que se refiere al subkind *Cetacea*, por ejemplo, la ballena azul, la ballena esperma, el delfín, etc. El tercer uso corresponde a un subkind.

Krifka et al. señalan que los nombres taxonómicos o subkind (SK) pueden aparecer en distintas formas:

(128)

- a. The dolphin is a whale.
- b. The dolphin and the porpoise are whales.
- c. One whale, namely the blue whale, is nearly extinct.
- d. Two whales, namely the blue whale and the fin whale, were put under protection.
- e. This whale, namely the blue whale, is nearly extinct.
- f. The whale which was most recently put under protection is the blue whale.
- g. Every whale (from the pygmy whale to the blue whale) is protected by law.

El segundo teste refiere al hecho de que no es posible formar un DP kind con cualquier tipo de DP. Dicen los autores (Krifka et al. 1995. p. 11): “Basically, the noun or complex nominal constituent must be semantically connected with a “well-established kind” to which the noun phrase then can refer” (p. 11). Siguen los ejemplos:

(129) a. The Coke bottle has a narrow neck.

b. ??The green bottle has a narrow neck. (con lectura genérica)

La oración (129b) es anómala porque *the green bottle* no es una especie (kind) familiar; aunque *the Coke bottle* sí lo es. Obsérvese los siguientes casos en español:

- (130) a. Juan vende la botella de Coca a buen precio.
 b. ??Juan vende la botella verde a buen precio.

La oración (130b) es anómala con lectura genérica, porque se trata de una clase no familiar.

Krifka et al. (1995. p. 12) advierten el siguiente problema con este último teste: “The issue raised by this third test is whether it tests for reference to a kind or whether it tests only for reference to a “well-established” kind, whatever that may turn out to be in the end” (p. 12).

2.5.2 Fassi Fehri (2004)

Fassi Fehri (2004) presenta una clasificación exhaustiva de los nominales basada en dos rasgos, [atomic] y [singulative]. Esta clasificación es importante observando el objetivo de esta tesis de dar una explicación en términos de geometría de rasgos del DOM del español.

Fassi Fehri considera que la clasificación nominal basada en el rasgo “count/mass” no es adecuada, fundamentalmente porque al estar basada en un único rasgo [+count] no da cuenta de los distintos tipos de nombres que habría. El autor va a proponer una clasificación de cuatro tipos de N de acuerdo con su ontología: kinds (K), individual²⁴ (I), groups (G), masses (M). Los siguientes son casos del árabe (131a-d), del inglés (132) (tomado de Fassi Fehri; Vinet 2008) y (133) del francés (tomado de Vinet 2009) :

²⁴ En lo que sigue, siguiendo la terminología de Fassi Fehri (2004), llamaré los nombres tipo objetos de Krifka et al. como individuos (I); esto para evitar la ambigüedad entre la función gramatical y el tipo semántico.

- (131) a. *akal-tu tamr-a-n*
 ate-I date-acc-n
 ‘I ate dates (literally ‘date’).’
 c. *laqii-tu farii-q-a-n*
 met-I team-acc-n
 ‘I met a team.’
- b. *akal-tu tamr-at-a-n*
 ate-I date-unit-acc-n
 ‘I ate a date.’
 d. *štaray-tu zayt-a-n*
 bought-I oil-acc-n
 ‘I bought oil.’
- (132) a. I like dates.
 c. I met a committee.
- b. I ate a date.
 d. I bought oil.
- (133) a. J’aime les dattes.
 c. J’ai rencontré une équipe.
- b. J’ai mangé une datte.
 d. J’ai acheté de l’huile.

Las versiones a de (131), (132), (133) son nombres tipo K; las b son I; las c son G y las d son M.

Fassi Fehri usa dos rasgos para construir su clasificación: [atomic] ([atom] en lo que sigue) y [singulative]. El primero se relaciona a la integridad del todo y el segundo, a la integridad de las partes:

- (134) a. K: [Ø atom, + sing] (tamr-na, dates, les dattes)
 b. I: [+ atom, +sing] (tamr-at-na, a date, une datte)
 c. G: [+ atom, Øsing] (farii-q-a-n, a team, uma équipe)
 d. M: [Øatom, Øsing] (zayt-a-n, oil, l’huile)

Un nombre tipo I es [+atom] porque tiene un número determinado de átomos, es decir, conforma un todo integral. Esto lo hace compatible con un numeral:

- (135) *akal-tu talaat-a tamar-aat-in*
 ate-I three-acc date-unit.pl-gen
 ‘I ate three (individual) dates.’

Un kind (K) es [$\emptyset$ atom] porque no tiene un número determinado de átomos: puede ser uno, dos, tres, etc; no puede conformar un todo integral. Esto lo hace incompatible con un numeral:

- (136) *’*akal-tu talaatat-a tamr-in*
 ate-I three-acc date-gen
 ‘I ate three dates (literally ‘date’).’

Fassi Fehri; Vinet (2008) aclaran que un K puede recibir un numeral, aunque el nombre deberá estar en plural. En este caso, nunca podrá enumerarse a los objetos:

- (137) *akal-tu talaat-at-a tumuur-in*
 ate-I three-acc date-pl-gen
 ‘I ate three sorts of dates (* three dates).’

Por tanto, la diferencia entre K e I en relación con un numeral se mantiene: los nombres I pueden enumerarse directamente; los K necesitan de un plural para eso. Considero que lo que se está enumerando en (137) son tipos de dátiles, es decir, se están enumerando subkinds y no kinds. Nótese el uso del término *sort* en la glosa, que indica que se trata de un subkind.

En relación con el rasgo [singulative], un I y un K son [+singulative]. Los dos pueden tener una parte que puede ser llamada como el todo; pero si a esa parte se le divide, entonces esas subpartes ya no podrán ser llamadas como el todo. Dice Fassi Fehri que esas primeras partes son integrales ([+singulative]). Por ejemplo, una manzana puede ser dividida, y esa parte puede ser llamada también de manzana; pero las subpartes, no (las pepas de la manzana ya no podrían ser llamadas de manzana, por ejemplo). Por tanto, un I es un elemento [+singulative]. Si entendemos que un K es un conjunto de I, entonces un átomo del kind no podrá tener subpartes tampoco; por tanto, un K es también [+singulative] como un I.

El autor presenta algunos contrastes entre un I y un K. Un nombre K y un nombre I tienen un diferente comportamiento en cuanto a sus propiedades cuantificacionales. Señala Fassi Fehri (2004, p. 59) sobre el árabe: “In the distributive use of the quantifier *kull* “every”, for example, Q can distribute over an I argument

whose predicate is a K predicate, but not viceversa, i.e. over a K argument whose predicate is an I predicate”:

(138) kull-u samak-at-in samak-un
 All-nom fish-Cl-gen fish-nom
 “Every single fish is fish”

(139) *kull-u samak-in samak-at-un
 All-nom fish-gen fish-Cl-nom
 *”Every fish is a single fish”

En la oración (138), el primer *samak* lleva la marca -at, que es considerada un clasificador individualizador. Este *samak-at* [I] sería construido desde la versión K, el segundo *samak* de la oración.

Un teste similar al anterior muestra que un predicado K puede ser aplicado a un argumento I, produciendo una lectura acumulativa; sin embargo, un predicado I no puede aplicar sobre un argumento K²⁵:

(140) s-samak-at-u samak-un [taxonomic]
 The-fish-Cl-nom fish-nom
 “The [unit of] fish is fish”

(141) s-samak-u samak-at-un [*taxonomic]
 The-fish-nom is fish-Cl-nom
 “Fish is one fish”

Por su parte, un nombre tipo masa como *aceite* no permite un cardinal (**tres aceites*); lo que sugiere que es [Øatom]. Sus partes pueden seguir siendo divididas y continuar llamándose de aceite (son partes no integrales), por tanto, es [Øsingulative]. Un nombre tipo grupo como *equipo* puede ser enumerado (*tres equipos*); lo que sugiere que es [+atom]. Sin embargo, las partes de un equipo (por ejemplo, Juan, María) no pueden ser llamados de equipo debido a que no están en una relación de parte-todo (aparentemente la relación que hay entre el nombre *equipo* y Juan, María es de

²⁵ El autor define así acumulación: “N refers cumulatively if, whenever it applies separately to each of two N-parts, it also applies to the N-parts considered together” (FASSI FEHRI 2004. p. 55).

elemento-conjunto). Esto es suficiente para que sean [Øsingulative] de acuerdo con Fassi Fehri.

Según Fassi Fehri, el orden de los rasgos es como sigue (Nb es number; Cl es clasificador):

(142)

El nivel N es la raíz; el nivel Cl es el de los rasgos [atom], [singulative]; el nivel Nb es Número.

Según el autor, en árabe un nombre tipo I deriva de un K. La derivación de (143) es como (144):

(143) samak → samak-at

fish	fish-Cl
“fish”	“a fish”

(144)

Según el autor, en (144), en el nivel Cl están los rasgos [+atom] [+singulative]. Estos rasgos interactúan con los rasgos de N; el resultado es la formación de un nombre tipo I (N-I). El nivel Nb no participa en la operación.

La derivación en el inglés iría en sentido contrario (145). Según el autor, en inglés la raíz no sale del léxico con un valor (en árabe la raíz saldría valorada con

[Øatom], como se vio). Es recién en el nivel Cl que la raíz toma un valor de acuerdo con el tipo de Nb que domine al nivel Cl. Así, si en Nb hay un plural de K (un K-Pl) como en (146), entonces el valor del rasgo atómico de Cl será [+atom] (en el nivel N de (146)), porque sólo un elemento [+atom] puede ser pluralizado; un elemento [Øatom] es incompatible con el plural, como se discutió. El resultado es un N-K [Øatom, +singulative]. Sigue la representación de la derivación de un kind en inglés:

(145) dog (I) → dogs (K)

(146)

En el análisis de Fassi Fehri, sea en inglés o en árabe, el rasgo atómico (sea [+atom] o [Øatom]) siempre está presente en D; voy a asumir esta hipótesis en relación con el español: en el D del español habrá [+atom] o [Øatom]. En relación con el valor del rasgo atómico de la raíz en español, considero que tal raíz debe salir del léxico con un valor como ocurre en árabe. Si no fuese así, el kind del español podría formarse con el plural de modo similar al inglés; sin embargo, como veremos en la siguiente sección, el kind del español es incompatible con el plural. Este hecho sugiere que el rasgo [Øatom] de los kinds y subkinds del español está presente desde el inicio de la derivación, antes de D. De cualquier forma, lo que nos interesa para el análisis de DOM son los rasgos de D, ya que son esos rasgos los que participarían de Agree (CHOMSKY 2000, 2001), la operación que genera la marca A de acuerdo con nuestra hipótesis.

2.5.3 Espinal y Borik (2012), Borik y Espinal (2015)

Según las autoras, en español los kinds presentarían una restricción en relación con número. Basadas en Chierchia (1998), señalan que en español los kinds definidos nunca pueden aparecer en plural. Siguen sus ejemplos:

(147) a. La nevera se inventó en el siglo XVIII.

b. *Las (dos) neveras se inventaron en el siglo XVIII.

La imposibilidad de (147b) indica la incompatibilidad de un nombre tipo kind con el plural. Agrego los siguientes casos con kinds definidos en posición de objeto:

(148) a. Los nativos exterminaron al dodo (una especie muy apreciada).

b. Los nativos exterminaron a los dodos (??una especie muy apreciada).

Con el adjunto entre paréntesis que remite a un kind, el objeto en plural de (148b) no es posible (como el objeto de (147b)). Sin el adjunto el objeto de (148b) es un I (un elemento [atom]) en plural, que en combinación con el verbo *exterminar* produce un efecto de totalidad; la oración es gramatical. La compatibilidad del adjunto en (148a) indica que estamos frente a un kind.

Por otro lado, señalan las autoras que un nombre tipo subkind sí está marcado con número. Siguen sus ejemplos:

(149) a. Esta clase de ballena está en peligro de extinción.

b. Dos tipos de ballenas están en peligro de extinción.

c. *La clase de ballena está en peligro de extinción.

En (149) la posibilidad de poder colocar en el DP sujeto expresiones como *clase*, *tipo* indica que se trata de subkinds; en (149c) hay incompatibilidad porque estaríamos frente a un kind. Por otro lado, la presencia del plural en (149b) indica que un subkind tiene número. Aquí voy a asumir la hipótesis de Espinal y Borik de que en español, a diferencia de los subkinds, los kinds definidos no están marcados con número.

En español un kind en posición de objeto, puede ser marcado con A (148). Esto indica que aunque no puede tener plural, debe tener el rasgo animicidad activo.

¿Por qué en español un kind definido no puede ser pluralizado? Basado en Sharvy (1980), Fassi Fehri (2004) postula que los determinantes definidos (y sólo ellos) tienen un rasgo [+maximizing] ([+max] en adelante). De acuerdo con Sharvy, el primer uso de los determinantes definidos no es indicar *uniqueness* sino *totality* (*uniqueness* es

una consecuencia). Entiende el autor que totalidad es una suma de partes. Dice el autor (SHARVY 1980, p. 608): “A definite mass description such as “the gold in Zurich” denotes the sum or totality of all that to which the predicate applies-the total sum of all that is gold in Zurich”.

Von Fintel; Fox; Iatridou dicen lo siguiente en relación con esta propuesta:

There are two influential proposals on the meaning of the definite article that try to unify the singular and plural occurrences: Sharvy (1980) and Link (1983). Regardless of their differences, they share the insight that the definite article *the* presupposes that the extension of its complement has a unique maximal member based on an ordering of the elements. (VON FINTEL; FOX; IATRIDOU 2014, p. 165)

En línea con Fassi Fehri (2004), asumo que los kinds definidos tienen un rasgo [max] activo que toma los átomos de un elemento [$\emptyset$ atom] como un kind, y forma un único miembro máximo. Si el objetivo es obtener un único miembro, se explica la incompatibilidad del plural con un kind definido observada por Espinal y Borik. Por otro lado, un elemento [$\emptyset$ atom] con un determinante indefinido es un subkind, por tanto, un subkind no tendrá [max]²⁶. Sin [max] el plural es compatible.

En español es posible que un kind no sea marcado con A. El ejemplo (150a) es de Brugè y Brugger (1996); los otros son míos:

- (150) a. Antónito buscaba la mujer rica.
 b. Juan buscaba (lentamente/de a pocos) la mujer rica.
 c. Los nativos exterminaron el dodo (lentamente/de a pocos).

La compatibilidad de los adverbios que miden indica que hay medición en esas oraciones, de modo que la falta de A debe ser por la falta de animicidad. Como se dijo, mi propuesta es que la marca A aparece cuando hay afectación y animicidad. Mi hipótesis es que el rasgo animicidad fue desactivado en las oraciones de (150). En relación con este punto, obsérvense los siguientes casos que propongo:

²⁶ Según Krifka et al., no todos los subkinds tendrían determinante indefinido:

(i) This whale, namely the blue whale, is nearly extinct.

(ii) The whale which was most recently put under protection is the blue whale.

Debe ser el caso que en los casos (i), (ii) el rasgo [max] no está presente.

(151) a. Los nativos exterminaron al león (K).

b. Los nativos exterminaron a la leona (*K).

Si se quiere hablar del kind león, la única forma posible es la masculina. El objeto de la oración (151a) puede tener una lectura de kind, que engloba a toda la especie; no es el caso de (151b). Esta oración no es posible teniendo al objeto como kind.

¿Por qué los kinds no varían en su género? Si el kind es un elemento [$\emptyset$ atom], con varios átomos, entonces debe elegirse uno de los géneros para representar a la especie (en el caso del león es el género masculino); no es posible expresar el género de todos los átomos. Con todo, esto no explica por qué no se deja el rasgo animado en los kinds de (150), y queda neutralizada la variación de género como en el kind de (151a). Debe haber alguna razón por la que deba desactivarse el rasgo animado de los objetos de (150). Sería el caso que en un contexto de kind siempre debe neutralizarse la variación de género. Esto podría hacerse de dos formas: mantengo la animicidad del nombre y sólo opero directamente sobre el género (elijo uno de los géneros para representar a la especie); o cambio animicidad por inanimicidad, así consigo ausencia de variación de género, porque un elemento inanimado no varía en su género. Sin animicidad, no habría marca A, aunque haya afectación. En ambas opciones se logra el objetivo: neutralizar la variación de género.

El kind con A o sin ella sería siempre [$\emptyset$ atom]²⁷; lo que varía es la animicidad: con A es animado; sin A es inanimado. Este resultado es congruente con la propuesta de Brugè e Brugger, que defienden que hay dos tipos de kind, animado e inanimado.

En el siguiente capítulo, uso la geometría de Harley y Ritter (2002) para la formalización de las operaciones propuestas.

²⁷ Agradezco a Jairo Nunes por mostrarme las ventajas de esta propuesta.

2.6 Conclusión

He discutido algunas propuestas sobre el DOM del español: TORREGO (1998, 1999); RODRÍGUEZ-MONDOÑEDO (2007); LÓPEZ (2012); ZDROJEWSKY (2013). En todas ellas (excepto en Zdrojewsky), se asume animicidad como uno de los rasgos que desencadenan la marcación del objeto en español. Torrego, Rodríguez-Mondoñedo y López asumen además que el verbo participa con el rasgo de afectación. También la propuesta en esta tesis es que animicidad y afectación son los rasgos pertinentes; no obstante, no adopto la hipótesis de que el objeto deba moverse para ser marcado, una idea compartida por los autores citados. Adopto la operación Agree (CHOMSKY 2000, 2001) y su no apelo al movimiento para la valoración de los rasgos phi del verbo; DOM sería una consecuencia de esta valoración. El análisis que propongo será desarrollado en los siguientes capítulos.

Los datos muestran que rasgos como especificidad, agentividad, telicidad no participan del DOM del español, al menos no directamente. Así, la agentividad es necesaria para que el verbo pueda afectar a su objeto (producir un cambio en él); sin embargo, el rasgo agentividad no participa de la operación de concordancia (Agree) entre el verbo y el objeto que genera la A. Por otro lado, hay objetos no específicos que son marcados con A (*Juan vio a un alumno; pudo ser uno u otro*); de modo que especificidad es compatible con la marcación, pero no la genera. También hay eventos no télicos (actividades) que pueden ser marcados con A (*Juan escondió a un alumno durante diez días*); por tanto, telicidad es compatible con la marcación, pero tampoco la genera. De modo que en líneas generales, mi propuesta reduce el número de rasgos propuestos inicialmente por Torrego (agentividad, especificidad, afectación, telicidad, animicidad), y asumidos también por López, a sólo dos rasgos (afectación, animicidad). Por otra parte, he discutido la presencia de la marca A en objetos tipo kinds. Para esto he apelado a la clasificación de nominales de Fassi Fehri (2004). He asumido también el análisis de Borik; Espinal (2015) de los kinds en español. La posibilidad de que haya dos tipos de kinds en posición de objeto, con marca A o sin ella, fue explicada con la desactivación del rasgo de animicidad; sin este rasgo, no es posible la A.

Capítulo 3

Geometría de D

3.1 Introducción

En este capítulo propongo una geometría de rasgos para el D del español. Esta geometría es crucial porque es la que valorará el *v* que terminará marcando al objeto con A. Empiezo con una sección sobre el rasgo especificidad. Continúo con la presentación de la geometría de rasgos de Harley; Ritter (2002) y la geometría de Cowper; Hall (2003) del rasgo especificidad. Termino con una sección dedicada a la geometría de D del español, la que incluye el rasgo atomicidad de Fassi Fehri (2004) y el rasgo especificidad entendido como en Enç (1991).

3.2 Especificidad

Los análisis de DOM en las lenguas del mundo generalmente coinciden en que uno de los factores desencadenantes del fenómeno es el rasgo especificidad. Las lenguas pueden marcar especificidad como afijos, por ejemplo, el turco codifica la especificidad vía un sufijo en el DP objeto como muestra (152), ejemplos de Enç (1991). Otras lenguas no codifican este rasgo abiertamente, como el inglés en donde el artículo indefinido *a* es compatible con los valores [$\pm$ espec] en (153).

(152) a. İki kiz-i taniyordum.

two girl-Acc I-knew

'I knew two girls. '

b. İki kiz taniyordum.

two girl I-knew

'I knew two girls.'

(153) Mary is looking for a student.

En relación con el español, se ha establecido con frecuencia que una de las condiciones necesarias para marcar al objeto con A es que debe ser específico (FERNÁNDEZ RAMÍREZ (1986), KLIFFER (1984), COMPANY (2002), AISSSEN (2003), TORREGO (1998), entre otros); aunque hay autores que rechazan tal asunción (BRUGÈ; BRUGGER (1996), BLEAM (1999), LEONETTI (2003, 2004), LÓPEZ (2012), RODRÍGUEZ-MONDOÑEDO (2007)). La propuesta en esta tesis es que la marcación diferencial de objeto del español no expresa especificidad sino fundamentalmente los rasgos de afectación y animicidad; el rasgo especificidad tendría una participación indirecta en el DOM del español. Con todo, es necesario esclarecer cuál noción de especificidad será usada en esta tesis. Como se verá hacia el final, optaremos por la noción de especificidad partitiva de Enç (1991).

3.3 Cuatro tipos de especificidad

3.3.1 *Especificidad de alcance*

Según Farkas (1994), lo que interesa en este tipo de análisis es si la interpretación del indefinido es independiente o no de algún cuantificador o predicado intensional. Así, una expresión α está bajo el alcance de una expresión β si la interpretación de α es afectada por la contribución semántica de β . Por ejemplo, en la interpretación (a) de la oración (154), el objeto salió del alcance del predicado verbal intensional, por tanto, tiene alcance amplio (*wide scope*), y es específico; una paráfrasis sería “hay un x tal que es una noruega y John quiere casarse con ella”. En la lectura (b) el objeto está bajo el alcance del predicado, por tanto tiene alcance estrecho (*narrow scope*), y es no específico. La paráfrasis sería “hay un individuo llamado John tal que él quiere casarse con una noruega”. En este tipo de análisis se iguala especificidad con alcance amplio.

(154) John wants to marry a Norwegian.

(a) He met her last year.

(b) He'll move to Norway to try to achieve this goal.

3.3.2. *Especificidad epistémica*

Según Fodor; Sag (1982), los indefinidos son inherentemente ambiguos entre una lectura específica o no específica, por tanto, analizar especificidad en términos de alcance no puede ser correcto. De hecho en oraciones como (155) no hay un cuantificador o predicado intensional que pueda explicar la ambigüedad en relación con la especificidad. Van a proponer los autores que en el caso de una lectura específica, el hablante tiene en mente un referente determinado; en el caso de una lectura no específica, el indefinido no refiere porque es cuantificacional, y para referir necesita de otras expresiones en el contexto. En el siguiente ejemplo de Fodor y Sag, el hablante puede conocer o identificar al sujeto de la oración (155a) o no conocerlo (155b):

(155) A student in syntax 1 cheated on the exam.

- a. His name is John.
- b. We are all trying to figure out who it was.

Una crítica hecha a este tipo de especificidad es que no existen testes independientes para diagnosticar si un determinado referente está en la mente de alguien o no (GEURTS 2002).

3.3.3. *Especificidad relativa*

La idea básica aquí es que un nombre específico está conectado referencialmente a otra expresión del discurso. Von Heusinger (2002) cita los siguientes casos de Higginbotham (1987, 64):

(156) George: "I met a certain student of mine."

(157) James: "George met a certain student of his."

George le dice a James la oración (156), y James dice (157) para otra persona. En (157) James podría no conocer al estudiante del que habla George, y aun así el efecto de especificidad está presente. Esto demuestra que la idea de definir especificidad

como tener a alguien en mente (especificidad epistémica) no puede ser correcta. Por otro lado, von Heusinger señala que Hintikka (1986) muestra que en una oración como (158) el objeto específico indefinido *a certain woman* puede tener alcance estrecho (*narrow scope*) en relación con el cuantificador universal (*every man*) y aun ser específico: hay una mujer específica para cada hombre. Un problema para la noción de especificidad que la identifica con alcance amplio.

(158) According to Freud, every man unconsciously wants to marry **a certain woman**-his mother.

Esto demuestra que el DP específico indefinido puede depender de otras entidades lingüísticas como el nombre propio *George* en (157) o el cuantificador universal *every man* en (158), y no necesariamente depender del hablante o del contexto. Según von Heusinger, especificidad puede ser construida conectando (*anchoring*) el nombre específico al hablante o a alguna otra expresión referencial contenida en la oración.

3.3.4 Especificidad partitiva

Enç (1991) plantea que especificidad debe ser entendida como una forma de partitividad relacionada con un elemento ya presente en el discurso. En lenguas como turco, los objetos no son ambiguos en relación con su especificidad (como sí lo son en inglés por ejemplo); los específicos son marcados vía caso acusativo en la posición de objeto. El objeto indefinido específico debe ser interpretado como parte de un conjunto previamente mencionado. Así, supongamos que la primera oración que fue pronunciada fue (159) y los participantes no tienen más información que esa. La continuación puede ser (160) o (161); aunque sólo en (160) el objeto lleva la marca de acusativo (-i). Esta diferencia en el marcado lleva a una diferencia en la interpretación: sólo en (160) las niñas son parte del conjunto mencionado en (159); en la oración (161) no hay tal relación de subconjunto. Así, la oración (162) es equivalente sólo a (160):

- (159) Odam-a birkac cocuk girdi.
 my-room-Dat several child entered
 'Several children entered my room.'
- (160) İki kiz-i taniyordum.
 two girl-Acc I-knew
 'I knew two girls.'
- (161) İki kiz taniyordum.
 two girl I-knew
 'I knew two girls.'
- (162) Kiz-lar-dan iki-sin-i taniyordum.
 girl-Pl-Abl two-Agr-Acc I-knew
 'I knew two of the girls.'

Basada en ideas de Heim (1982), Enç sostiene que la diferencia entre DPs definidos e indefinidos es capturada a través de la Condición de Familiaridad (*Familiarity Condition*) y la Condición de Novedad (*Novelty Condition*)²⁸. Dice la autora:

All indefinites in a sentence must be novel, in the sense that they must introduce into the domain of discourse referents that were not previously in the discourse. All definites must be familiar, in the sense that the discourse referents they are mapped onto must have been previously introduced into the discourse. In other words, indefinites cannot have antecedents in the discourse, whereas definites must (ENÇ 1991, pág. 7).

Enç va a usar la teoría de definitud de Heim para analizar la especificidad. Todo DP tiene dos índices (i, j): el primero representa el referente del DP (Xi); el segundo (Xj) representa el referente en el discurso. Los índices i, j tienen un rasgo de definitud. El rasgo correspondiente al índice i determina la definitud del DP; el rasgo de definitud de j determina la especificidad del DP contrastando la relación del referente del DP con otros referentes del discurso. La fórmula es la siguiente:

²⁸ La autora usa el término NP para referirse al DP. Optaré por usar el segundo término.

Por otro lado, la frase equivalente en turco de *dos de* en la construcción *dos de los libros* es un subgrupo del DP *los libros* contenido en el partitivo, por tanto, ese partitivo deberá ser necesariamente [+espec]. De ser así, en turco deberá ser marcado con caso acusativo; la predicción se cumple. Hay dos clases de partitivo en turco: genitivo y ablativo; los dos requieren de la marca de acusativo.

(166) a. Ali kadin-lar-in iki-sin-i taniyordu.

Ali woman-Pl-Gen two-Agr-Acc knew

'Ali knew two of the women.'

b. *Ali kadin-lar-in iki-si taniyordu.

(167) a. Ali kadin-lar-dan iki-sin-i taniyordu.

Ali woman-Pl-Abl two-Agr-Acc knew

'Ali knew two of the women.'

b. *Ali kadin-lar-danik i-si taniyordu.

Añade la autora que parece ser el caso que algunos DPs introducen elementos en el discurso y otros cuantifican sobre ellos; crucialmente, ningún DP introduce y cuantifica a la vez.

Enç argumenta (basada en Milsark (1974)) que especificidad presupone existencia, por eso un elemento específico es incompatible con verbos que afirman existencia:

(168) a. There are some cows in the backyard.

b. There are two cows in the backyard.

c. There aren't any cows in the backyard.

(169) a. *There are some of the cows in the backyard.

b. *There are two of the cows in the backyard.

c. *There aren't any of the cows in the backyard.

Los ejemplos de (169) son [+espec] al ser partitivos, y son incompatibles con el verbo existencial.

3.4 Especificidad y DOM en español

Hemos presentado los análisis de especificidad disponibles en la literatura. En esta tesis, usaremos la noción de especificidad de Enç y no la epistémica (el hablante tiene en mente un referente determinado), debido a que es posible que el hablante no conozca al individuo de quien se habla, y aun así el efecto de especificidad se mantenga como dice von Heusinger (2002). Así, en (170b) (cambio la numeración de las oraciones (156), (157)), James puede no conocer a la estudiante; él sólo repite lo que le dijo George en (170a). No obstante, el objeto continúa siendo específico.

(170) a. George: “I met a certain student of mine.”

b. James: “George met a certain student of his.”

En términos generales, como dice Geurts (2002), no existen testes independientes para saber lo que el hablante tiene en mente. La noción de especificidad partitiva evita esos problemas al apelar a la idea de subconjunto. Esta noción de especificidad será la que usaré en esta tesis.

En español un objeto marcado con la preposición A puede ser específico o no, por tanto, el rasgo especificidad no puede desencadenar el DOM del español. Obsérvese los siguientes casos:

(171) a. De aquel grupo, Juan vio a una aeromoza.

b. Juan vio a una aeromoza; pero no sé a cuál, pudo haber sido una u otra.

De acuerdo con Enç, si el DP en cuestión puede ser incluido en un conjunto de pertenencia, entonces tal DP será específico. El objeto con A en (171a) puede ser incluido en el conjunto de pertenencia *de aquel grupo*. No obstante, ese objeto marcado también es compatible con la frase *uno u otro* (171b) que, de acuerdo con Enç, indica la no especificidad del DP. Así, el objeto marcado con A es compatible con una lectura específica o no específica. Por otro lado, con un objeto definido, es sólo posible la lectura específica. Algo esperable ya que definitud implica la presencia de especificidad. Siguen los ejemplos con objeto definido:

(172) a. De aquel grupo, Juan vio a la aeromoza.

b. *Juan vio a la aeromoza, pero no sé a cuál; pudo haber sido una u otra.

Un objeto sin marca es solo no específico. Obsérvese el siguiente contraste:

(173) a. (??De aquel grupo,) Juan vio una aeromoza.

b. Juan vio una aeromoza; pudo haber sido una u otra.

En (173a) el adjunto que debería incluir al objeto no es compatible con el objeto sin marca. En (173b) el adjunto que sugiere no especificidad es compatible.

Me gustaría añadir lo siguiente: Como se dijo, la identificación de especificidad con alcance amplio encuentra problemas en casos como (158) que repito con otra numeración, donde hay alcance estrecho, aunque el objeto es específico:

(174) According to Freud, every man unconsciously wants to marry **a certain woman**-his mother.

El contexto de (174) sugiere una interpretación en la que cada hombre quiere casarse con su propia madre y no con una madre (digamos, todos quieren casarse con la madre de Juan, es decir, la lectura estrecha es sugerida por el contexto; la frase *his mother* sugiere, en ese contexto, una relación de uno a uno. Voy a continuar el análisis con la versión en español de (174). Mi intención es mostrar que la identificación de alcance amplio con especificidad es correcta, aunque no es posible reducir especificidad a alcance amplio²⁹. Lo contrario es posible, esto es, reducir alcance amplio a especificidad; una idea que Enç también suscribe. Siguen los ejemplos en español:

(175) a. De las personas de aquel grupo, todo hombre amó a cierta mujer.

b. De las personas de aquel grupo, todo hombre amó a cierta mujer, su madre.

²⁹ Aunque asumo que la identificación alcance amplio con especificidad es correcta, no asumiré que el alcance amplio se consigue con *quantifier raising* (MAY 1985). Optaré por la operación *choice function* (REINHART 1997). Ver el capítulo 3 para una discusión de este punto.

En (175a) la única lectura posible es de alcance amplio y el objeto es específico como lo indica la posibilidad de ser incluido en el conjunto de pertenencia. En (175b) el objeto sigue siendo específico, aunque es solo posible la lectura de alcance estrecho. De acuerdo con Enç, el responsable de esto es la frase *su madre*, que sugiere una relación de uno a uno (alcance estrecho). Respecto de la versión en inglés (174), podemos decir con Enç que la frase *his mother* permite que haya alcance estrecho aun cuando el nominal es específico. Este análisis sugiere que puede haber una identificación entre alcance amplio y especificidad, aunque tal relación puede ser alterada con modificadores como *his mother*. Por otro lado, de acuerdo con López (2012), la falta de especificidad es sólo compatible con alcance estrecho:

(176) Todo hombre ama una mujer (su madre).

En (176) el objeto es no específico y sólo es posible alcance estrecho. La frase *su madre* es compatible.

El análisis hecho ofrece la posibilidad de mantener la relación entre especificidad y alcance amplio; una relación que, como fue discutido, López también defiende³⁰. Lo que no parece posible es reducir especificidad a alcance amplio, porque es posible tener especificidad sin alcance, como dicen Fodor y Sag. Al respecto, Enç sostiene lo siguiente: "...it is the case that all NPs that can take wider scope at LF than at S-Structure are specific" (p. 23). En este contexto, no es incompatible mantener la noción de especificidad partitiva de Enç y sostener que el alcance amplio ocurre cuando el nominal es específico en el sentido de Enç (aunque, como se vio, tal nominal específico, podría ser cambiado para no específico). Voy a asumir estas ideas, que retomaré en el capítulo 3 en relación con el objeto indirecto y su alcance.

³⁰ Ver la sección 2.1.3 del capítulo 2.

3.5 La geometría de Harley; Ritter (2002)

Harley; Ritter (1998, 2002) proponen una geometría de rasgos morfosintácticos para explicar el sistema pronominal y los paradigmas de concordancia de las lenguas del mundo. Las autoras asumen que la geometría expresa la gramaticalización de categorías cognitivas fundamentales: referencia, pluralidad y taxonomía. La geometría propuesta es como sigue:

(177)

Referring Expression (=Pronoun)

Las autoras señalan que la geometría presenta dos características formales: monovalencia y dependencia estructural. La primera se refiere al hecho de que un rasgo sólo aparece en la estructura si está activo; no existe un rasgo con valor negativo. La segunda expresa el hecho de que si un rasgo A domina un rasgo B, entonces B sólo aparecerá si A está presente. Se trata de una relación de implicancia. Aclaran Harley y Ritter que no toda relación de implicancia es expresada en la geometría. Por ejemplo, la primera persona inclusiva implica plural; sin embargo, no todas las lenguas marcan con el plural esa forma inclusiva. Esto indicaría que tal implicación no es morfológicamente relevante en todas las lenguas; de ahí que no se codifique en la geometría propuesta.

En (177) los rasgos phi son separados en tres grupos o categorías: un primer grupo es participant que incluye los rasgos de speaker y addresse. Un segundo grupo es individuation que incluye los rasgos group, minimal y augmented. Un tercer grupo es class que incluye animate, inanimate/neuter, género y otro tipo de informaciones

(forma, tamaño, función)³¹. Todos esos rasgos nominales dependen de un nudo raíz llamado Referring Expression. Añaden las autoras que el nudo individuation representa rasgos que son independientes del discurso, mientras que el nudo participant representa los rasgos que dependen del discurso.

Por otro lado, Harley y Ritter consideran que los elementos que requieran más nudos para ser realizados serán los más marcados. Por ejemplo, una lengua que presente dual, tendrá también singular y plural, ya que dual implica tener los nudos minimal (que expresa singular) y group (que expresa plural). Ahora, la forma trial/paucal, expresada con el rasgo augmented, será más marcada que la forma dual; porque requiere minimal, group y augmented.

En (177) hay rasgos que van a tener una lectura default; son los rasgos que están subrayados con una línea ondulada: speaker, minimal, inanimate/neuter. Estos rasgos pueden no estar presentes en la geometría de un determinado pronombre; por ejemplo, para representar la diferencia entre la primera persona (1p) y la segunda persona (2p), se recurre a la ausencia del default (speaker), como se muestra en (178). Con todo, tales rasgos podrían aparecer debido a alguna regla default como veremos.

(178)

³¹ Harley; Ritter (2000) aclaran que ese otro tipo de informaciones serían rasgos de forma, tamaño, función; sin embargo, las autoras no señalan quién dominaría inmediatamente ese tipo de información. En relación con los puntos suspensivos que aparecen en (37) en los rasgos dominados por Animate, dicen las autoras (2002) lo siguiente: "We assume that Class is a dependent of Individuation. However, we have not discussed the internal structure of this major organizing node. The reason for this is that gender (or class) features vary more widely in the world's languages than either person or number. For example, while all languages seem to have at most four persons and four numbers, the set of gender/class systems seems much less constrained. Some languages have no gender marking whatsoever, including Acholi [...]. Other languages have two or three genders, and the limiting case is probably represented by the Bantu languages which have upwards of ten distinct genders or classes of nouns (cf. CORBETT 1991). It may turn out that some systems involve an open-ended set of lexically determined classes while others involve a closed set of grammatically determined classes. The former would of course be beyond the scope of our geometry. Consequently, we leave the problem of identifying the dependents of the Class node open for future research" (p. 45).

Fundamentalmente la razón por la que esos rasgos son los default (y no otros) es porque serían los primeros en ser adquiridos por el niño, de acuerdo con el análisis de las autoras. En la adquisición de los pronombres, la lectura default del rasgo participant es de speaker; el rasgo addressee es adquirido después. La lectura default de individuation es minimal; group es adquirido luego. Los rasgos addressee y group tendrán una lectura marcada. Añaden las autoras: “We must have the nodes for the default features available in the geometry, however, as they play a contrastive role in many languages when activated” (p. 15). Obsérvese el paradigma de la lengua kalihna. Esta lengua presenta dos primeras persona, inclusiva y exclusiva:

(179)

	Singular	plural
1st ex	au	a?na
1st in	kixko	kixka:ro
2nd	amo:ro	amiiyaro
3rd	moxko	moxka:ro

(Hoff 1968:277)

Las geometrías propuestas por Harley y Ritter son las siguientes:

(180)

En principio, la forma inclusiva es analizada como la suma de los rasgos speaker y addressee. El rasgo speaker (default) aparece activado para la 1p excl, por ejemplo. Dicen las autoras: “The learner can deduce that Speaker is not underspecified in her language from the presence of this inclusive/exclusive contrast” (p. 17). Si speaker fuese un rasgo default no activado, entonces no aparecería en la geometría de la 1p, por tanto, la diferencia entre la 1p excl y la 1p incl sería solo la presencia del rasgo addressee; sin embargo, esta es la diferencia entre la 1p y la 2p en una lengua que no tiene la diferencia inclusivo/exclusivo (véase (178)). Se hace pues indispensable activar el rasgo speaker para expresar la diferencia entre la forma 1p incl y la 1p excl.

El mecanismo de activar el rasgo speaker para diferenciar inclusivo de exclusivo puede ser usado incluso sin la presencia de individuation. Este es el caso de las lenguas maxakali y kwakiutl:

(181)

	1st sg	2nd	1st excl pl	1st incl
	<u>Part</u>	<u>Part</u>	<u>Part</u>	<u>Part</u>
		Addr	Spkr	Spkr Addr
Maxakali	'ug / 'uk	'a	yumug	'umug
Kwakiutl	-En	-Es	-Enux	-Ens

Si se compara la 2p con la 1p incl, se percibe que la presencia del rasgo speaker genera el contraste. Esto abre la posibilidad de otra geometría para la lengua: usar

participant con un nudo speaker solamente. Esta posibilidad es usada para expresar la 1p excl plural, que es interpretada como un grupo heterogéneo conformado por el speaker y otros individuos.

Puede concluirse que la activación de un rasgo default puede adquirir diversas interpretaciones dependiendo de la geometría de la lengua.

Por otro lado, coincidiendo con Benveniste (1971), las autoras asumen que la 3p no es realmente una verdadera forma personal. Esto se codifica en la geometría con la ausencia del nudo participant para la 3p; la 1p y 2p tendrán presente el nudo participant, como se mostró en (178). Las autoras justifican esta diferencia entre la 3p por un lado y la 1p y 2p por otro con un paradigma del maltés donde sólo la 3p presenta marca de género:

(182)

	singular		plural
	masc	fem	
1st	jien(a)		ah̀ina
2nd	int(i)		intom
3rd	hu(wa)	hi(ja)	huma

(Sutcliffe 1936:171)

El portugués de Brasil (PB) muestra que la 3p no sólo en singular sino también en plural presenta diferencias de género que la 1p y 2p no muestran.

(183)

	singular		plural	
	masc	fem		
1st	eu		nós	
2nd	você		vocês	
3rd	ele	ela	eles	elas

Como se dijo, el rasgo de género es una propiedad independiente del discurso, y sólo la 3p puede llevarla en maltés y PB; lo que indicaría que la 3p debe ser analizada separada de las otras personas. Por otro lado, en la lengua Lyélé del Congo, sólo la 1p y 2p presentan el rasgo de formalidad, una propiedad dependiente del discurso. Con base

en esas evidencias, concluyen las autoras que las diferencias presentadas sugieren un tratamiento diferente entre la 3p y la 1p-2p.

En esta tesis se van a asumir los presupuestos básicos de la geometría de Harley y Ritter, a saber, la relación de implicancia y la monovalencia. Asumiré también que en español los rasgos default son los mismos que aparecen en la geometría de (177). La geometría de Harley y Ritter incluye el rasgo animicidad, que participa en la marcación con A del objeto en español; sin embargo, tal geometría no incluye el rasgo especificidad. Usaremos Cowper; Hall (2003) para darle una geometría al rasgo especificidad.

3.6 Cowper and Hall (2003)

El objetivo de los autores es dar cuenta de la flexión nominal del inglés. Para ello proponen una geometría en donde incluyen rasgos pragmáticos gramaticalizados. La geometría es como sigue:

(184)

Dicen los autores que el rasgo [D] de (184) y su correspondiente proyección sintáctica deben estar presentes si un nominal sirve como argumento. En la ausencia de [D], un nominal debe ser un predicado, es decir, tendrá el tipo semántico $\langle e, t \rangle$ y será interpretado como una propiedad, como se muestra en (185); (186) muestra una restricción de posición de estos predicados. La presencia de [D] no fuerza a un constituyente a ser un argumento. Hay evidencias de que los DPs en inglés, definidos e indefinidos, pueden también ser predicados, como se ve en (187).

(185) a. She was elected [#P president]. (predicative count noun)

b. This is [NP rubbish]. (predicative mass noun)

(186) *President was elected unanimously.

(187) a. She is a doctor.

b. Mr. Jones is the leader.

La geometría de (184) permite explicar la diferencia entre los demostrativos del inglés: *this*, *these*; *that*, *those*. El rasgo que permite clasificarlos es [deictic]:

(188) (i) Formas con el rasgo [deictic]: **THIS**, **THESE**, **THAT**, **THOSE**

this, *these*, *that*, *those*

(ii) Formas sin el rasgo [deictic]: *this*, *these*

Las formas *this*, *these* pueden tener opcionalmente el rasgo [deictic]. El rasgo [deictic] es un caso marcado del rasgo [definido], en el que el referente no necesita estar presente en el discurso, porque es señalado por el determinante deíctico. En (188) las formas en mayúsculas son *stressed*; las formas en minúsculas son *unstressed*.

El caso (189) muestra que las formas *stressed* son anómalas en un contexto presentacional:

(189) #So **THIS giant panda** lumbers into a bar....

Añaden los autores que (189) es pragmáticamente anómala a menos que el hablante apunte al panda en cuestión o tal panda esté siendo contrastado con otro panda. Las formas *unstressed* son favorecidas en un contexto presentacional como (190):

(190) a. So **this giant panda** lumbers into a bar, and...

b. I couldn't do my homework because there were **these really cool shows** on TV.

La interpretación default de [deictic] es proximal. Por otro lado, el rasgo [distal], en presencia del rasgo [deictic], establece distancia del centro deíctico; si [deictic] no está presente, [distal] expresa “in the background of the discourse”. Obsérvese (191):

- (191) a. Do you remember **that giant panda** we were talking about yesterday?
 b. Do you mean **THIS** giant panda (here) or **THAT one** (over there)?

El demostrativo **that** *unstressed* en (191a) codifica [distal]; el *stressed* **THAT** en (191b) codifica tanto [deictic] como [distal].

Presentamos en lo que sigue un grupo de oraciones con sus respectivas geometrías. En principio, las oraciones pueden tener un demostrativo en singular o plural; por tanto, aparece de lado izquierdo la geometría en singular y de lado derecho la geometría en plural. En (192a) tenemos los demostrativos *unstressed* con carácter presentacional; en (192b) la geometría (también de demostrativos *unstressed*) incluye rasgos de [definitud] y [distal] que indicaría “in the background of the discourse”.

(192a)

- i. There's **this green goo** all over the place.
 ii. There's **this movie** I want to see.
 iii. There are **these giant pandas** following me.

(192b)

- i. **That coffee** you brought was stale.
 ii. **That doughnut** you brought was stale.
 iii. **Those doughnuts** you brought were stale.

En los casos (192c) y (192d), los demostrativos son *stressed*. La diferencia es la presencia de distal en (192d):

(192c)

- i. **THIS** coffee over here is stale.
- ii. **THIS** doughnut over here is stale.
- iii. **THESE** doughnuts over here are stale.

(192d)

- i. **THAT** coffee (over there) is stale.
- ii. **THAT** doughnut (over there) is stale.
- iii. **THOSE** doughnuts (over there) are stale.

Nos interesa de la geometría de Cowper y Hall sobre todo la relación que establecen entre el rasgo [espec] y el rasgo [def]: [espec] domina [def] como se muestra en (184). Esta información será explotada en nuestro análisis del DOM en español. Los datos encajan con la relación de dominio entre [espec] y [def] que los autores postulan. Obsérvese lo siguiente:

- (193) a. De las personas que quería visitar, sólo vi a la vecina.
 c. *De las personas que quería visitar, sólo vi una vecina.
 b. De las personas que quería visitar, sólo vi a una vecina.

Si especificidad [espec] domina definitud [def], para que haya [def] debe haber [espec] de acuerdo con la relación de implicancia de la geometría de rasgos de Harley; Ritter (2002). En (193a) el objeto es [def], por tanto, es necesariamente [espec] como se comprueba en el hecho de que debe ser incluido en el conjunto de pertenencia *de las personas que quería visitar*. Es de esperar que si el objeto es no [def], pueda ser [espec] o no [espec]. En (193b) el objeto es no [def] y no [espec] como se evidencia en el hecho de que no sea compatible con un conjunto de pertenencia. En (193c) el objeto es no [def] y [espec]; el conjunto de pertenencia es posible.

La geometría de Cowper; Hall coincide con el análisis de Enç (1991) sobre especificidad, esto es, todo elemento [def] es necesariamente [espec]. Esta relación se traduce en la geometría con el dominio de [espec] sobre [def], como se vio. Sin embargo, Cowper; Hall no concilian su geometría del rasgo especificidad con la geometría de Harley y Ritter. En la sección que sigue, propongo una geometría que

integra los rasgos de especificidad y el rasgo de atomicidad de Fassi Fehri a la geometría de Harley; Ritter.

3.7 Una geometría para el D del español

Como se vio en el capítulo 1, Fassi Fehri (2004) clasifica los nombres con dos rasgos: [atom(ic)] y [singulative]. La clasificación es como sigue:

(194)

- a. K: [Ø atom, + sing] (tamr-na, dates, les dattes)
- b. I: [+ atom, +sing] (tamr-at-na, a date, une datte)
- c. G: [+ atom, Øsing] (fariiq-a-n, a team, uma équipe)
- d. M: [Øatom, Øsing] (zayt-a-n, oil, l'huile)

El rasgo de atomicidad se refiere a la integridad del todo. El valor [+atom] indica un número definido de átomos y el valor [Øatom] indica un número no definido de átomos³². De acuerdo con el criterio de monovalencia de la geometría de Harley; Ritter, solo puede aparecer el rasgo cuando está activo; no hay otro valor. De modo que el valor Ø que Fassi Fehri usa voy a interpretarlo como un atributo de manera similar a como existen los rasgos [animado] e [inanimado] en la geometría. Así, la atomicidad se divide en dos rasgos: [atom] y [Øatom], así como la animicidad se divide en los rasgos [animado] e [inanimado].

Un nudo organizador agrupa rasgos que forman clases naturales. Así, debemos darle a los rasgos de atomicidad un nudo organizador distinto de individuation o class, porque no forma una clase natural con esos rasgos. Sigue la representación del rasgo de atomicidad con su nudo organizador:

(195)

³² Ver el capítulo 1, sección 3.3. para un desarrollo de ese tema.

El siguiente paso será ubicar a α en D; no obstante, esto va a requerir introducir antes la geometría de los rasgos especificidad [espec] y definitud [def].

Como fue mencionado, de acuerdo con Enç, hay una relación de implicación entre esos rasgos. Cowper; Hall (2003) lo expresan con la geometría de (196):

(196)

Cowper; Hall no integran la geometría del rasgo especificidad (196) en la geometría de Harley; Ritter (177). De modo que debemos saber en qué lugar de D, la geometría de (196) debería estar. En principio, debemos darle un nudo organizador a (196), ya que esos rasgos forman una clase natural diferente de los rasgos dominados por los otros nudos organizadores (participant, individuation, class). En (197) aparecen los rasgos con su nudo organizador, al que llamaré como rasgos pragmáticos gramaticalizados (rpg):

(197)

Para poder ubicar a rpg en la geometría, debemos pensar en dos tipos de relaciones por lo menos: una relación de dominio o una relación de hermandad. Estas relaciones podrán ocurrir entre rpg y α o entre rpg e individuation o entre rpg y class. De acuerdo con los datos, rpg no podría dominar α , porque puede haber α sin rpg. Así, en (198a) tenemos un objeto [atom], aunque no hay rpg porque el objeto es no [espec] como lo muestra la incompatibilidad con el adjunto entre paréntesis; no hay nudo

organizador sin un rasgo que sea dominado, según Harley y Ritter. En (198b) el objeto es [atom] y hay rpg porque hay [espec] (también [def]).

(198) a. (*De aquel grupo) Juan vio una alumna.

b. (De aquel grupo) Juan vio a la alumna.

Los datos sugieren que rpg no puede dominar α , aunque α podría dominar rpg. Mantengamos esta última opción en mente.

Veamos ahora la interacción de rpg con individuation. Obsérvese los siguientes datos:

(199) a. Juan vio una alumna.

b. Juan vio unas alumnas.

Las dos oraciones de (199) no tienen rpg, porque no hay [espec]; sin embargo, eso no afecta la presencia de individuation que aparece en singular (199a) o plural (199b). Por tanto, rpg no puede dominar individuation, aunque individuation podría dominar rpg. Mantengamos esta opción en mente. Por otro lado, tampoco hay una relación de implicación entre rpg y class (el nudo organizador dominado por individuation), porque puedo tener class sin rpg:

(200) a. Juan vio un libro.

b. Juan vio una chica.

En (200a) el objeto es inanimado y en (200b) es animado; aunque en las dos oraciones no hay rpg. Podría ser el caso que class domine rpg; también mantengamos esta opción en mente.

Hasta aquí hemos llegado a la conclusión de que rpg no podría dominar ni a α ni a individuation o class. Nos queda la opción de que rpg sea dominada o sea hermana de los nudos organizadores mencionados. Propongo que rpg sea dominado por α , y α sea dominado por individuation. Sigue la geometría:

(201)

El dominio de α sobre *rpg* implica que por ejemplo cuando haya [espec] en *rpg*, deberá haber necesariamente α , es decir, el elemento con *rpg* deberá ser [atom] o [Øatom]. Aunque podría ocurrir que el elemento sea [atom] o [Øatom] y no tenga *rpg*; considero que este es el caso del objeto de (202):

(202) (??De aquel grupo), Juan vio una actriz.

La imposibilidad del conjunto de pertenencia entre paréntesis indica que el objeto es no [espec], de acuerdo con Enç (1991); aunque tal objeto es [atom], es un individuo.

He postulado que α sea dominada por individuation. El análisis de Espinal; Borik (2012), Borik; Espinal (2015) de los kinds le da un respaldo a esa hipótesis. Como se vio en la sección 3.3 del capítulo 2, basadas en Chierchia (1998), las autoras señalan que en español los kinds definidos nunca pueden aparecer en plural. Siguen sus ejemplos:

(203) a. La nevera se inventó en el siglo XVIII.

b. *Las (dos) neveras se inventaron en el siglo XVIII.

Agrego los siguientes casos con un kind definido en posición de objeto:

(204) a. Los nativos exterminaron al dodo (una especie muy apreciada).

b. Los nativos exterminaron a los dodos (??una especie muy apreciada).

La imposibilidad de (204b), con el adjunto entre paréntesis que remite a un kind, coincide con la imposibilidad de (203b). Sin el adjunto, la oración (204b) es gramatical.

Sin tal adjunto el objeto de (204b) es un I (un elemento [atom]) en plural, que en combinación con el verbo *exterminar* produce un efecto de genericidad.

Por otro lado, defienden las autoras que un nombre tipo subkind sí está marcado con número (205b).

- (205) a. Esta clase ballena está en peligro de extinción.
 b. Dos tipos de ballenas están en peligro de extinción.
 c. *La clase de ballena está en peligro de extinción.

En (205) la compatibilidad del DP con nombres como *clase*, *tipo* indica que se trata de subkinds; en (205c) hay incompatibilidad porque estaríamos frente a un kind.

Aquí voy a asumir la hipótesis de Espinal y Borik de que en español, a diferencia de los subkinds, los kinds definidos no están marcados con número. Para explicar esa ausencia de plural, apelo a la interacción del rasgo maximizing [max] con el rasgo [Øatom] del kind. Como fue mencionado en la sección 3.2 del capítulo 2, Fassi Fehri (2004), basado en Sharvy (1980), postula que el rasgo [def] puede dominar un rasgo maximizing [max], que indica totalidad. El rasgo [max] debe formar una unidad máxima con todos los átomos posibles de un kind. Así, el rasgo de plural [group] es incompatible, ya que la totalidad incluye todos los miembros. Propongo que para evitar la posibilidad de que el rasgo [group] aparezca en la geometría debe activarse (hacerse presente) el rasgo default. Con el default [minimal] presente, [group] no puede aparecer; habría una distribución complementaria³³. Tener los dos rasgos presentes, [minimal] y [group], en una geometría no podría ser interpretado en LF.

De modo que la restricción (un kind definido no tiene plural) puede ser parafraseada de la siguiente forma:

- (206) En un contexto de [Øatom] y [max], debe activarse el default de Individuation [minimal].

Sigue la geometría de los tres rasgos recién mencionados:

³³ Esto equivaldría a decir que activar el default [minimal] equivale a no [group]. La versión negativa de un rasgo en la geometría de Harley y Ritter se lograría con la activación del rasgo “complementario”, que debe ser un default.

(207)

Observando la geometría de (207), podemos decir que α , el nudo dominado por individuation, condiciona en cierta forma el tipo de dominador que va a haber. Así, si el dominado (α) es [$\emptyset$ atom] y [max], entonces el dominador individuation será [minimal], un default activado. De acuerdo con la geometría de Harley y Ritter, no puede haber B sin A (si A domina B), pero también sería el caso que B condiciona relativamente el tipo de A. Habría una real interacción entre A y B.

Propongo la geometría de (208b) para el objeto tipo kind de la oración (204a), que repito como (208a):

(208) a. Los nativos exterminaron al dodo.

b.

En español es posible que los objetos kinds aparezcan sin la marca A:

(209) a. Los nativos exterminaron el dodo.

b. Antoñito buscaba la mujer rica. Brugè; Brugger (1996)

Voy a plantear la siguiente geometría para los objetos de (209):

(210)

Como fue señalado en el capítulo 1, los kinds sin A de (209) son [Øatom]. La diferencia con los kinds con A de (208) es que los de (209) tendrían el rasgo default de class [inanim] activado. Activando el default de class se inhibiría la posibilidad de que aparezca el rasgo no default [anim]. Siendo así, no puede haber A.

Obsérvese que un nominal tipo kind tiene la característica de no presentar variación de género:

(211) a. Los nativos exterminaron (a)l león (K).

b. Los nativos exterminaron (a) la leona (*K).

Si se quiere hablar del kind león, la única forma posible es la masculina (211a); no importa si el objeto está marcado con A o no. El objeto de la oración (211b) no puede tener lectura de kind³⁴. Aparentemente, en un contexto de kind con A, un

³⁴ Véase la sección 3.3 del capítulo 2 para más detalles.

contexto [$\emptyset$ atom], [max], [minimal] como en (208), se pierde la variación de género del rasgo [anim]. La falta de variación se debería a que debo elegir uno de los géneros para representar a la especie; no es posible representar los dos. Colocar [inanim] en la geometría también sería otra forma de evitar la variación de género en el D de un kind, ya que un elemento inanimado no presenta variación de género. ¿Por qué recurrir a la operación de activar el default [inanim] si con [anim] (en un contexto adecuado) se consigue ya evitar la variación? Las dos versiones no serían totalmente equivalentes; el siguiente contraste es ilustrativo al respecto:

- (212) a. Los nativos exterminaron el dodo (??uno por uno).
 b. Los nativos exterminaron al dodo (uno por uno).

La compatibilidad del adjunto en la versión con A indica que es posible referir a los átomos del kind; en la versión con [inanim] no es posible. Supongamos que los rasgos dominados por los nudos organizadores individuation y class contribuyen para el establecimiento de la referencia del DP; permite individualizarlos. Así, elementos escuetos (sin D) no estarían individualizados; serían predicados, de acuerdo con Espinal; Dobrovie-Sorin (2005). Sigue un ejemplo:

- (213) El instituto forma veterinarios.

Sería el caso que activando los default de individuation y class (210), se neutralizaría la individualización del kind; no se tendría acceso a los átomos del kind, como en (212a).

Sigo con el análisis de los subkinds:

- (214) a. Los nativos exterminaron a un dodo.
 b. *Los nativos exterminaron un dodo.

Con un subkind sólo es posible la versión con A. Hay una diferencia crucial entre un kind y un subkind; sólo el segundo puede ser indefinido, por tanto, no presenta [max]. Si, como hemos asumido, [max] es dominado por [def], se sigue que no podrá haber [max] con un subkind. Sin el rasgo [max] presente, no se crea el contexto

necesario para activar el default [minimal], por tanto, no sería posible neutralizar la individuación del subkind, porque esta requiere la activación de los defaults de individuation y class. Siendo así, la versión sin A de un subkind (214b) no es posible.

Sigo con las geometrías de las oraciones vistas hasta aquí; las geometrías son la letra b. Comienzo con la geometría de un objeto subkind en plural:

(215) a. Los nativos exterminaron a unos (tipos de) dodos.

b.

Continúo con las geometrías de los elementos no (sub)kinds, es decir, con los elementos I:

(216) a. Juan vio a la alumna.

b.

(217) a. De aquel grupo, Juan vio a una alumna.

b.

En (216b) y (217b) no aparece el rasgo [minimal], aunque es interpretado porque se trata de un default.

(218) a. (??De aquel grupo) Juan vio una alumna.

b.

El objeto es no [espec], como lo muestra la incompatibilidad con el adjunto. Ese objeto es [atom].

(219) a. Juan vio unas alumnas.

b.

El rasgo [group] indica el plural.

(220) a. Juan vio un libro.

b.

c.

El objeto de (220) puede ser [espec] (*De aquel grupo de cosas antiguas, Juan vio un libro*) o no [espec] (*Juan vio un libro; pudo haber sido uno u otro*). La geometría de (220b) representa el primer caso y (220c), el segundo caso. Si no hay [espec], tampoco habría el nudo organizador rpg como se dijo. El rasgo [inanim] es default, por tanto, no aparece en la geometría.

3.8 Conclusión

A partir de la geometría de Harley; Ritter (2002), se ha intentado adaptar a ella los rasgos de atomicidad (FASSI FEHRI 2004) y especificidad (ENÇ 1991, COWPER; HALL 2003) habida cuenta de que en el DOM del español participarían tales rasgos, aunque indirectamente. El resultado ha sido que α (el nudo organizador que contiene el rasgo de atomicidad) debe dominar el nudo organizador rpg, que contiene al rasgo especificidad y definitud. Ha sido necesario ingresar también en la geometría al rasgo [max(imizing)] para poder explicar la incompatibilidad de los kinds definidos con el plural de acuerdo con Espinal; Borik (2012, 2015). El rasgo [max] debe ser dominado por el rasgo [def], ya que sólo elementos definidos presentan [max]. Finalmente, el

nudo α debe ser dominado por el nudo organizador individuation. Sigue la geometría general propuesta:

(221)

La geometría de D resultante será la que valore los rasgos de v, que finalmente marcará o no al objeto con A. En relación con D, nuestra propuesta es que el rasgo de animicidad es el responsable de la marcación del objeto. En el siguiente capítulo, veremos que en español, el verbo también debe participar de la marcación del objeto; lo hace a través del rasgo afectación.

Capítulo 4

Desarrollo de la hipótesis central

4.1 Introducción

En este capítulo, centralmente desarrolló una geometría para el *v* que, junto con el rasgo [anim], genera una marca A en el objeto directo del español. Empiezo con una sección describiendo los datos del español y mostrando qué rasgos del verbo participan del DOM en español. Continúo con una sección sobre afectación, noción clave en mi hipótesis, y su relación con otros rasgos. Sigo con una propuesta sobre la marca A con objetos inanimados y sobre objetos tipo kind. Por otro lado, voy a defender que en los casos de contextos complejos (predicación secundaria, verbos causativos, verbos ECM) en donde la marca A aparece, el objeto fue animizado. Termino con un análisis del objeto indirecto y DOM.

4.2 Rasgos en el DOM del español

La hipótesis que defiende en relación con la marcación del objeto directo del español es que son dos rasgos que lo desencadenan: afectación en el verbo y animidad en D. Comenzaré el análisis de los datos con los objetos indefinidos, después pasaré a los definidos.

Obsérvese los siguientes casos:

- (222) a. Los fans escondieron a una actriz.
 b. Los fans escondieron una actriz.
- (223) a. Los fans escondieron (a medias) a una actriz.
 b. Los fans escondieron (??a medias) una actriz.

Los ejemplos de (222) muestran que la marca A es opcional en el objeto cuando el determinante es indefinido. La oración (223a) muestra que el adverbio *a medias* es posible sólo en la versión con A. Ese adverbio indica que el objeto es afectado por el verbo, es decir, el objeto sufre un cambio. Ese cambio en el objeto, expresado como un

progreso a medias (no terminado), corresponde a un evento hecho también a medias (no terminado). Así, afectación es una relación que involucra al objeto y al verbo.

En relación con la marcación del objeto directo del español, podemos decir que hay afectación sólo cuando hay A (223a). En otras palabras, el DOM del español parece depender de la posibilidad de que el verbo pueda afectar al objeto. Sin embargo, para que haya afectación no es necesario que el objeto sea animado:

(224) Juan escondió a medias (*a) una billetera.

La oración (224) muestra que hay afectación con un objeto inanimado. No es posible la marca A, porque el objeto debe ser animado.

Que el rasgo afectación es necesario para tener DOM en español puede ser corroborado cuando se compara verbos que afectan con verbos que no afectan. En los últimos, la marca A no es posible. Como fue discutido, Torrego argumenta que los verbos estativos nunca son marcados con A. La explicación en los términos de mi propuesta es que verbos estativos no deben tener afectación; sin tal rasgo no hay A. Obsérvese los siguientes casos:

(225) a. Juan conoció (*a medias) una chica.	versión estativa
b. Juan conoció a medias a una chica.	versión no estativa

El verbo *conocer* tiene un significado similar en ambos casos, aunque varía en su aspecto. La versión estativa del verbo (225a) no permite el adjunto que mide; la versión no estativa, sí (225b). Por tanto, la versión estativa no debe tener el rasgo afectación; la versión no estativa debe tener. Por otra parte, si la forma progresiva es incompatible con la versión estativa del verbo, se espera que el adjunto que indica afectación no pueda aparecer en ese caso. La predicción se cumple; (226a) no es posible:

(226) a. ??Juan está conociendo poco a poco una chica.	versión estativa
b. Juan está conociendo poco a poco a una chica.	versión no estativa

Otro caso que muestra que la marca A está relacionada con la presencia de afectación en el verbo es el caso del verbo *tener*. Este verbo tiene un significado de

posesión que puede aparecer en contextos como los de (227). Este significado de posesión no afecta al objeto; denota un evento estativo. Esto explica que el adverbio que indica afectación no sea posible (227a), por tanto, la marca no es posible aun cuando el objeto es animado (227b).

(227) a. Juan tiene (*a medias) un hermano.

b. Juan tiene (*a) un hermano.

Obsérvese ahora el siguiente contraste con un objeto definido:

(228) a. Juan escondió (a medias) a la chica.

b. *Juan escondió la chica.

Sin la marca A, el objeto definido no es posible, a diferencia de los indefinidos (222). Para explicar esa asimetría, es necesario discutir el papel del rasgo especificidad en la marcación del objeto directo del español. Mi propuesta es que tal rasgo no participa de la marcación con A al objeto; sin embargo, hay una relación entre [espec] y afectación. Obsérvese los siguientes casos:

(229) a. De aquel grupo, Juan escondió a una alumna. [espec]

b. Juan escondió a una alumna; no sé a cuál, pudo haber sido una u otra. no [espec]

El objeto de (229a) puede ser incluido en el conjunto de pertenencia *de aquel grupo*, entonces es un objeto específico. Este objeto es marcado con A. El hecho de que el objeto de (229b), también marcado, sea compatible con la frase *una u otra* indica que tal objeto es no específico, por tanto, la marca A aparece también con objetos no específicos. Las oraciones de (229) indican que [espec] es un rasgo que no participa en la marcación del objeto directo del español. Sin embargo, aunque el rasgo [espec] no participa de la marcación, los datos muestran lo siguiente: para que haya afectación no es necesario que el objeto sea [espec]; sin embargo, para que haya [espec] en el objeto es necesario que haya afectación en el verbo. Obsérvese los siguientes casos:

- (230) a. De aquel grupo, Juan escondió a medias a una alumna. [espec]
 b. Juan escondió a medias a una alumna; no sé a cuál, pudo haber sido una u otra. no [espec]

En las dos oraciones de (230) el verbo afecta al objeto, aunque en (230b) el objeto es no [espec]. De modo que no es necesario que haya [espec] para que haya afectación. Los siguientes datos sugieren que para que haya [espec] en D es necesario que el verbo pueda afectar a su objeto.

- (231) a. Hay (*a medias) un libro.
 b. Hay (*a) una chica.
 c. (*De aquel grupo), hay una chica.
 d. *Hay la chica.

El verbo *haber* no permite el adverbio que expresa afectación (231a), por tanto, la A no es posible (231b). Podemos decir que el verbo *haber* no afecta a su objeto. Si efectivamente no hay [espec] sin afectación, se espera que el objeto de *haber* no pueda ser [espec]; es así. La oración (231c) muestra que el objeto de *haber* no puede ser incluido en el conjunto de pertenencia *de aquel grupo*; se trata de un objeto no [espec].

De acuerdo con Enç (1991) y Cowper y Hall (2013), todo objeto definido es específico. Siendo así, es esperable que el objeto de *haber* nunca pueda ser definido, ya que si es definido, tendrá que ser específico, y para poder ser específico tendría que haber afectación en el verbo; pero (231a) muestra que el verbo *haber* no es compatible con afectación. La oración (231d) muestra que la predicción se cumple; el objeto de *haber* no puede ser definido. Por otra parte, el verbo *tener* tampoco permite un objeto definido (232); algo esperable ya que ese verbo no permite tampoco afectación, como se vio.

- (232) *Juan tiene el hermano.

Observemos ahora con el caso de los objetos directos indefinidos sin marca A. Los datos muestran que no hay afectación cuando el objeto no es marcado con A. Repito la oración (223b) con otra numeración:

- (233) Los fans escondieron (??a medias) una actriz.

Si no hay afectación, no debe haber [espec] en el objeto. La predicción se cumple:

(234) (??De aquel grupo,) los fans escondieron una actriz.

El conjunto de pertenencia *de aquel grupo* no puede incluir al objeto, porque tal objeto es no [espec]. Notar que la imposibilidad de la oración (234) apoya también nuestra hipótesis de que sólo es posible [espec] en el objeto si hay afectación en el verbo.

Podemos concluir que el rasgo [espec] no participa del DOM del español (230b), aunque su presencia en D del objeto depende de uno de los rasgos que sí lo hace, afectación. En otras palabras, la presencia de [espec] en el objeto está condicionada a la presencia de afectación. Esta relación podría explicar el hecho de que en la literatura (FERNÁNDEZ RAMÍREZ (2006), KLIFFER (1984), AISSSEN (2003), entre otros) se haya relacionado el DOM del español con el rasgo [espec]. La presencia de [espec], rasgo que no desencadenaría DOM en español, sería un efecto de la presencia de afectación, un rasgo que sí participaría de la marcación al objeto en español, además de animicidad.

Por otro lado, el análisis que hemos desarrollado hasta aquí permite argumentar que hay verbos como *haber*, *tener* (posesivo) que nunca marcan a su objeto con A (porque nunca afectan a su objeto) y verbos que pueden tener afectación opcionalmente, como el verbo *esconder*. Es de esperar que haya verbos que siempre afecten a su objeto, por lo tanto, siempre marquen a su objeto. Este sería el caso de verbos como *golpear*, *empujar*. De acuerdo con Torrego, el objeto de *golpear* siempre requiere de A. Sigue el ejemplo de la autora:

(235) El guardia golpeó *(a) un prisionero.

Añado el siguiente ejemplo que muestra la compatibilidad de *golpear* con un adjunto que indica afectación:

(236) Juan golpeó parcialmente/un poco a un prisionero.

El verbo *golpear* siempre tendría A con un objeto animado, porque siempre tendría el rasgo afectación.

Continúo con el caso de los objetos definidos. El análisis recién hecho nos permite explicar que un objeto definido animado siempre deba llevar A como muestra la imposibilidad de la oración (228b) repetida como (237). Si todo objeto definido es siempre específico y especificidad es posible sólo cuando hay afectación, entonces si el objeto es animado y definido, siempre habrá A. No obstante, hay algunos casos que no parecen encajar. Repito en (238) los casos citados por Rodríguez-Mondoñedo³⁵:

(237) *Juan escondió la chica.

(238) a. Juan está buscando el decano más alto.

b. Juan está buscando al decano más alto.

Según el autor, en (238a) el objeto tiene un determinante *D, que no tiene persona ni especificidad; sin este rasgo, no hay *choice function*, por lo tanto, no hay A. En (238b) el objeto tiene D, el determinante con persona.

Obsérvese que en la versión sin A no hay afectación; propongo los siguientes casos:

(239) a. ??Juan está buscando de a pocos el decano más alto.

b. Juan está buscando de a pocos al decano más alto.

El adverbio que indica afectación, *de a pocos*, es incompatible con la versión del objeto sin A; aunque compatible con la versión con A. Esto sugiere que no hay afectación en la versión (239a) del verbo. De acuerdo con mi propuesta, si no hay afectación, no hay marca A. Sin embargo, si el determinante es definido, debe tener también especificidad (ya que especificidad domina definitud). Si hay especificidad en el objeto, debería de haber afectación en el objeto; con afectación y animicidad la marca A debería ser obligatoria, pero es posible que no haya (238a). Mi respuesta a este problema comienza por proponer que no hay especificidad en el objeto de (238a); obsérvese el siguiente caso:

(240) a. ??De las autoridades de la universidad, Juan está buscando el decano más alto.

b. De las autoridades de la universidad, Juan está buscando al decano más alto.

³⁵ Ver la sección 2.1.2 del capítulo 1.

La imposibilidad de incluir al objeto sin marca en el conjunto de pertenencia sugiere que tal objeto es no específico (240a). En la versión con A sí puede haber inclusión. Si efectivamente el objeto sin A no es específico, entonces aparece la opción de que no haya afectación en el verbo (especificidad en el objeto requiere de afectación; pero no lo contrario). Sin afectación, no hay A (238a).

Surge la cuestión sobre la definitud del objeto sin A. De acuerdo con Enç, un nominal definido debe ser específico; no obstante, la definitud del objeto sin A de (238a) no parece implicar especificidad. Rodríguez-Mondoñedo, citando Heim (1999), señala que el artículo definido en una construcción superlativa es como un “indefinido”. De ser así, tendríamos una explicación para la propuesta falta de especificidad en el objeto sin A de (238a), (239a), (240a); un indefinido no requiere de especificidad.

Irimia; Cyrino (2017), comparando el impacto del rasgo especificidad en el objeto nulo del portugués de Brasil y en la marca A del español, señalan que la marca A puede caer cuando un definido animado tiene una lectura “non-specific”. Sigue su ejemplo:

(241) He encontrado la niña que buscas.

Ese objeto no puede ser incluido en un conjunto de pertenencia; añadido el siguiente caso:

(242) ?? De las personas que querías ver, he encontrado la niña que buscas.

Tampoco hay compatibilidad con adverbios que miden:

(243) ?? Encontré de a pocos/lentamente la niña que buscas.

La versión con A es compatible:

(244) De las personas que querías ver, he encontrado a la niña que buscas.

(245) Encontré de a pocos/lentamente a la niña que buscas.

Los contrastes son similares a los que veíamos en los casos de Rodríguez-Mondoñedo, por tanto, parece plausible pensar que en (241) también hay “falta” de definitud.

Por otro lado, la necesidad de que el objeto directo sea animado para poder marcarlo se mantiene constante también con los definidos:

(246) Juan escondió a medias (*a) la billetera.

El análisis hecho hasta aquí se basa en la idea de que la marcación del objeto directo en español depende de dos rasgos: afectación y animicidad. En lo que sigue, presentaré algunos análisis de afectación en la literatura. Adoptaré Tenny (1992, 1994) que divide afectación en dos rasgos: medición y delimitación. También discutiré los casos con el verbo perceptivo *ver* y su posibilidad de afectar al objeto.

4.3 Afectación

La noción de afectación (una entidad que sufre algún tipo de cambio) ha sido inicialmente usada para explicar ciertas restricciones en los DPs con objetos con preposición y sus núcleos (ANDERSON 1977). La autora observa que las pasivas nominales son posibles si el DP complemento con preposición es afectado. Esto ocurre en (247b), pero no en (248b).

(247) a. The barbarians destroyed Rome.

b. Rome's destruction by the barbarians

(248) a. John expressed great relief.

b. *Great relief's expression of John.

Por otro lado, la noción de afectación permite también explicar restricciones en las construcciones medias: solo puede obtenerse una media de un verbo cuyo objeto es afectado. En los siguientes casos (249) de Hoekstra; Roberts (1993:201), la imposibilidad se explica porque el objeto alzado no es afectado. En (250) tal objeto es afectado:

(249) a. *The mountains see better after the rain.

b. *Anniversaries forget easily.

(250) The wood splits easily.

En Hooper y Thompson (1980) afectación es uno de los diez parámetros de su escala que define la transitividad de un verbo (251). Sigue la escala:

(251)

	HIGH	LOW
A. PARTICIPANTS	2	1
B. KINESIS	action	non-action
C. ASPECT	telic	atelic
D. PUNCTUALITY	punctual	non-punctual
E. VOLITIONALITY	volitional	non-volitional
F. AFFIRMATION	affirmative	negative
G. MODE	realis	irrealis
H. AGENCY	A high in potency	A low in potency
I. AFFECTEDNESS OF O	O highly affected	O not affected
J. INDIVIDUATION OF O	O highly individuated	O not individuated

Según Hooper; Thompson (1980. p. 253) “The degree to which an action is transferred to a patient is a function of how completely that patient is AFFECTED; it is done more effectively in, say, *I drank up the milk* than *I drank some of the milk*”. Es de destacar que afectación es una relación entre el verbo y su objeto.

La idea de que la información semántica participa en DOM aparece ya en algunos autores (PENSADO (1995), TORREGO (1998), LEONETTI (2004), VON HEUSINGER; KAISER (2009), LÓPEZ (2012), entre otros). En lo que sigue de esta sección, discutiré la noción de afectación de Beavers (2011) y Tsunoda (1985) con énfasis en los verbos de percepción. Finalmente adoptaré la noción de afectación de Tenny (1992, 1994), que divide afectación en dos rasgos, medición y delimitación.

Beavers (2011) defiende la idea de que afectación es sobre todo cambio. El autor plantea los siguientes tipos de cambio:

(252)

- a. x changes in some observable property. (clean=paint=delouse=fix=break x)
- b. x transforms into something else. (turn=carve=change=transform x into y)
- c. x moves to and stays at some location. (move=push=angle=roll x into y)
- d. x is physically impinged. (hit=kick=punch=rub=slap=wipe=scrub=sweep x)
- e. x goes out of existence. (delete=eat=consume=reduce=devour x)
- f. x comes into existence. (build=design=construct=create=fashion x)

Beavers (2011) desarrolla una teoría de afectación en donde un tema y el evento se relacionan mediante una escala de cambio. El tema es afectado, las escalas miden el evento y ambos participan en la telicidad (o no telicidad) del evento. Dice el autor (BEAVERS 2011, p. 3): “An argument *x* is affected iff there is an event *e* and a property scale *s* such that *x* reaches a new state on *s* through incremental, abstract motion along *s*”.

El autor presenta una Jerarquía de Afectación basado en el criterio de grado de cambio. Propone cuatro grados en términos de cuán específico un predicado puede ser en relación con el progreso del tema en la escala. Por ejemplo, el autor defiende que en (253) tenemos un *quantized change* y un *non-quantized change*. En ambos hay una transición del tema a través de una escala *s* en un evento *e*; no obstante, difieren en que en el primero (253a) se expresa un específico *endpoint* en la escala (5 ins), y en el segundo (253b) solo está implícito que tal *endpoint* existe. Nótese que el criterio central en el análisis (y por tanto también en la jerarquía) es el de delimitación o *endpoint*. Sigue la jerarquía del autor en (254):

(253) a. The tailor lengthened the jeans 5ins in/?for an hour.

b. The tailor lengthened the jeans for/??in an hour.

(254)

a. *x* undergoes a quantized change (e.g. accomplishments/achievements: break, shatter, destroy, devour *x*)

b. *x* undergoes a non-quantized change (e.g. degree achievements/cutting: widen, cool, lengthen, cut, slice *x*)

c. *x* has potential for change (e.g. surface contact/impact: wipe, scrub, rub, punch, hit, kick, slap *x*)

d. *x* is unspecified for change (e.g. other activities/states: see, laugh at, smell, follow, ponder, ogle *x*)

De acuerdo con Torrego, la marca A aparece con realizaciones y crucialmente con actividades, eventos estos que no tienen delimitación. Repito los ejemplos de Torrego que ilustran el caso:

(255) a. Laura escondió a un prisionero durante dos años. realización o actividad

b. Laura escondió un prisionero durante dos años. actividad

La oración (255a) es ambigua entre una lectura de actividad (un acto repetitivo de esconder; no hay un punto final) en donde el adverbio indica el tiempo durante el cual ocurrieron diversos actos de esconder, y una lectura de realización (*accomplishment*; un único acto de esconder, con un final por tanto) en donde el adverbio indica el tiempo en el que el prisionero estuvo escondido. La oración (255b) tiene solo la lectura de actividad. Las lecturas con el verbo *esconder* ocurren también con *ver*; añado los siguientes casos:

(256) a. Laura vio a un prisionero durante dos años. realización o actividad

b. Laura vio un prisionero durante dos años. actividad

Si es posible marcar al objeto en una actividad (eventos sin delimitación), entonces el análisis de Beavers de afectación (entendida como delimitación/endpoint) no es el adecuado para el DOM del español.

Veamos ahora el análisis de Tsunoda (1985), quien comienza discutiendo la hipótesis de transitividad de Hooper y Thompson (1980). Tsunoda propone que algunos de los diez parámetros que proponen los autores deben ser refinados; uno de los casos es el parámetro de afectación. En este contexto, el autor propone una jerarquía de predicado con dos posiciones (two-places predicate) en donde junta tipo y grado de afectación. La noción de afectación que el autor usa es la de Hooper y Thompson (“The degree to which an action is transferred to a patient is a function of how completely that patient is AFFECTED” (p. 253)). Sigue la escala unidimensional de Tsunoda:

(257)

Type...	1		2		3	4	5	6	7
Meaning...	Direct effect on patient		Perception		Pursuit	Knowledge	Feeling	Relationship	Ability
Example...					Search, wait, await	Know, understand, remember, forget	Love, like, want, need, fond, fear, afraid, angry, proud, boast	Possess, have, lack, lacking, resemble, similar, correspond, consist	Capable, proficient, good
Subtype...	1A	1B	2A	2B					
Meaning...	Resultative	Non-resultative	Patient more attained	Patient less attained					
Example...	Kill, break, bend	Hit, shoot, kick, eat	See, hear, find	Listen, look					
English	NOM kill ACC	NOM hit ACC NOM hit at X NOM tread on X	NOM see ACC	NOM listen to X NOM look at X	NOM await ACC NOM wait for X	NOM know ACC NOM aware of X	NOM like ACC NOM fond of X NOM angry with X	NOM have ACC NOM lacking in X NOM similar to X NOM consist of X	NOM capable of X NOM proficient in X NOM good at X

Los verbos de percepción aparecen como los segundos afectados después de los predicados de “effective action”. El verbo *ver* pertenece a la primera subclase de verbos de percepción (2A), los que son *patient more attained*. Añade Tsunoda: “In Type-2, the patient of, say, *see* “to form a complete visual image” (Subtype-2A “patient more attained”) is more affected than that of *look* (Subtype-2B “patient less attained”). (See Catford, 1975:34)” (p. 389). En Catford (1975) el verbo es en realidad *look at* (echar un vistazo).

A diferencia de Beavers, la noción de afectación de Tsunoda (el grado de acción que es transferido al paciente) permite explicar mejor el DOM del español, ya que es compatible con actividades y realizaciones. Aquí voy a seguir a Tsunoda en relación con los verbos de percepción.

Obsérvese ahora los siguientes casos donde sólo la versión con A permite el adverbio que indica afectación en el objeto:

- (258) a. Los fans vieron (a medias/parcialmente) a una artista.
 b. Los fans vieron (??a medias/??parcialmente) una artista.

El contraste de (258) mostraría que el verbo *ver* puede afectar a su objeto (258a) o no afectarlo (258b). Los verbos perceptivos tendrían opcionalmente el rasgo afectación. La teoría de Tenny (1992, 1994) sobre afectación nos permitirá formalizar adecuadamente la propuesta.

Tenny (1992) procura dar una respuesta al problema de la conexión entre sintaxis y semántica. La autora propone la AIH (Aspectual Interface Hypothesis), que dice lo siguiente: “The mapping between thematic structure and syntactic argument structure is governed by aspectual properties” (p. 2). De acuerdo con AIH la gramática no necesita ver los roles temáticos sino solo ciertas estructuras sintáctico/aspectuales a las cuales los roles están asociados. Específicamente, la autora se va a concentrar en la correspondencia entre dos tipos de argumentos: el argumento en una representación semántica con el rol aspectual de “medir el evento” (“measuring out the event”) y el argumento sintáctico interno del verbo. Tenny propone la siguiente restricción: “The internal argument of a simple verb is constrained so that it either undergoes no change or motion, or it undergoes change or motion which “measures out the event” over time” (TENNY 1992. p. 3).

El término *measure out*, dice Tenny, está siendo usado de una manera informal como una metáfora para un cambio uniforme y constante a través de una escala. La propiedad aspectual de delimitación permite elucidar la noción de *measure out* (que voy a traducir como medir). Siguen los ejemplos de la autora:

- (259) a. destroy the city (in an hour/*for an hour) (delimited)
 b. push the car (*in an hour/for an hour) (nondelimited)
 (260) perform a play.

Un test común que permite distinguir un evento delimitado de uno que no lo es son las formas *in/for* como en (259). La construcción en (260) muestra que el límite temporal es puesto por el objeto; es el objeto que delimita el evento. Así, el fin de la obra (la performance del acto 1, 2...hasta el final) es el fin del evento. Tenny añade la siguiente prueba:

- (261) a. perform a play halfway
 b. perform half a play
 c. translate a poem halfway
 d. translate half a poem
 e. destroy the city halfway
 f. destroy half the city
 (262) a. redden the photograph.
 b. ripen the fruit.

En (261) la primera frase de cada par incluye el significado de la segunda. Los objetos de cada par miden el evento (a través de su extensión o volumen), porque el progreso de la mitad del objeto corresponde a la mitad del evento. En (262) el verbo nombra la propiedad del objeto que está siendo medida. En los casos (260)-(262), el objeto delimita y mide el evento verbal. No obstante, es posible que el objeto que sufre un cambio mida al evento sin delimitarlo:

- (263) a. push the cart (*in an hour/for an hour) no delimitado
 b. push the cart to New York (in an hour/?for an hour) delimitado

La forma *in*, que indica delimitación, es posible solo en (263b), donde fue incluido un destino (que delimita); en (263a) no es posible la frase *in*. No obstante, en ambas oraciones el objeto mide el evento, porque es afectado por el verbo (el objeto sufre un cambio debido a la acción verbal).

Para Tenny un argumento afectado es uno que sufre un cambio, por tanto, afectación será mejor descrita en términos de medición (measure out) y delimitación: “An affected argument measures out the event by virtue of its being a direct internal argument. What is special about it is that it also delimits the event” (TENNY 1992, p. 7). Voy a asumir la hipótesis de Tenny de que afectación es medición, que interactúa con delimitación, y explorar la idea de que los rasgos de medición y delimitación están formalmente presentes en la estructura sintáctica, organizados de acuerdo con la geometría de rasgos. Siendo así, podemos decir que delimitación no puede dominar a medición porque puede haber medición sin delimitación. Lo contrario es plausible, es decir, que medición domine delimitación.

Obsérvese los siguientes casos:

(264) a. El público vio (*a medias) una actriz.

b. (*En un segundo) El público vio una actriz.	delimitado
c. (Durante un minuto) El público vio una actriz.	no delimitado

La oración (264a), con un objeto sin marca A, nos dice que el adjunto que indica medición no es compatible; no hay medición en esa oración. (264b) indica que sin medición no es posible delimitación; solo es posible no delimitación (264c). Asumiendo que un rasgo negativo no tiene presencia en la geometría (monovalencia), podemos decir que para que aparezca el rasgo delimitación debe haber medición; si no hay medición, no hay delimitación. Estas relaciones configuran una relación de dominio: medición domina delimitación. Si es así, se espera que haya delimitación y no delimitación con medición; la predicción se cumple:

(265) a. (En un segundo) El público vio (a medias) a una actriz.	delimitado
b. (Durante un minuto) El público vio (a medias) a una actriz.	no delimitado

En (265) ambas oraciones permiten el adjunto que mide al evento, por tanto, hay medición ahí. En (265a) hay delimitación (una realización (accomplishment)) y en (265b) no hay delimitación (una actividad).

En relación con verbos que alternan la presencia de la marca A, Torrego argumenta que “el complemento preposicional de un verbo hace que el evento se entienda como télico incluso si el verbo aisladamente designa un evento atélico” (TORREGO, 1999, p. 1790). La autora relaciona el carácter télico con dos aspectos: una participación mayor del sujeto y una individualización del objeto (es decir, un objeto específico). Siguen sus ejemplos:

- (266) a. Besaron un niño.
b. Besaron a un niño.

Señala Torrego: “...tras emitir el enunciado de (19a)³⁶ (sin a), no cabe identificar niño alguno; en cambio, en el caso de (19b), sí cabe identificar al niño besado, hablar de él, localizarlo en tiempo y en el espacio, y adscribirle propiedades” (TORREGO, 1999, p. 1789). Según la autora:

Gramaticalmente, la diferencia de significado entre las dos oraciones de (266) queda realzada en contrastes tales: *Besaron a un niño en la frente* y **Besaron un niño en la frente*. Para que sea posible el locativo de posesión inalienable *en la frente*, es preciso que se hable de alguien concreto. De modo parecido, *Besaron a un niño llorando*, contrasta con *Besaron un niño llorando*; en este último llorando sólo puede modificar al sujeto, mientras que en el primero, *llorando* puede modificar bien al sujeto bien al complemento (TORREGO, 1999, p. 1789).

La argumentación de la autora se basa en la especificidad del objeto, es decir, alguien localizado en el tiempo y espacio. Añade Torrego el siguiente contraste:

- (267) a. **Besaron un niño en un segundo*.
b. *Besaron a un niño en un segundo*. realización (télica)

³⁶ La oración (19a) de la autora es (266a) en el texto y (19b) es (266b).

La frase *en un segundo* indica la telicidad del predicado en (267b); en (267a) sin la A, no es posible tal adjunto.

Concuerdo con la autora que la versión con A puede ser leída con telicidad (una realización); sin embargo, también es posible que esa versión sea interpretada como no télica (una actividad). Así, es posible la siguiente oración que añado:

(268) Besaron a un niño durante algunos minutos. actividad

La oración (268) muestra que la versión con A puede ser también no télica, como en (265b). De hecho la propia autora defiende esa doble interpretación en su análisis del verbo *esconder*; repito sus ejemplos:

- (269) a. Laura escondió a un prisionero durante dos años.
b. Laura escondió un prisionero durante dos años.

Según Torrego la versión con A puede ser leída como una realización o actividad, y la versión sin A sólo como actividad.

El rasgo que permite diferenciar la versión con marca de la sin marca no es telicidad (delimitación en nuestros términos) sino medición. Coloco los siguientes casos:

- (270) a. ??Juan besó a medias una actriz.
b. Juan besó a medias a una actriz.

El adverbio que mide sólo es posible en la versión con A. Esta versión con A puede ser una realización como muestra (267b) o una actividad (268).

Torrego argumenta que los objetos con A son específicos (alguien localizado en el tiempo y espacio). Concuerdo con la autora en que los objetos marcados pueden ser específicos; sin embargo, como fue discutido, es posible que no lo sean. Propongo el siguiente dato:

- (271) Juan besó a una actriz; no sé a cuál, pudo haber sido una u otra.

Que el objeto marcado sea compatible con la frase *una u otra* indica que tal objeto es no [espec].

El análisis muestra que los rasgos de telicidad (delimitación) y especificidad no participan en la generación de la marca A del objeto directo; sí lo hace el rasgo de medición.

Hemos visto que el rasgo medición aparece con realizaciones y actividades. Si una realización es télica (delimitada en mi análisis) entonces medición debe dominar delimitación. Si hay delimitación, hay realización; si no hay delimitación, hay actividad. Esos rasgos deben estar en el verbo (V), ya que forman parte de su idiosincrasia léxica. Propongo la siguiente geometría:

(272)

En lo que sigue, veremos que el rasgo delimitación puede ser ecuacionado al rasgo atomicidad.

Fassi Fehri (2005, 2008) asume la clasificación de Vendler (1967) de los eventos; siguen los ejemplos en árabe con su traducción al inglés:

(273) wajada r-rajul-u l-hall-a achievement

found the-man-nom the-solution-acc

“The man found the solution”.

(274) ‘akala r-rajul-u tuffaah-at-an accomplishment

ate the-man-nom apple-unit-acc

“The man ate an apple”.

(275) jaraa l-walad-u activity

run the-child-nom

“The child run”.

(276) carafa r-rajul-u l-jawaab-a state

knew the-man-nom the-answer-acc

“The man knew the answer”.

Las cuatro clases de Vendler pueden ser descritas usando los mismos rasgos que fueron usados para describir los nominales³⁷: [atom(icidad)] que describe la integridad de los predicados como un todo y [singulative] referido a la integridad de las partes posibles de un predicado. La clasificación es como sigue:

(277)

- a. Activity: [-atom, +singulative]
- b. Achievement: [+atom, +singulative]
- c. Accomplishment: [+atom, -singulative]
- d. State: [-atom, -singulative]

Una realización (comer una manzana) está conformada por varios eventos que no son discretos (son no [singulative]), aunque pueden agruparse para formar un único evento (es [atom]). Una actividad tiene eventos discretos (subeventos), por tanto, es [singulative]; aunque no logra formar un único evento, entonces es no [atom]. Por ejemplo en la oración *El niño corre*, el evento no está delimitado (no hay un *endpoint*), de modo que no se logra formar un todo integral; es no [atom]. Por otro lado, un *achievement* tiene un único discreto evento, por tanto, es [atom], [singulative]. Por ejemplo en *Juan encontró la solución*, hay un evento delimitado (con un *endpoint*), que es único y discreto. Finalmente un estado (conocer la respuesta) es un evento homogéneo no atómico ni discreto.

De acuerdo con Fassi Fehri, existe una relación entre el hecho de que un evento pueda ser delimitado (tenga un *endpoint*) con el hecho de que pueda ser contado: sólo los eventos delimitados pueden ser contados. Si una entidad puede ser contada, entonces es [atom]. Esto permite igualar delimitación a atomicidad. Actividades y estados son no delimitados, por tanto, no [atom]; logros y realizaciones son delimitados, por ende, [atom].

Voy a asumir la identificación que hace Fassi Fehri entre delimitación (telicidad) y atomicidad. Así, la geometría que propuse en (272) debe cambiar para (278), donde atomicidad es dominada por α de acuerdo con la geometría que hemos asumido para D.

³⁷ Ver la subsección 2.5.2 del capítulo 2.

(278)

El análisis hecho hasta aquí ha puesto en relación el rasgo medición de V con el nudo organizador class del DP (que domina animicidad), ¿por qué debe ser así? Los rasgos dominados por los nudos organizadores individuation y class contribuyen para el establecimiento de la referencia del DP; permite individualizarlos³⁸. Sólo nominales individualizados podrían ser afectados; nominales tipo predicado no podrían ser afectados, por ejemplo, nombres escuetos (sin D) de acuerdo con Espinal y Dobrovie-Sorin (2005). Obsérvese el ejemplo (279c) de Fábregas y mis adaptaciones en (279a), (279b):

- (279) a. Este profesor forma (a medias) a los topógrafos.
 b. Este profesor forma (??a medias) topógrafos.
 c. Este profesor forma (*a) topógrafos. Fábregas (2013: (61))

El adverbio entre paréntesis de la oración (279a) muestra que el verbo *formar* puede afectar al objeto. El verbo también permite un objeto sin determinante (279b), aunque en este caso ya no hay afectación como lo muestra la incompatibilidad con el adverbio *a medias*. Si no hay afectación, no hay A (279c). Podemos decir que el objeto sin determinante de (279b) es un objeto no individualizado; es un predicado o propiedad.

³⁸ Nótese que si bien el nudo individuation participa de la individualización del DP (el establecimiento de su referencialidad), class es el nudo crucial en tal individualización, ya que medición podría relacionarse sólo con el nudo organizador dominante individuation dejando de lado el nudo dominado class, porque puede haber individuation sin class. Sin embargo, class debe estar también presente. Ya que individuation domina class, si class está presente, individuation también.

Tenemos que el rasgo medición debe relacionarse con class, porque requiere vincularse con elementos individualizados. Si hay class, debe haber individuation, porque el segundo domina al primero.

Antes de presentar las geometrías de las oraciones vistas, me gustaría discutir algunos puntos. Chomsky (2000, 2001) sostiene que los núcleos funcionales T y v entran en la derivación con rasgos phi no interpretables y no valorados. Estos rasgos obtienen un valor cuando entran en una relación de Agree con una meta que contiene un conjunto de rasgos phi interpretables y valorados; después de valorados deben ser eliminados. T y v funcionan como una sonda que debe c-comandar la meta para poder valorar sus rasgos phi. Como resultado de esta valoración, el DP meta valora su rasgo de caso no interpretable, no valorado; y luego es eliminado también. Obsérvese el siguiente caso:

(280) John saw the girl.

En (280) v sondea su complemento, al que c-comanda, en búsqueda de una meta. El objeto sirve como tal, por ser local (no hay un elemento interviniente con rasgos phi valorados) y estar activo, es decir, por tener un rasgo de caso no valorado. Después de que la sonda encuentra la meta (matching), los rasgos de la primera son valorados, y el caso de la meta es valorado también. La valoración de caso será como acusativo, porque la sonda fue v; si la sonda fuese T, el caso del DP será nominativo.

Una manera de interpretar en el marco de la geometría de rasgos el sistema recién descrito es asumir que la copia de valores de la operación Agree es una copia de los rasgos dominados por los nudos organizadores de D en el lugar de los rasgos dominados por los nudos organizadores de v. De modo que Agree en el sistema que defiende es copia de rasgos y no de valores³⁹.

Propongo la siguiente derivación general:

Paso 1: El verbo hace merge con su objeto. Aún no ocurrió Agree; aún no se copió ningún rasgo de D en V.

³⁹ Véase Preminger (2014) para ideas similares.

(281)

Paso 2: Hay Agree; el rasgo class y el rasgo animado de D son copiados en V.

(282)

Paso 3: Merge de v con el VP

(283)

Paso 4: Agree entre v y D.

(284)

Paso 5: Adjunción de V a v.

(285)

Antes de presentar las geometrías de las oraciones vistas hasta aquí, presento la geometría de D ya desarrollada en el capítulo 2:

(286)

Siguen las geometrías. Represento sólo la geometría del VP, que es donde se da la concordancia responsable por la marca A. He puesto la geometría antes (a) y después de Agree (b):

(287) (En un segundo) El público vio (a medias) a una actriz. realización

a. antes de Agree

b. después de Agree

(288) (Durante un minuto) El público vio (a medias) a una actriz. actividad

a. antes de Agree

b. después de Agree

La diferencia de esta geometría (288) con la de (287) es que medición (med) no domina [atom], porque se trata de una actividad.

(289) El público vio (*a medias) una actriz.

En esta geometría no hay medición en el verbo como lo muestra la incompatibilidad del adverbio entre paréntesis; tampoco hay especificidad en el objeto.

(290) (Durante un minuto) El público vio una actriz. actividad

La geometría de (290) es la misma que la de (289) porque la actividad es la ausencia de [atom] en V, y esto ocurre también cuando no hay medición. Compárese con las geometrías de (288).

(291) Juan vio a la chica en un minuto.

a. antes de Agree

b. después de Agree

Las geometrías de (291) presentan la peculiaridad del rasgo [def] dominado por [espec].

Siguiendo ideas de Zdrojewsky (2008), la marca A sería la materialización de un nudo disociado que ingresa en PF. La marca sería como un afijo que expresa la concordancia que ocurre en V (entre un rasgo del verbo y uno de D), del mismo modo que caso sería como un afijo que expresa la copia de rasgos de rasgos de D en v.

4.4 DOM y objetos inanimados

Existen algunos casos en los que la marca A aparece con objetos inanimados. Según Rodríguez-Mondoñedo (2007) en las siguientes oraciones hay un rasgo quantize (cuantización) en el verbo y en el DP que se cotejan después de que el objeto se movió fuera del VP⁴⁰. Repito en (292) los ejemplos del autor (los ejemplos que siguen son míos):

- (292) a. El niño abrazó a las columnas.
b. El niño abrazó las columnas.

En (292a) la única lectura es de objetos separados, por tanto, hay varios eventos de abrazar. En (292b) la lectura es de objeto junto, por tanto, un único evento de abrazar; aunque es posible la lectura de (292a).

Obsérvese que en (292a) no es posible la lectura de objeto junto; de modo que algo debe bloquear esa lectura cuando el objeto es [inanim]. Con objeto [anim] son posibles las dos lecturas. Coloco el siguiente caso:

- (293) Juan abrazó *(a) las chicas.

En (293) es posible que el sujeto haya abrazado a cada chica por separado o que haya sido un único abrazo.

Mi hipótesis es que la marca A de (292a) es el resultado de la concordancia de medición con individuation. Empiezo por notar que el objeto de *abrazar* mide al verbo; añado el siguiente caso:

- (294) a. Juan abrazó a medias a las columnas.
b. Juan abrazó a medias las columnas.

En la versión con A como sin A, el objeto mide al verbo. La diferencia estaría en que en (294a) medición entra en concordancia con el rasgo [group] de individuation, mejor dicho, medición entra en concordancia con individuation; hay A porque

⁴⁰ Véase el capítulo 2 subsección 2.1.2 para más detalles.

individuation domina [group]. En (295) siguen las geometrías de (294a) antes de la concordancia (a) y después (b):

(295)

a. antes de Agree

b. después de Agree

Si individuation dominase el default [minimal], no habría A (296). Esta restricción es paralela a la que hay entre medición y class: sólo hay A cuando class domina [anim]. Podemos decir que la marca A aparece cuando medición entra en concordancia con el rasgo no default de class o con el rasgo no default de individuation (con algunos verbos).

(296)

Por otro lado, en la oración (294b), *Juan abrazó a medias las columnas*, medición debe entrar en relación con class, y no con individuation; no hay A porque el objeto es inanimado. Sigue la geometría de (294b):

(294b) Juan abrazó a medias las columnas.

(i) antes de Agree

(ii) después de Agree

Notar que en (294b) es posible también la lectura de objeto separado como en (294a). El plural permite la lectura de objeto separado o junto al margen del tipo de verbo. Así, el objeto de un verbo como *ver* (verbo que no permite A ante un objeto inanimado (297a)) puede tener lectura de objeto junto o separado (297b):

- (297) a. *Juan vio a las columnas.
 b. Juan vio las columnas (juntas) (separadas).
 c. Juan vio a medias las columnas.

En (297b) medición está en concordancia con class como lo muestra (297c), de modo similar a (294b).

La peculiaridad de verbos como *abrazar*, *rodear* estaría en que permiten que medición entre en concordancia con el rasgo [group]; verbos como *ver* no permiten esa relación. En el léxico, debe registrarse la información de que el rasgo medición del verbo *abrazar* puede activarse no sólo class sino también con individuation. En el contexto de activación del rasgo medición de verbos como *ver*, debe aparecer sólo class.

Decía que en (293), (*Juan abrazó *(a) las chicas*), es posible tener lectura de objeto junto y separado. De acuerdo con el análisis, debe ser el caso que medición debe estar concordando con class y no con individuation. Si es así, debe haber una “prioridad” de la relación medición-class sobre la relación medición-individuation. La relación medición-individuation aparece cuando class domina el default [inanim]. Nótese sin embargo que no siempre que class domina el default [inanim], medición se

va a relacionar con individuation. Así, en (294b) medición concuerda con class y el default [inanim], y no con individuation. La condición sería que medición podrá unirse a individuation cuando class domina el default [inanim]; si class domina [anim], medición no se podrá unir a individuation sino a class.

En relación con el aspecto, los datos muestran que la versión de *abrazar* con A puede ser una actividad o una realización; algo esperable ya que hay medición en V como muestra (294a), y con este rasgo son posibles ambas lecturas como muestra (298):

- (298) a. Abrazó a las columnas en un minuto. realización
 b. Abrazó a las columnas durante diez minutos. actividad

En (298a) se dice que hubo varios eventos de abrazar, y que el sujeto demoró un minuto en abrazar a todas las columnas por separado. No encuentro posible la lectura en la que se abrazó a cada columna y cada abrazó duró un minuto. En (298b) también hay varios eventos de abrazar, y el sujeto estuvo abrazando a cada columna por algunos minutos; la suma da diez minutos. También parece posible la lectura en la que se abrazó a cada columna durante diez minutos. Siguen las geometrías de las oraciones de (298):

- (298a) Abrazó a las columnas en un minuto. realización
 (i) antes de Agree

(ii) después de Agree

(298b) Juan abrazó a las columnas durante diez minutos.

actividad

(i) antes de Agree

(ii) después de Agree

En la versión sin A, se espera que sea posible también las lecturas de realización y actividad, porque hay [medición] en esa versión como lo muestra (294b), *Juan abrazó a medias las columnas*. La predicción se cumple:

- (299) a. Juan abrazó las columnas en un minuto.
 b. Juan abrazó las columnas durante diez minutos.

Siguen las geometrías de las oraciones con su aspecto:

(299a) Juan abrazó las columnas en un minuto.

realización

(i) antes de Agree

(ii) después de Agree

En esta geometría, el rasgo medición entra en concordancia con [class]. Medición domina [atom] porque es una realización.

(299b) Juan abrazó las columnas durante diez minutos.

actividad

(i) antes de Agree

(ii) después de Agree

4.5 Aparentes contraejemplos

Como es sabido, existen ciertos verbos con los que la marca A es obligatoria incluso si el objeto es inanimado; veamos los ejemplos (300)-(302) de Fábregas (2013: 15) y los casos (303) y (304) de Torrego (1999: 1788):

(300) El género caracteriza a los sustantivos.

(301) Su voluntad obedece a la razón.

(302) El verbo sigue al sujeto.

(303) Los días siguen a las noches.

(304) Un adjetivo califica a un sustantivo.

Torrego (1999) señala que semánticamente estos verbos parecen implicar un sentido de equiparación y contigüidad lineal o escalar entre el sujeto y el objeto. Añade que “cabe pensar que se trata de una clase semántica que asigna α al complemento en virtud de su sentido. Sea esto como fuere, las constantes del fenómeno de la preposición del complemento directo no se dan con estos verbos” (TORREGO, 1999, p. 1788). La autora parece sugerir que no se trata de un caso de DOM; esta es una idea con la que concordamos como se verá más adelante.

Fábregas (2013) por su lado destaca el hecho de que esos verbos son estativos que denotan relaciones de orden entre entidades. El autor piensa en una estructura como (305) para estos verbos, pero inmediatamente la descarta porque otros verbos estativos como *merecer* no llevan A (306), contrariamente a lo que se espera. Aunque el autor no lo menciona, podría argumentarse que el verbo *merecer* no denota una relación de orden entre entidades, por tanto, no estaría en el grupo de los verbos de (300)-(304), de ahí su falta de A. Sigue la estructura (305) [adaptada de Fábregas 2013: 44]⁴¹:

(305)

(306) Juan merece (*a) un castigo. [ej. de Fábregas 2013: 45]

Destaco que Fábregas nunca renuncia a la idea de que la A en los casos (300)-(304) sea un caso de DOM; en cambio Torrego, como se mencionó, parece adoptar ese camino. Es de notar también que Fábregas no ofrece un análisis de cuál sería el mecanismo de DOM en una estructura como (305).

Por su parte, Rodríguez-Mondoñedo (2007) sostiene que en los casos (303) y (304) el verbo tiene un nudo que cuantifica (quantize) al objeto; este nudo extra es el responsable de que aparezca la marca A⁴². El autor asume implícitamente que tales casos son de DOM.

Añado a los casos (300)-(304) los siguientes datos:

(307) La dilatación caracteriza a la madera.

(308) *La dilatación caracteriza la madera.

⁴¹ En el árbol de Fábregas, en la posición de sujeto dice *el dos* y en la de objeto dice *el uno*. La oración es *El dos sigue al uno*.

⁴² El análisis es el que el autor hace para casos con el verbo *abrazar*: (i) El niño abrazó (a) las columnas.

- (309) Juan caracterizó a su hermano como leal.
 (310) *Juan caracterizó su hermano como leal.
 (311) Juan caracterizó la situación/la participación como peligrosa.
 (312) ??Juan caracterizó a la situación/la participación como peligrosa.

Los contrastes en (307)-(312) muestran que hay dos usos del verbo *caracterizar*. Hay un uso estativo del verbo en (307) y también en (300) que puede parafrasearse como “x es una característica de y”; esta versión siempre lleva A como se ve en la imposibilidad de (308). Hay un uso agentivo-causativo del verbo en donde la A aparece sólo con los objetos animados como se ve en los contrastes de (309)-(312). El verbo *obedecer* también presenta más de un significado. Puede significar “cumplir el deseo de alguien” o “tener su origen en otra cosa/se sigue de”; en el segundo caso siempre lleva A, y también es estativo. Los ejemplos (313) y (314) ilustran el segundo caso:

- (313) Su depresión obedece a la falta de estímulos.
 (314) *Su depresión obedece la falta de estímulos.

En el primer significado que hemos registrado (basándonos en el DRAE, 2014), la A aparece sólo cuando el objeto es animado como lo muestran los siguientes contrastes:

(315) Juan obedeció al dictador.	(316) *Juan obedeció el dictador.
(317) Juan obedeció la orden.	(318) *Juan obedeció a la orden.

Por otro lado, el verbo *seguir* presenta varios significados también. En (302) y (303) es sinónimo de la expresión “estar después de”; en este caso siempre lleva A como lo muestran los casos (319)-(320):

- (319) El baño sigue al cuarto.
 (320) *El baño sigue el cuarto.

En su significado de “ir en busca de alguien o algo”, sólo lleva A cuando el objeto es [anim] como se muestra en (321)-(324):

(321) Juan siguió al guía.

(322) *Juan siguió el guía.

(323) Juan siguió el camino.

(324) *Juan siguió al camino.

Veamos ahora el caso del verbo *calificar* (304) que repito aquí con otra numeración:

(325) Un adjetivo califica a un sustantivo.

El verbo *calificar* de (325) puede parafrasearse como “atribuir una cualidad a”; en este uso siempre hay A como se ve en la agramaticalidad de (326):

(326) *Un adjetivo califica un sustantivo.

El verbo *calificar* también tiene un uso equivalente a “emitir una valoración sobre algo o alguien”; en este uso la A aparece sólo cuando el objeto es animado:

(327) Juan calificó la situación de extremadamente difícil.

(328) *Juan calificó a la situación de extremadamente difícil.

(329) Juan calificó al ministro de/como incapaz.

(330) *Juan calificó el ministro de/como incapaz.

El análisis muestra que la versión (325), que Fábregas y Rodríguez-Mondoñedo consideran como un caso de DOM, en realidad no sería tal, ya que la marca A nunca puede faltar. En la otra versión del verbo (emitir valoración), la marca A alterna de acuerdo con la presencia de [anim]: en (328) el objeto es no [anim], por tanto, no debe llevar A; en (330) el objeto es [anim], entonces debe llevar A.

Voy a proponer aquí que las versiones de los verbos (la versión estativa) donde aparece A con objetos inanimados son verbos inacusativos. Una prueba común para testar si un verbo es inacusativo es su incompatibilidad con un clítico acusativo; los verbos en cuestión son incompatibles con tal clítico:

(331) *La dilatación la caracteriza (a la madera).

versión estativa

(332) Juan lo caracterizó a su hermano como leal.

versión no estativa

(333) *Su depresión la obedece (a la falta de estímulos).

versión estativa

(334) Juan lo obedeció al dictador.

versión no estativa

(346) a. La prensa calificó parcialmente al ministro como/de desleal.

b. ??El adjetivo califica parcialmente al sustantivo.

(347) a. Juan caracterizó parcialmente a su primo como un héroe.

b. ??El género caracteriza parcialmente al sustantivo.

4.6 DOM y kinds

En el capítulo 3, veíamos que hay kinds con A y sin la marca:

(348) Los nativos exterminaron el dodo.

(349) Los nativos exterminaron al dodo.

Siguen las geometrías del D de los kinds:

(350) Los nativos exterminaron al dodo.

(351) Los nativos exterminaron el dodo.

En ambos casos, el default [minimal] fue activado; lo que explicaría porque un kind en español no puede tener plural, de acuerdo con Borik y Espinal (2015). Mi hipótesis es que activando un rasgo default se impide que el rasgo no default aparezca. Así, si activo [minimal] impido que [group] pueda aparecer. Por otra parte, en (351) el rasgo default [inanim] fue activado bloqueando así la variación de género; en (350) ese default no fue activado. La razón para la activación de [inanim], junto con [minimal], sería evitar que el kind obtenga individualización, es decir, que el kind pueda variar en género o en número⁴³.

Ambos tipos de kinds miden al verbo:

- (352) a. Los nativos exterminaron al dodo parcialmente.
 b. Los nativos exterminaron el dodo parcialmente.

Este resultado es esperado porque el verbo *exterminar* induce un cambio en el objeto, y porque el D de ambos objetos tiene el nudo organizador class con el que medición entra en relación.

Observemos ahora el aspecto en las oraciones con objetos kind.

(353) realización

- a. Los nativos exterminaron el dodo en un año.
 b. Los nativos exterminaron al dodo en un año.

⁴³ Véase el capítulo 3 para más detalles.

(354) actividad

- a. *Los nativos exterminaron el dodo durante un año.
- b. *Los nativos exterminaron al dodo durante un año.

Si el verbo *exterminar* tiene medición (352), se espera que sea posible realización (353), porque medición domina [atom], el rasgo que permite que haya realización. También se espera que haya actividad, que es la ausencia de [atom]; mas (354) muestra que no es posible. Mi explicación es que el verbo *exterminar* es como el verbo *matar*, *asesinar*; son puntuales o logros (355). De modo que un adverbio como *durante* es incompatible.

(355) *El torero mató/asesinó al toro durante quince minutos.

Siguen las geometrías de las oraciones analizadas:

(356a) Los nativos exterminaron al dodo en un año.

(i) antes de Agree

(ii) después de Agree

La geometría de (356a) tiene activo el default [minimal] y el no default [anim]. Hay [atom] en V porque es una realización.

(356b) Los nativos exterminaron el dodo en un año.

(i) antes de Agree

(ii) después de Agree

Las geometrías de (356b) tiene activo los defaults, [minimal] e [inanim]. Hay [atom] en V porque es una realización.

(357) Los nativos exterminaron a unos (tipos de) dodos.

a. antes de Agree

b. después de Agree

Las geometrías de (357) es de un subkind, que al no tener [max], permite la variación de número, permite [group]. [anim] también está activado.

El verbo *buscar* también permite objetos kinds:

(358) a. Juan buscaba lentamente la mujer rica.

b. Juan buscaba lentamente a la mujer rica.

De acuerdo con Tenny (2014), el adverbio *lentamente* (slowly) indica que el objeto mide el verbo. De modo que si hay [medición], debería ser posible realización y actividad. La predicción se cumple parcialmente:

(359) realización

a. *Juan buscó la mujer rica en tres minutos.

b. *Juan buscó a la mujer rica en tres minutos.

(360) actividad

a. Juan buscó la mujer rica durante tres años.

b. Juan buscó a la mujer rica durante tres años.

Veámos que el verbo *exterminar* no permite actividad. Ahora los datos muestran que el verbo *buscar* no permite realización. *Buscar* es un verbo que indica proceso o actividad, por tanto, un adjunto con la partícula *en* no es compatible (359).

4.7 DOM en contextos complejos

Discutiré en esta sección los datos de Zdrojewsky (2008, 2013):

(361)

A. Predicación secundaria

- a. Juan encontró al libro roto.
- b. Juan encontró el libro roto.

B. Causativos

- a. La lluvia (lo) hizo *(a)l rosál florecer. [Ordóñez; Saab, 2013]
- b. La lluvia hizo florecer (a)l rosál.

C. Verbos ECM

- a. Vio *(a)l camión venir
- b. Vio venir (a)l camión.

La hipótesis de Zdrojewsky en relación con el DOM del español es que la marcación no obedece a rasgos como animicidad o especificidad; los casos de (361) mostrarían eso. Según el autor, cuando el objeto sale del VP sale de la cadena de herencia, por tanto, queda sin caso. La marca A ingresa en PF como una forma de reparar esa ausencia de caso⁴⁴. La propuesta que defiende es que en (361) estaríamos frente a casos de animización.

Comienzo con los casos de predicación secundaria.

A) Predicación secundaria

Asumo con Zdrojewsky (2008, 2013) que la versión con A tiene solo la lectura predicativa; la versión sin A puede ser predicativa o atributiva. Sigue un caso del autor:

- (362) a. Juan dejó al libro sucio.
- b. Juan dejó el libro sucio.

⁴⁴ Véase el capítulo 2 subsección 2.4.2 para más detalles.

Considero que nombres como *libro* en la versión con la marca A se estarían refiriendo a la obra de alguien (producto intelectual, por tanto, una extensión del autor). El libro no sólo sería un objeto físico. Añado los siguientes contrastes:

- (363) a. ??Los críticos dejaron el libro por los suelos.
b. Los críticos dejaron al libro por los suelos.

En el contexto de (363) el objeto fue animizado. La expresión *por los suelos* (humillar(se)) se aplica solo a entidades animadas. De hecho es posible reemplazar al objeto de (363b) por una persona:

- (364) La crítica dejó a un pintor por los suelos.

Siendo así, podemos decir que el DP con A (363b) fue animizado; lo que explica la obligatoriedad de la marca. En (362) debió ocurrir una animización también. Obsérvese lo siguiente:

- (365) a. Juan dejó al pobre libro todo sucio.
b. ??Juan dejó el pobre libro todo sucio.

Un adjetivo como *pobre* (desdichado) sólo puede aplicar a seres animados; la A es obligatoria en esta versión. Nótese que aquí hay un tipo de animización diferente a la de (363) en donde el objeto *libro* permite llegar hasta el autor; en el caso de (365), no parece haber ese sentido. Se trata sólo de un objeto inanimado al que se le anima. Obsérvese el siguiente caso:

- (366) a. ??María dejó el libro más amable.
b. María dejó al libro más amable.

La frase *más amable* es aplicable solo a entidades animadas o animizadas; de ahí la compatibilidad solo con la versión con A.

Observemos ahora (367):

- (367) a. Juan dejó al libro en la biblioteca.
 b. Juan dejó el libro en la biblioteca.

(367a) significa que Juan entregó el libro en la biblioteca; (367b) presenta el significado de (367a) y también puede expresar que el sujeto olvidó el libro en la biblioteca. Esta última lectura estaría ausente en la versión con A (367a), porque el objeto del verbo estativo *olvidar* no mide al verbo; por tanto, la A no es posible. En el caso en el que (367b) tiene el significado de *entregar el libro* (como en (367a)) no se habría animizado al objeto, por eso la falta de A. La compatibilidad del adverbio que mide en la versión “entregar” del verbo *dejar* indica que hay medición en (368a) y (368b); la diferencia está en la animización del objeto en (368a). La versión “olvidar” de *dejar* (368c) no permite el adverbio, porque es una versión estativa.

- (368) a. Lentamente, Juan dejó (entregó) al libro en la biblioteca.
 b. Lentamente, Juan dejó (entregó) el libro en la biblioteca.
 c. (*Lentamente), Juan dejó (olvidó) el libro en la biblioteca.

Siguen los casos de Torrego (369), (370) con el verbo *encontrar*. La autora señala que en los casos de predicación secundaria, la marca A está regida por pautas de comportamiento muy distintas. Esa A sería un elemento funcional que hace de núcleo de la predicación. Mi explicación es que se trata de la misma marca A analizada antes, una que responde a medición y animicidad. Obsérvese la siguiente data:

- (369) a. Encontré a un alumno.
 b. Encontré un alumno.
 (370) a. Encontré a un alumno preocupado.
 b. *Encontré un alumno preocupado.

Según Demonte y Masullo (1999), el verbo *encontrar* puede tener dos significados: puede ser sinónimo de *hallar* (dar con alguien) como en (369) o equivalente a *juzgar* como en (370). El verbo *encontrar* es de logro (achievement, en la terminología de Vendler). Tenny (1994) dice lo siguiente sobre el punto:

The objects of achievement change-of-state verbs like *explode* or *crack* are measuring arguments just as is *fruit* in *ripen the fruit*. The difference is that the change in the argument which does the measuring may be collapsed into a very small increment of time; so small, in fact, as to be instantaneous. Achievement change-of-state verbs are subsumed under the class of verbs with measuring arguments, as a special case. If there is any change at all, no matter how quickly it comes, there must be some time consumed, and that is enough for an argument to 'measure out' the event. Change-of-state verbs with measuring arguments differ from incremental-theme verbs in that the event's temporal terminus is not necessarily achieved by progressing incrementally through the object. It is achieved by progressing along measurable degrees of change in some property central to the verb's meaning (TENNY, 1994, p. 17).

Teniendo en mente nuestra propuesta de que en la versión con A debe haber medición en V y [anim] en D, considero que el verbo *encontrar* (hallar) tiene medición, aunque opcionalmente; en (369b) sin la marca A, no habría medición. Obsérvese el siguiente contraste que añado:

- (371) a. ?? En un segundo, Juan encontró un estudiante.
 b. En un segundo, Juan encontró a un estudiante.

Sin medición construcciones temporales que indican telicidad como los de (371) no son posibles (371a). De acuerdo con nuestra geometría, sin medición no es posible tener telicidad (atomicidad).

En relación con el *encontrar* sinónimo de *juzgar* en (370a), considero que siempre hay medición. El juicio que pueda emitir sobre el objeto irá cambiando de acuerdo con el estado de ese objeto (puede estar preocupado, molesto, etc); de modo que podemos decir que el objeto mide al verbo. Si siempre hay medición en el verbo *encontrar* sinónimo de *juzgar* y el objeto es [anim], entonces habrá siempre A. Torrego (1999) coloca también el siguiente caso:

- (372) a. Esto vuelve la situación insoportable.
 b. Esto vuelve a la situación insoportable.

La propuesta de Torrego es que en la versión con A hay más agentividad que en la versión sin A. Mi propuesta es que hay medición solo en la versión con la marca; obsérvese lo siguiente:

(373) a. ??Esto vuelve en un segundo la situación insoportable.

b. Esto vuelve en un segundo a la situación insoportable.

Sin medición no es posible obtener una realización (ya que medición domina [atom], rasgo responsable por la realización), por tanto, el adjunto *en un segundo* es incompatible en la versión sin A. Obsérvese el siguiente caso:

(374) a. ??Lo que hace vuelve nuestra situación más amable.

b. Lo que hace vuelve a nuestra situación más amable.

Un adjetivo como *amable* implica una entidad animada. Este adjetivo es solo posible en la versión con A (374b); lo que sugiere que ha habido animización ahí. Siendo así, en (372b) hay medición y animicidad, por eso la marca A.

B. Causativos

(375) a. La lluvia (lo) hizo *(a)l rosal florecer. [Ordóñez y Saab 2013]

b. La lluvia hizo florecer (a)l rosal.

Según Zdrojewsky, en posición preverbal, la A es obligatoria; en posición posverbal es opcional. Concuerdo con los juicios del autor. Mi análisis pasa por asumir que el sujeto del verbo *hacer* (el causer) siempre fuerza al objeto (el causee) a hacer algo, por tanto, tal causee debe ser animado o animizado⁴⁵. Es decir, hay un evento causativo llevado a cabo por un sujeto desencadenante; el objeto debe ser animado/animizado, porque debe realizar lo que expresa el infinitivo. Por otro lado, el verbo *hacer* tendría siempre medición (se puede hacer algo a medias). Siendo así, si hay animicidad y medición, tenemos siempre A (375a).

⁴⁵ Sólo un elemento animado o animizado puede llevar a cabo algo.

En relación con la posición posverbal (375b), mi propuesta es que cuando hay A, el objeto es medido por el verbo *hacer*. Esto implica que el objeto se haya movido de la posición de objeto de *hacer* para la posición de objeto de *floreecer*, es decir, habría *downward movement*; una opción poco plausible. Otra opción es que *floreecer* no tenga medición en ese caso, por tanto, no puede entrar en relación con el DP (que fue generado como su objeto); solo queda disponible el verbo *hacer*. Cuando no hay A en (375b), el DP estaría relacionado no con el verbo *hacer* sino con el verbo *floreecer*, que no tendría medición. Si un verbo no tiene un conjunto completo de rasgos phi en su v, que sería el caso de un verbo inacusativo⁴⁶, entonces no podría tener medición, porque este rasgo requiere interactuar con el rasgo [anim] de v como fue planteado. De modo que podemos pensar que al v de un verbo inacusativo le faltaría por lo menos el rasgo animicidad. Podemos decir que la forma como recibe su caso el DP sin A en (375b) es sin Agree; debe ser por caso inherente.

Obsérvese el siguiente contraste. (376a) es de Fábregas (2013); (377b) es mío:

(376) a. Hizo al árbol perder las hojas.

b. *Hizo el árbol perder las hojas.

Añado los siguientes pares:

(377) a. *Hizo perder el árbol las hojas.

b. *Hizo perder las hojas el árbol.

(378) a. Hizo perder al árbol las hojas.

b. Hizo perder las hojas al árbol.

El caso (376a) de Fábregas muestra que en un contexto con un infinitivo no inacusativo, la A también es necesaria cuando el objeto es preverbal. Como muestra la imposibilidad de (377), la A también es obligatoria cuando el objeto es posverbal, a diferencia de lo que ocurre en (375b). Propongo que en (378) el infinitivo no inacusativo *perder* es medido por el DP *las hojas*; por tanto, el DP *el árbol* debe estar

⁴⁶ Si asumimos que un clítico de objeto es la materialización de los rasgos phi de v, entonces un verbo inacusativo, que nunca permite clíticos, tendrá sólo un subconjunto de los rasgos phi requeridos por un clítico.

midiendo al verbo *hacer* (no es posible que un verbo sea medido por dos DPs). Este DP (el árbol) debe ser animado, para ser compatible con el rol experimentante.

C. Verbos ECM

(379) a. Vio *(a)l camión venir.

b. Vio venir (a)l camión.

Para Zdrojewsky el objeto en posición preverbal siempre debe llevar A (379a); en posición posverbal la A es opcional (379b). Sin embargo, no siempre es necesaria la A en posición preverbal; obsérvese los siguientes casos que añado:

(380) a. Vi la crisis venir.

b. *Vi a la crisis venir.

Considero que el nombre *camión* es animado, por tener posibilidad de locomoción⁴⁷. Siendo así y considerando que el verbo *ver* puede tener medición, la marca A es obligatoria en (379a).

En relación con la posición posverbal, no siempre la A es opcional en esa posición. Así, la oración (381a) no es posible:

(381) a. *Juan vio destruir el cerco el camión.

b. Juan vio destruir el cerco al camión.

En (381a) el DP *el camión* no habría medido ni a *destruir* ni a *ver*. En realidad, el verbo *destruir* no estaría disponible porque fue medido por el DP *el cerco*. Si el DP *el camión* estuviese midiendo al verbo *ver*, entonces habría A ya que hay [anim] y medición. En (381b) sí hay A; aquí sí hay medición. ¿Por qué la A es opcional en (379b)? La razón es similar a la del caso (375b) *La lluvia hizo florecer (a)l rosal*. El verbo *venir* es inacusativo como *florece*. Cuando hay A, el objeto estaría midiendo al verbo *ver*. Cuando no hay A, no habría medición; habría caso inherente asignado por el verbo *venir*.

⁴⁷ Véase Rodríguez-Mondoñedo (2007) para ideas similares.

Torrego (1999) coloca los siguientes casos en los que la marca A es opcional en posición preverbal:

- (382) a. {Veo/Oigo} el agua caer.
b. {Veo/Oigo} al agua caer.

La autora señala que la versión con A (382b) lleva una agentividad que la versión sin A no tiene. Esto explica que el adverbio *rápidamente* quede mejor en (383b) que en (383a):

- (383) a. ?Veo el agua caer muy rápidamente.
b. Veo al agua caer muy rápidamente.

En el siguiente contexto, la versión con A “es mucho más natural” (dice Torrego) que la versión sin A:

- (384) a. ?Veo el agua llegar al estanque.
b. Veo al agua llegar al estanque.

La idea de que puede haber una mayor agentividad en el DP en posición preverbal es coincidente con la hipótesis que defendemos de que hubo animización en esos casos. Por otro lado, en (382a) donde no hay A, el objeto estaría midiendo al verbo *ver/oír*, aunque no hay A porque tal objeto se mantuvo inanimado. En (382b) con A, el objeto fue animizado, entonces la medición se refleja con una A.

Añade la autora los siguientes casos:

- (385) a. Deja el agua correr.
b. Deja al agua correr.

De acuerdo con Torrego, en la versión con A hay más agentividad; “la agentividad característica del dicho: *Agua que no has de beber, déjala correr (es decir, deja que siga su curso)*”, dice Torrego (p. 1792). Como en el caso de (382), hay

medición en las dos oraciones de (385), aunque solo hay marca A cuando el objeto es animizado.

Veamos ahora los casos con el verbo *tener* que Torrego coloca:

(386) a. Tiene (*a) muchos alumnos.

b. Tiene (a) muchos alumnos estudiando el problema.

Dice Torrego que solo cuando hay A en (386b) el sujeto tiene responsabilidad o causalidad. Así, en el siguiente contraste de la autora, sólo (387a) es posible:

(387) a. Tiene muchos alumnos estudiando el problema, pero ella no lo sabe.

b. #Tiene a muchos alumnos estudiando el problema, pero ella no lo sabe.

Como fue discutido, el verbo *tener* posesivo no tiene medición, por tanto, aunque el objeto sea animado, no podrá haber A. Mi propuesta para los casos de (386) es que el significado del verbo no es de posesión sino de manutención, conservación; un significado relacionado con la posesión, pero no idéntico. Un evento como mantener puede ser medido; por ejemplo, se puede mantener a medias una situación (alumnos estudiando algo, por ejemplo), un proceso. Como se ha visto, muchos de los verbos con medición pueden dejar de tenerla (*ver*, *esconder*, entre otros); este verbo *tener* (mantener) estaría en ese grupo. Se explica así la opcionalidad de la marca A.

4.8 La marca A del objeto indirecto

He establecido que la marca A del objeto directo (OD) del español responde a la relación de concordancia que hay entre un rasgo lexical de la raíz verbal (medición) y un rasgo phi no default dominado por esa raíz [anim] o [group]. Surge la cuestión sobre si la marca (infaltable) del objeto indirecto (OI) del español responde también a ese mecanismo. Mi propuesta es que es factible ese análisis. La marca A del OI (388) sería el resultado de la interacción entre un rasgo lexical de la raíz (delimitación/atOMICIDAD) y los rasgos dominados por individuation, el default [minimal] o el no default [group].

(388) Juan (les) entregó el libro a la(s) chica(s).

Tenny (1992) dice que el objeto directo *the cart* mide al verbo en las dos oraciones de (389), porque tal objeto sufre un cambio en ambos casos, aunque sólo en (389b) el objeto es delimitado por la frase que indica destino *to New York*, (“an indirect internal argument” como dice Tenny (p. 6)).

(389) a. push the cart (*in an hour/for an hour)	não delimitado
b. push the cart to New York (in an hour/?for an hour)	delimitado

Supongamos que el objeto indirecto (OI) siempre delimita al verbo. Así, en (388) el OI *a la(s) chica(s)* es el destino (la meta) que delimitaría el evento.

De acuerdo con Tenny, puede haber medición sin delimitación, por tanto, medición debe dominar delimitación tal y como fue establecido antes. Vimos también que el rasgo delimitación indica la telicidad del evento. En este sentido, opté por seguir a Fassi Fehri (2008) que usa el rasgo atomicidad [atom] para referirse a ese contenido aspectual⁴⁸.

Basada en Verkuyl (1972, 1989, 1993), Link (1983, 1987), Bach (1986), Krifka (1989, 1992), Borer (2005) defiende que un evento télico (en nuestros términos, un evento con delimitación/atom) envuelve cuantificación. Según la autora, la telicidad se consigue cuando un nudo aspectual en el verbo entra en relación con un DP cuantificado. Este es el espíritu de mi propuesta en relación con la telicidad en el objeto indirecto, aunque mi implementación será en términos de Geometría de Rasgos. Como fue mencionado, propongo que el rasgo delimitación/atom debe relacionarse con individuation. Hay un dato que abona esa relación. El clítico dativo en español (*Le-s*), a diferencia del clítico acusativo (*Lo-a-s*), no tiene marca de género, aunque sí de número. Esto sugiere que *class* no es uno de los nudos organizadores con los que el rasgo delimitación/atom entra en concordancia. Siendo así, tenemos que medición se relaciona con *class*⁴⁹ y delimitación/atom, con individuation. Ya que hay marca de OI cuando este objeto es singular o plural, podemos decir que delimitación/atom puede entrar en relación (vía individuation) tanto con el singular [minimal], que es el default en la geometría de Harley y Ritter (2002), como con el no default plural [group], e igual habrá A. Esto es ligeramente diferente en el caso del objeto directo (OD), ya que ahí

⁴⁸ Véase la sección 4.3 del capítulo 4 para más detalles.

⁴⁹ Esta relación fue discutida en relación con la marca A del objeto directo.

medición debe entrar en relación con class, y sólo puede haber A cuando hay [anim], el rasgo no default.

Antes de analizar la geometría y valoración en un OI, resumo mi propuesta en relación con el OD. La estructura de (391) es la de un OD que mide y delimita (390); la presencia del adjunto en (390) indica que hay delimitación/atOMICIDAD ahí:

(390) Juan escondió a la chica(OD) en dos minutos.

(391)

a. antes de Agree

b. después de Agree

En (391b) ocurrió la copia de los rasgos class y [anim] de D en V. Crucialmente, en (391b) hay sólo una sonda.

La geometría de un verbo con dos objetos (388), *Juan (les) entregó el libro a las chicas*, sería como en (392):

(392)

a. antes de Agree

b. después de Agree

Los objetos están en una cláusula (XP) dominada por el verbo⁵⁰. La diferencia entre el V de un verbo transitivo con la de un verbo ditransitivo sería que el rasgo [atom] del primero no es una sonda; la sonda saldría solamente del rasgo medición. En cambio, en un verbo ditransitivo, el rasgo [atom] sería una sonda también, de modo que hay dos sondas, la de medición y la de [atom]. La especificación sobre si un V tendrá una sonda o dos debe ser lexical: un verbo con dos argumentos internos ditransitivo tendrá un V con dos sondas; un verbo con sólo un argumento interno tendrá una sonda.

En (392b) medición debe sondear al OD y copiar class y el rasgo de animicidad; atomicidad [atom] debe sondear al OI y copiar individuation y el rasgo de número. La sonda de medición sólo valora el OD y la sonda de [atom] sólo valora el OI.

Veamos la geometría de un verbo ditransitivo con un OD con A:

(393) Pedro (les) presentó al alumno a todos los miembros del comité.

⁵⁰ En Pylkkannen (2002) y Cuervo (2003), el objeto directo e indirecto son incluidos en una cláusula.

a. antes de Agree

b. después de Agree

El mecanismo descrito para el caso (392) aplica también para (393): hay dos sondas que por separado copian a los objetos del verbo. Hay DOM en el OI y en el OD, porque hay doble concordancia: [atom] concuerda con individuation y [group], y medición concuerda con class y [anim].

Obsérvese el siguiente caso de Rodríguez-Mondoñedo (2007):

(394) Juan le presentó (??a) María a Pedro.

De acuerdo con el autor, la imposibilidad de (394) es por un problema de linealización. El autor asume la Condición de Distinción de Richards (2006), que establece que dos objetos con la misma etiqueta $\langle \alpha, \alpha \rangle$ no pueden estar en el mismo dominio. Una forma de evitar $\langle \alpha, \alpha \rangle$ es diferenciando a los objetos, por ejemplo, dándole peso al OI:

(395) a. Juan les presentó a Elena a todos los gerentes de la empresa.

El autor añade los siguientes casos:

(396) a. Le enviamos un especialista a todos los departamentos afectados.

b. Le enviamos a un especialista a todos los departamentos afectados.

Según el autor, hay dos tipos de determinantes definidos o indefinidos en español: D, *D. El determinante D (definido o indefinido) puede recibir *choice function* o no; y habrá A si el objeto es animado. El determinante *D (definido o indefinido) no puede recibir *choice function*; nunca tendrá A.

Tenemos en la propuesta del autor dos explicaciones para la caída de la A del OD, la Condición de Distinción (para (394)) y la opción de elegir un determinante D o *D (para (396)). Propongo la siguiente alternativa: en los casos en los que la A del OD cae, el OD no mide al verbo. Añado los siguientes casos adaptados de Rodríguez-Mondoñedo:

(397) Juan le presentó (*a medias) María a Pedro.

(398) a. (??De a poco) Le enviamos un especialista a todos los departamentos afectados.

b. (De a poco) Le enviamos a un especialista a todos los departamentos afectados.

El adjunto que indica medición no es posible en la versión sin A (397) y (398a). Sin embargo, que el OD no mida al verbo no implicaría necesariamente que no haya medición. He establecido que medición domina [atom], por tanto, si hay [atom] (la presencia del OI sugiere que es así) debe haber medición, aunque sin class. Siguen las geometrías:

(399) la geometría de (397) *Juan le presentó (*a medias) María a Pedro.*

a. antes de Agree

b. después de Agree

(400) la geometría de (398a) (*??De a poco*) *Le enviamos un especialista a todos los departamentos afectados*.

a. antes de Agree

b. después de Agree

Obsérvese que no es posible tener ausencia de A cuando el verbo no es ditransitivo; compárese (401a) con (401b) abajo. Sólo en un verbo ditransitivo es posible que medición no domine class. No tengo una respuesta para esta asimetría; aunque podría pensarse que hay una condición en V que obliga a que por lo menos un rasgo lexical concuerde con algún rasgo phi copiado de D. En un verbo transitivo necesariamente será medición (que es la única sonda). En un verbo ditransitivo, el rasgo que siempre debe concordar es atomicidad, tal vez porque en D individuation domina class, es decir, el rasgo que va a estar disponible siempre es individuation.

(401) a. *Juan vio el especialista (OD).

b. Juan (le) envió el especialista (OD).

4.8.1 Alcance y altura de los objetos

Antes de tratar el alcance en el objeto indirecto, me gustaría mostrar mi propuesta en relación con el alcance en el objeto directo. Obsérvese que el objeto directo con marca puede tener alcance estrecho y amplio. Sigue un ejemplo de López (2013):

- (402) a. Todo hombre ama a una mujer. amplio, estrecho
 b. Todo hombre ama una mujer. estrecho

De acuerdo con el autor, en (402a) es posible alcance estrecho (hay varias mujeres vistas por los hombres) y alcance amplio (hay sólo una mujer). En (402b) es posible únicamente alcance estrecho. No es posible obtener alcance amplio con un objeto no marcado, que es siempre no específico. La imposibilidad de incluir al objeto sin marca en el conjunto de pertenencia indica que tal objeto es no específico (403a). El objeto marcado puede ser incluido, luego es específico (403b); aunque también podría ser no específico como lo muestra la compatibilidad con el complemento *uno u otro*, que indica no especificidad (403c):

- (403) a. (?? De aquel grupo), vi un alumno en el corredor.
 b. De aquel grupo, vi a un alumno en el corredor.
 c. Vi a un alumno en el corredor, aunque pudo haber sido uno u otro.

De acuerdo con (403) parece efectivamente razonable relacionar especificidad con alcance amplio y no especificidad con alcance estrecho⁵¹. Por otro lado, como fue discutido, he asumido que la especificidad en el objeto directo (OD) depende de que haya medición en el verbo. En este contexto, si hay medición, debe haber un nudo *class* que lo licencie. Si el OD es animado, habrá marca A. Podemos decir que habrá alcance amplio cuando haya especificidad en el OD y medición con *class* en el verbo. Sin embargo, esto no parece suficiente para explicar cómo se consigue el alcance. Hay una operación semántica disponible para explicar el alcance, y que prescinde de la posición sintáctica de los elementos involucrados, *choice function* (Reinhart 1997).

Como se dijo, según López al objeto con A se le aplicará siempre *choice function*. Si la operación *existencial closure* aplica encima del cuantificador universal, habrá alcance amplio. Si *existencial closure* opera después del cuantificador, habrá alcance estrecho:

- (404)
 a. $\exists f$ [toda mujer vio a f (un hombre)]
 b. [toda mujer vio a $\exists f$ [f (un hombre)]]

⁵¹ Ver la subsección 2.2 del capítulo 2 para un desarrollo de este punto.

En el caso de un objeto no marcado hay *existencial closure* que aplica con Restriction, una operación que restringe el predicado al coordinarlo con un objeto (CHUNG; LADUSAW 2004)⁵².

En concreto, mi propuesta es que para que haya alcance amplio (siempre en el objeto con A) debe haber *choice function*, como asume López. Propongo que para que haya *choice function* debe darse cierto contexto en la sintaxis; debe haber especificidad en el objeto y medición con class en el verbo. Para que haya alcance estrecho en un objeto marcado, debe haber *choice function*; en la sintaxis debe haber medición con class (lo que explica la A), aunque no debe haber especificidad. En un objeto no marcado sólo hay alcance estrecho; no hay *choice function* tampoco medición ni especificidad.

Rodríguez-Mondoñedo analiza las oraciones de (396), que repito con otra numeración, para mostrar la altura de los objetos:

- (405) a. Le enviamos un especialista a todos los departamentos afectados. estrecho
 b. Le enviamos a un especialista a todos los departamentos afectados. amplio

Como fue indicado, según el autor, en español hay dos tipos de determinantes definidos o indefinidos: D, *D. El determinante D (definido o indefinido) puede recibir *choice function* o no (por tanto, podrá ser específico o no específico); y habrá A si el objeto es animado. El determinante *D (definido o indefinido) no puede recibir *choice function*; nunca tendrá A. Con *D el objeto es siempre no específico. De acuerdo con lo dicho, y asumiendo que el alcance amplio es posible con *choice function*, se espera que en (405b) pueda haber lectura de alcance amplio y lectura de alcance estrecho; sin embargo, solo es posible alcance amplio. En la versión sin A (405a), no hay *choice function*, por tanto, solo hay alcance estrecho.

La explicación del autor a la imposibilidad de alcance estrecho en (405b) es que el OD con marca es más alto que el OI (405b'). Para que haya alcance estrecho, el OD debe estar más bajo que el OI, como en (405a'). Repito las estructuras del autor:

⁵² Ver la subsección 2.1.3 del capítulo 2 para una presentación de estas ideas.

(405a') objeto directo no marcado

(405b') objeto directo marcado

En la hipótesis que defiende, el OD con marca o sin ella tendría siempre la misma posición, de modo que la explicación para la falta de alcance estrecho en (405b') no puede ser la altura del objeto.

Concuerdo con el autor que en la versión sin A (405a) es posible solo alcance estrecho; sin embargo, en la versión con A (405b) es posible, además de alcance amplio, también alcance estrecho. Propongo el siguiente caso:

(406)

(a) Juan: No te olvides que cada uno de los médicos debe ser asistido por una persona.

(b) Pedro: Ya (les) hemos enviado a un asistente(OD) a todos los médicos que operan hoy(OI).

.

estrecho, amplio

En el contexto del diálogo de (406), la oración (406b) puede interpretarse como que hay más de un asistente. También es posible la lectura de alcance amplio, donde hay un único asistente que fue enviado a todos los médicos.

Si el análisis es viable, entonces en el contexto de un verbo ditransitivo, en la versión de objeto directo con A (406b), también es posible la lectura de alcance estrecho; no sólo la de alcance amplio. Esto de manera similar a lo que ocurre con el alcance en el objeto directo con A de un verbo transitivo (402a).

El siguiente caso de Rodríguez-Mondoñedo con un OD inanimado muestra que el rasgo animado no es necesario para obtener alcance amplio; con medición y class es suficiente. De acuerdo con el autor, la oración puede tener alcance amplio o estrecho.

(407) Le construimos un edificio a todos los departamentos de idiomas. amplio, estrecho

La generación de los dos tipos de alcance en (407) sería similar a la de (406b). Siguen las geometrías en abstracto de las siguientes oraciones⁵³:

(408) Le enviamos un especialista a todos los departamentos afectados. estrecho

⁵³ En (400) aparece la geometría completa de (408) y la geometría de (393) aplica también para (409).

En relación con el objeto directo, hay alcance estrecho porque no hay class. Tampoco hay [espec] en el objeto directo.

(409) Ya (les) hemos enviado a un asistente(OD) a todos los médicos que operan hoy (OI).

estrecho, amplio

En V de esta geometría siempre hay medición y class. Puede haber haber alcance amplio si el OD es [espec]. Si el OD es no [espec], entonces habrá alcance estrecho.

He argumentado que la marca A del objeto indirecto (OI) es, de manera similar a la marca A del objeto directo (OD), el resultado de la concordancia entre un rasgo lexical del verbo (atomicidad) con rasgos de D copiados en V, individuation y [minimal] o [group]. Propongo que esa analogía entre el OD y el OI debe extenderse para las relaciones de alcance, es decir, la posibilidad de tener alcance amplio o estrecho en el OI dependería de las mismas condiciones para tener alcance amplio o estrecho en el OD descritas antes.

Obsérvese los siguientes datos que propongo:

(410) a. ¿Qué te parece si (le) enviamos a un alumno(OD) a algún profesor calificado del ministerio(OI)?

b. No te preocupes, vamos a enviar(le) a un paciente(OD) a un buen dentista certificado del medio(OI).

Es posible que en las dos oraciones de (410) haya un único profesor o un único dentista (alcance amplio) o más de uno (alcance estrecho).

Lo mismo ocurre si el OD no lleva A:

(411) a. ¿Qué te parece si (le) enviamos un alumno(OD) a algún profesor calificado del ministerio(OI)?

b. No te preocupes, vamos a enviar(le) un paciente(OD) a un buen dentista certificado del medio(OI).

En (411a) y (411b) es posible que en el OI haya alcance estrecho o amplio. Esto es esperable porque la presencia o ausencia de class en el verbo no debe afectar la relación entre atomicidad y individuation, ya que class no domina atomicidad o individuation⁵⁴. La incompatibilidad del adverbio en (412b) confirma que no hay class en la versión sin A del OD; medición no puede activarse si no concuerda con class:

(412) a. Lentamente vamos a enviar a un paciente(OD) a un buen dentista certificado del medio (OI).

b. (?Lentamente) vamos a enviar un paciente(OD) a un buen dentista certificado del medio(OI).

Asumiendo que la marca A del OI es un caso de DOM, y observando que tal marca nunca puede faltar en el OI, parece razonable asumir que siempre hay *choice function* en el objeto indirecto. Esto abre la opción de que pueda haber, como en el OD, alcance amplio y estrecho. Esto es lo que ocurre en (410) y (411).

En relación con el objeto directo, decía para que la operación *choice function* se instancie sería necesario cierto contexto sintáctico; debía haber medición con class en el verbo y especificidad en el OD. En relación con el OI ocurriría algo similar. Así, los rasgos en el verbo deben ser atomicidad con individuation (como se dijo, atomicidad en el verbo debe entrar en concordancia con individuation para activarse), y en el OI sería necesario que haya especificidad para obtener alcance amplio⁵⁵.

⁵⁴ Ver la geometría de (393) por ejemplo.

⁵⁵ He establecido que especificidad en el OD depende de la presencia de medición en el verbo. Similarmente podría pensarse que especificidad en el OI depende de la presencia de atomicidad en el verbo. Así, especificidad podría ser licenciada por dos rasgos lexicales del verbo: medición y atomicidad.

El análisis del alcance en el OD y el OI que he desarrollado no apela a la posición sintáctica (la altura) de los objetos sino a la presencia de ciertos rasgos y la operación *choice function*. De acuerdo con mi propuesta, el OD siempre c-comanda al OI⁵⁶.

Obsérvese el siguiente contraste presentado por Rodríguez-Mondoñedo; el orden entre los objetos no importa para efecto del contraste:

- (413) a. Le devolvieron un prisionero enfermo a cada tribu.
- b. Le devolvieron a cada tribu un prisionero enfermo.
- c. ??Le devolvieron a un prisionero enfermo a cada tribu.
- d. ??Le devolvieron a cada tribu a un prisionero enfermo.

De acuerdo con el autor, el cuantificador distributivo fuerza una lectura distributiva en el indefinido que c-comanda. Esto es posible con el OD sin A (413a), (413b); pero no con el OD con A (413c), (413d); lo que sugiere que el OD con A es más alto que el OI. Concuerdo con los juicios del autor, aunque considero que (413c) es posible modificando un poco la oración. Propongo el siguiente caso:

- (414) Le devolvieron a un prisionero(OD) a cada tribu de la región(OI).

(414) es gramatical. Considero que (413c) es anómala, porque el OD no está lo suficientemente diferenciado del OI. Si le damos más peso al OI, la oración es posible como en (414). Concuerdo con el autor que (413d) no es posible. Incluso si le damos más peso al OI, la oración no es posible:

- (415) *Le devolvieron a cada tribu de la región a un prisionero.

Sin A en el OD, la oración es posible; similar a (413b):

- (416) Le devolvieron a cada tribu de la región un prisionero.

⁵⁶ Ver por ejemplo (409).

Debe ser el caso que la distinción que se consigue con el peso en el OI se ve neutralizada al colocar el OI en la posición canónica del OD, inmediatamente después del verbo.

De acuerdo con Rodríguez-Mondoñedo, el OD con marca está más alto que el OI⁵⁷. Así, la posibilidad de tener (414) mostraría que no es necesario que el OI deba comandar al OD para que se produzca la lectura distributiva. Los datos parecen mostrar que la explicación para la altura de los objetos no puede ser en términos de altura. Una opción podría ser aplicar la operación *choice function* para ese tipo de lectura.

4.9 Conclusión

En este capítulo he desarrollado la hipótesis de que para la marcación del objeto directo del español es necesario que el verbo tenga el rasgo afectación, entendido como medición (TENNY 1992, 1994). De modo que dos rasgos son necesarios para El DOM del español: medición en el verbo y animicidad en el objeto. Los datos con el verbo *abrazar* han mostrado que el rasgo [group] también puede generar una A si combina con medición. Rasgos como especificidad, telicidad no participarían directamente del DOM en español. En realidad, dependerían de la presencia de los rasgos que sí desencadenan la marcación del objeto en español. El análisis de la A del objeto indirecto mostró que puede haber DOM no sólo con medición sino también con atomicidad (delimitación), que se relacionaría con individuation. El esquema es el mismo que con el objeto directo: hay DOM cuando un rasgo lexical del verbo entra en concordancia con un rasgo de D copiado en el verbo. Las relaciones de alcance entre el objeto directo e indirecto han sido explicadas apelando únicamente a la operación *choice function*, que según la propuesta, necesitaría de medición, class y especificidad para poder operar.

Por otro lado, el análisis hecho permite plantear la hipótesis de que son necesarios rasgos phi en el verbo (V), porque rasgos lexicales del verbo como medición requieren entrar en concordancia con rasgos phi de D. Ya que la sonda solo puede relacionar rasgos iguales, la única forma de que medición en el verbo entre en concordancia con rasgos phi de D es copiando esos rasgos en el verbo vía la operación Agree de Chomsky.

⁵⁷ Conuerdo con esta afirmación, aunque para mí también el OD sin marca sería más alto.

Capítulo 5

Clíticos en el dialecto de Lima

5.1 Introducción

Asumiendo el marco general del Programa Minimalista (Chomsky 2000, 2001), este capítulo pretende explicar el doblado de clíticos en el dialecto de español hablado en la ciudad de Lima (DL). Una variedad que, a diferencia de otros dialectos, permite el doblado de objetos definidos inanimados, es decir, objetos sin la marca A:

(417) Juan lo vendió el libro.

El estudio de los clíticos en la Gramática Generativa presenta fundamentalmente dos propuestas:

a) Los clíticos son generados como argumentos y después son movidos para terminar junto del verbo (Kayne 1975, 1991, Uriagereka 1995, Sportiche 1998, Zubizarreta 1998, entre otros).

b) Los clíticos son marcadores de concordancia generados en el verbo; no hay movimiento (Jaeggli 1983, Borer 1984, Saltarelli 1987, Suñer 1988, Franco 1993, Everett 1996, Sánchez 2006, 2010, entre otros). Una variación de estas propuestas es la de Sportiche (1998), para quien los clíticos son núcleos de proyecciones funcionales generados fuera del VP.

Mi propuesta se enmarca en la hipótesis de que los clíticos son marcadores de concordancia generados en el verbo⁵⁸. Se analiza en este capítulo la propuesta de Sánchez (2006, 2010) sobre el dialecto limeño (DL). Asumo que para que haya doblado acusativo en el DL es necesario que el objeto sea específico (Suñer 1988) y propongo que en el verbo debe estar presente el rasgo [max(imizing)]. Usando la geometría de rasgos (Harley y Ritter 2002), propondré una derivación en la que se verá especificidad interactuando con los otros rasgos de la geometría.

⁵⁸ Para un análisis de los clíticos de tercera persona del portugués brasileiro como marcas de concordancia véase Nunes (2015).

5.2. Los datos del dialecto de Lima (DL)

Según Ormazabal y Romero (2010, 2013), en el dialecto estándar del español (DE), el doblado con un clítico acusativo ocurre en los siguientes contextos:

- (418) a. La casa todavía no *(la) he visto.
 b. *(La) vimos a ella.
 c. Ayer *(los) vimos a todos.

El caso (418a) es de dislocación a la izquierda; (418b) muestra el doblado de un pronombre personal y (418c) muestra el caso del doblado con el cuantificador universal *todos*. En relación con *todos*, Ormazabal y Romero (2013) señalan que sería el único cuantificador que permite doblado.

El DE no permite el doblado de un DP referencial:

- (419) *La vieron a María.

Por su parte, en el dialecto de Lima (DL) es obligatorio también el doblado en los casos de dislocación a la izquierda (418a) y con objetos pronominales (418b). En relación con los cuantificadores, el doblado no es obligatorio en ningún caso; aunque con la forma *nadie* y *pocos* no existe la opción de doblar:

- (420) a. ??No lo vimos a nadie.
 b. No vimos a nadie.
 (421) a. Me acuerdo que lo saludamos a alguien del grupo.
 b. Me acuerdo que saludamos a alguien del grupo.
 (422) a. Los vimos a todos.
 b. Vimos a todos.
 (423) a. Los saludamos a algunos.
 b. Saludamos a algunos.
 (424) a. Las visitamos a muchas.
 b. Visitamos a muchas.
 (425) a. No lo saludan a cualquiera.
 b. No saludan a cualquiera.

- (426) a. Los vi a varios.
 b. Vi a varios.
- (427) a. ??Los vi a pocos.
 b. Vi a pocos.
- (428) a. No lo saludó a ninguno.
 b. No saludó a ninguno.

Con numerales también es posible el doblado:

- (429) a. Los aprobé a tres.
 b. Aprobé a tres.

Tenemos entonces que en el DL el doblado de un DP con cuantificador es opcional siempre; excepto con la forma *nadie* y *pocos*, donde no es posible doblar. En el DE no es posible doblar un DP con cuantificador excepto con la forma *todos*, donde el doblado es requerido de acuerdo con Ormazabal y Romero.

En DL el doblado también es posible en los siguientes casos:

- (i) Es posible doblar un DP indefinido:

Los ejemplos de (430) son de Sánchez y Zdrojewsky (2013, ej. 4 y 2):

- (430) a. ...las abrazaron a unas turistas de mi grupo.
 b. La visité a una doctora que conozco (indicativo) desde la infancia⁵⁹.

- (431) La premiarán a una enfermera que hable (subjuntivo) español.

- (ii) Es posible doblar DPs definidos:

Con la marca A:

- (432) a. Lo alcanzó al auto.
 b. Lo vio al ómnibus.

⁵⁹ Los autores dicen en relación al doblado de indefinidos en el DL: "...una prueba t de muestras independientes indica que no hay una diferencia significativa en relación a la aceptabilidad de los definidos (...) y los indefinidos (...)". (p. 5). La variedad de Buenos Aires presenta diferencias importantes en este sentido.

Sin la marca A (Sánchez 2010):

- (433) a. Te juro que lo entregamos el libro.
 b. La vi la foto de las niñas. (ejs. 13 y 39)

El único tipo de restricción en el doblado del DL es frente a un objeto no [def], no [espec]:

- (434) *Loi buscan un libroi. (Sánchez 2010; ej. (3))

Añado el siguiente caso con un objeto animado:

- (435) *La vi una chica.

5.3 La propuesta de Sánchez (2006, 2010)

Para la autora, el doblado opcional de clítico es un caso de concordancia entre el verbo y el objeto directo que está en una posición no argumental, siguiendo a Baker (1996, 2002). La autora se coloca en la misma línea de autores (SUÑER 1988, FRANCO 1993, EVERETT 1996, DECHAINED; WILTSCHKO 2002, entre otros) que consideran que el clítico que dobla es un marcador de concordancia similar al que aparece en el verbo en relación con el sujeto. Específicamente dice la autora: “In this paper, I will assume the view that third person direct object clitics in clitic doubling constructions in LS (Limeño Spanish) are bundles of phi-features under v in a manner similar to agreement features...” (SÁNCHEZ 2006; p. 6). Agrega la autora que un clítico es la materialización del resultado de la operación Agree (CHOMSKY 1998) que pone en relación a v con el objeto.

La evidencia que ofrece la autora de que el clítico que dobla es el resultado de Agree se basa en el hecho de que el doblado es restringido a DP argumentos del verbo, por tanto, no será posible con complementos predicativos, por ejemplo. Obsérvese la siguiente data:

- (436) a. Vi [VP[DP a María]
 b. Lai vi [VP[DP a Maríai]
 (437) a. Yesicai es [SC ti [AP inteligente]]
 b. Yesicai loj es [SC ti [AP tj]]
 c. *Yesicai loj es [SC ti [AP inteligentej]

La agramaticalidad de (437c) confirma que no es posible el doblado con un no-argumento del verbo.

En relación con la posición no-argumental del objeto doblado, Sánchez propone la siguiente estructura:

(438)

En (438) el DP no es hermano de V; está en posición de adjunto. En la posición argumental hay un pro. En relación con este punto, la autora discute los siguientes datos:

- (439) a. Vi y saludé a María.
 b. *Vi y la saludé a María.
 c. *Ayer [lo vi] y [la vi a Yesica]

Defiende Sánchez que en (439a) se estaría coordinando dos VPs con objetos argumentales. En (439b) el objeto doblado es no-argumental y el otro objeto es argumental, por eso la imposibilidad de coordinar dos elementos de distinta naturaleza. Algo similar se observa en (439c) donde el objeto del segundo grupo está en una posición no-argumental y el primer grupo no tiene esa posición, por tanto, la coordinación no es posible.

La segunda prueba se basa en el análisis de Aoun (1999) del árabe libanés que muestra que los cuantificadores en DPs doblados tienen sólo alcance estrecho (narrow scope), mientras los no doblados son ambiguos, pueden tener alcance estrecho y amplio. Los datos del español confirman esto:

(440) a. Vi la foto de los dos niños. alcance estrecho (una sola foto) y amplio (dos fotos)

b. La vi la foto de los dos niños. alcance estrecho (una sola foto)

La oración (440a) puede tener la lectura en la que para cada niño tengo una foto y también la lectura en la que sólo hay una foto mostrando a los dos niños. En (440b) sólo es posible la segunda lectura. Añade la autora que estos hechos son compatibles con un análisis en el que el objeto doblado y no doblado ocupan posiciones diferentes, como concluye Aoun. El objeto no doblado (440a) puede ser interpretado *in situ* (como argumento) o puede moverse en LF para Spec de CP; en el primer caso obtiene una lectura de alcance estrecho y en el segundo caso, uno de alcance amplio. El objeto doblado de (440b) no puede moverse en LF desde una posición no-argumental, un adjunto a VP.

Añade Sánchez que una evidencia de que no se puede tener alcance amplio desde una posición no-argumental es que no es posible esta lectura con un QP dentro de un PP no-argumental. Así, la oración (441a) sólo puede tener lectura de alcance estrecho y no la lectura de (441b):

(441) a. Traje un libro con la foto de las dos niñas.

b. * [CP QP_i dosi niñas [C° Traje [VP un libro [VP [PP con la foto [PP de las [QP x_i]

Habiendo establecido la posición del DP doblado, la autora va a explicar cuáles serían los rasgos pertinentes en el doblado y también cómo funcionaría Agree (CHOMSKY 1998) en su propuesta.

A partir de la posibilidad de poder doblar objetos inanimados, Sánchez afirma que la restricción de animicidad no se aplica en DL:

(442) Lo compraron el libro.

Por otro lado, Suñer (1988) en su estudio sobre el dialecto argentino, afirma que el rasgo pertinente para el doblado es [+espec] y no [+def] como lo prueba la posibilidad de tener doblado en (442a), pero no en (442b):

(442)

- a. Diariamente, la escuchaba a una mujer que cantaba tangos. [+anim, +espec, (-def)]
- b. (*Lo) alabarán al niño que termine su tarea primero. [+anim, -espec, (+def)]

Sin embargo, en el DL la oración (442b) es posible con el doblado, como anota Sánchez; por tanto, concluye la autora que la restricción de especificidad no se cumple en el doblado del DL. Siendo así, ni la restricción de animicidad ni la de especificidad se cumplen en DL; la autora plantea cambiar esas restricciones por el rasgo de foco identificacional exhaustivo.

En relación con (442a), aclara la autora que es sólo posible en DL en un contexto en el que se mencionó posibles antecedentes del DP doblado. Esta observación le permite plantear que es necesario un rasgo de Topic/Focus en el análisis:

Such a requirement is hard to capture in an analysis that does not incorporate the Topic/ Focus structure of the sentence and its relationship with definiteness and specificity. Thus, what is relevant in (303) is the fact that the DP *al niño* ‘to the boy’ is understood as an element from a set of elements that is shared as background information and to which the predicate *alabarán* ‘will praise’ applies. (SÁNCHEZ, 2006, p. 15).

Argumenta Sánchez que una prueba sobre la presencia del rasgo [+F] (+foco) en el doblado es la siguiente: una posible respuesta a una pregunta contrastiva (443a) puede ser sólo con doblado (443b), en donde el clítico tendría el rasgo [+F]; pero no es posible responder con una estructura de clítico con dislocación a la izquierda (443c) porque el objeto sería [-F]:

- (443) a. ¿A quién viste ayer, a María o a Pedro/ a la gerente o al cajero?
- b. La vi a María/a la gerente/a ella.
- c. ?A María/ A la gerente/ a ella la vi.

Añade la autora que ya que el español obedece al *Nuclear Stress Rule* (CINQUE 1990, ZUBIZARRETA 1998), los DP doblados y los no doblados son marcados por

defecto como [+F]. La diferencia entre esos objetos es que son diferentes tipos de foco: el foco del DP doblado es identificacional exhaustivo; el foco del DP no doblado es informacional. Siguiendo a Kiss (1998), Sánchez va a definir el foco exhaustivo del siguiente modo: “An identificational focus represents a subset of the set of contextually or situationally given elements for which the predicate phrase can potentially hold; it is identified as the exhaustive subset of this set for which the predicate phrase actually holds” (KISS 1998:245).

Señala Sánchez que el doblado con clítico pasa la prueba de identificación exhaustiva de Farkas que Kiss asume: Es posible negar un foco identificacional exhaustivo, pero no es posible negar un foco informativo:

- (444) a. María la vio a Teresa.
b. No, la vio a Tatiana también.

En objetos no doblados (que tienen foco informacional), el test no pasa:

- (445) a. María vio a Teresa.
b. ?No, vio a Tatiana también.

Sánchez (2010) adiciona la prueba de la consecuencia lógica (SZABOLSCI 1981). Ya que la versión con doblado exhaustiviza al objeto, (446b) no puede ser una consecuencia de (446a), plantea Sánchez.

- (446) a. Ayer los vi a Pedro y a María.
b. Ayer la vi a María.

El punto es que en (446b) se está diciendo que sólo se vio a María (por exhaustividad), lo que contradice (446a).

Sánchez suma la siguiente prueba: Las construcciones con doblado tienen alcance sobre algunos cuantificadores en la cláusula principal:

(447) a. Todos los estudiantes **la** respetan a la **profesora de matemáticas**.

(Una profesora es respetada por todos los alumnos)

b. Todos los estudiantes respetan a la profesora de matemáticas.

(Ambiguo, es posible en el contexto en el que hay más de una profesora)

La última prueba que ofrece la autora está relacionada con la palabra *también*. Kiss (1998) nota que oraciones como (448), frases encabezadas por el cuantificador *también*, no son compatibles con un foco identificacional exhaustivo:

(448) ?It was also John that Mary invited to her party.

Sin embargo, en contextos en los que el foco identificacional amplía el conjunto de elementos, sí es posible *también*, como se muestra a continuación:

(449) A: Bill danced with Mary.

B: No, it was Sam that danced with Mary.

C: It was also John that danced with her.

Dice Sánchez (2010, p. 103) citando a Kiss: "...B identifica a Sam como el miembro del conjunto de hombres presentes en la fiesta que bailó con Mary. C añade a John al conjunto identificado por B excluyendo al resto de posibles individuos...". Una situación similar ocurre con el doblado del DL:

(450) A: Pedro saludó a María.

B: No, la saludó a Teresa.

C: La saludó también a Juana.

Dice Sánchez (2010, p. 103): "En este fragmento de conversación, B identifica a Teresa como miembro del conjunto al que Pedro saludó. C añade a Juana a ese conjunto

excluyendo al resto de posibles individuos”. Esta lectura no es posible en la versión sin doblado:

- (451) A: Pedro saludó a María.
 B: No, saludó a Teresa.
 C: Saludó también a Juana.

En (451) C añade a Juana sin excluir a otras posibles personas saludadas por el sujeto. Concluye la autora que estos testes prueban que el objeto doblado del DL tiene un rasgo de foco identificacional exhaustivo.

En relación con la estructura en la que opera Agree, Sánchez plantea la estructura de (438) que repito con otra numeración:

(452)

Para que se efectivice la operación Agree, es necesario postular un *pro* en la posición de objeto, porque el DP está en una posición de adjunto y por tanto no es hermano de V. Añade Sánchez (2006, p. 18): “I would like to propose that under identity of features with the chain formed by the *pro* and the DP, the probe *v* checks the accusative features and Fe⁶⁰”. Un clítico que dobla sería la realización morfológica del resultado de Agree en *v*. En el caso de DP argumentales, el rasgo de foco exhaustivo no debe estar presente ni en *v* ni en el DP.

⁶⁰ El rasgo Fe es foco exhaustivo.

Como fue señalado, para Sánchez (2006) el objeto doblado es un argumento del verbo esto lo demuestra con la imposibilidad de doblar un predicado en la oración (437c) que repito con otra numeración:

(453) *Yesicai loj es [SC ti [AP inteligentej]

Considero que si sólo se pudiese doblar argumentos del verbo, no sería posible doblar el DP *al ómnibus* en (454) (una construcción ECM), ya que no es un argumento del verbo *ver*; sin embargo, el doblado es posible. Lo que parece ser es que el elemento doblado necesita estar en una configuración local que permita aplicar Agree, y no necesariamente ser un argumento del verbo.

(454) Lo vi al ómnibus venir.

Por otro lado, la agramaticalidad de (453) se debería a que un predicado no es un objeto específico; sólo los objetos específicos podrían doblarse. Regreso sobre este punto.

Como se dijo, Sánchez defiende que el objeto doblado está en posición de adjunto, y una de las evidencias que presenta es la imposibilidad de coordinar un objeto doblado con uno que no lo es como se ve en las oraciones (439b) y (439c), repetidas aquí como (455a) y (455b). Sin embargo, es posible coordinar en casos como (455c) con una estructura similar a la de (455b)⁶¹:

(455) a. *Vi y la saludé a María.

b. *Ayer [lo vi] y [la vi a Yesica].

c. Ayer la vi y la saludé a María.

La otra prueba de Sánchez es el alcance que pueden tener los objetos doblados; repito las oraciones pertinentes con otra numeración:

⁶¹ Agradezco a Jairo Nunes por sugerirme este tipo de casos.

(456) a. Vi la foto de los dos niños. alcance estrecho (una sola foto) y amplio (dos fotos)

b. La vi la foto de los dos niños. alcance estrecho (una sola foto)

Según la autor, el objeto doblado al estar en una posición de adjunto, no se podría mover para una posición de especificador (Spec) del CP desde donde tendría alcance amplio. Si no se mueve, entonces no habrá ambigüedad de alcance. Supongamos que la posición de Spec del CP está ocupada como en (457), entonces el objeto no podrá moverse para Spec de CP (teniendo en vista de que “absorción” de cuantificadores sólo es permitida para cuantificadores del mismo tipo) y no debería haber ambigüedad; sin embargo, (457) es ambigua, puede haber una sola foto o dos⁶².

(457) ¿Quién vio la foto de las dos niñas?

Por otro lado, Sánchez descarta la restricción de especificidad de Suñer (1988) porque oraciones como (442b) (repetida aquí como (458)) son gramaticales en DL⁶³:

(458) (*Lo) alabarán al niño que termine su tarea primero. [+anim, -espec, (+def)]

Sin embargo, la combinación [+def, -espec] no es posible desde la perspectiva de especificidad partitiva de Enç que he asumido. Como fue señalado, según la autora, un elemento definido [def] es necesariamente específico [espec]. Desde mi análisis, el objeto de la oración (458) es [espec]; siendo así, asumiré la restricción de especificidad de Suñer para el DL. El hecho de que el objeto de (458) sea compatible con un conjunto de pertenencia como el expresado por el adjunto en (459) corroboraría de que es efectivamente [espec]:

(459) En relación con los alumnos del colegio, lo alabarán al niño que termine su tarea primero.

⁶² Agradezco a Jairo Nunes por sugerirme ese tipo de construcción.

⁶³ Suñer (1988) analiza casos del dialecto porteño de Argentina.

Ahora, si en (458) el objeto es [espec], ¿por qué no es posible en el dialecto porteño? Di Tullio y Zdrojewsky (2008) revisan el juzgamiento de Suñer de oraciones como (458); los autores consideran que la oración es gramatical y añaden los siguientes casos:

- (460) a. Lo van a alabar al niño que termine su tarea primero.
b. Yo lo mato al que se anime a pegarme.

Este análisis es compatible con la idea de que el doblado es sensible al rasgo especificidad del objeto, entendido como parte de un conjunto.

Coincido con Sánchez en considerar que el rasgo animicidad [anim] no participa en el doblado del DL. Como la autora señala, en el DL es posible doblar objetos inanimados:

- (461) Juan lo leyó el libro.

Lo que no es posible en el DL es doblar objetos no específicos (462); lo que sugiere que especificidad es un rasgo necesario para el doblado en DL. En la sección siguiente retomo este punto.

- (462) *Juan lo leyó un libro.

5.4 Una propuesta alternativa

Como fue mencionado, el rasgo de especificidad [espec] es necesario para el doblado en el DL. Obsérvese los siguientes casos:

- (463) a. (De aquel grupo de personas) Juan saludó a una chica.
b. Juan la saludó a una chica.
(464) a. (??De aquel grupo de personas) Juan saludó una chica.
b. *Juan la saludó una chica.

(465) Juan (la) saludó a la chica.

El objeto de (463a) es no [def] y [espec] como lo evidencia la compatibilidad con el conjunto de pertenencia entre paréntesis. Tal objeto puede ser doblado (463b). Por otro lado, la incompatibilidad del conjunto de pertenencia en (464a) indica que tal objeto es no [espec]; tal objeto no puede ser doblado (464b). La oración (465) confirma que un objeto [espec] puede ser doblado. Por otro lado, si los clíticos son siempre definidos (notar que tienen la forma de un determinante definido $Lo(s)$, $La(s)$), entonces será necesario que sean también [espec], porque no hay [def] sin [espec] de acuerdo con la geometría que asumimos. Podemos decir por tanto que un clítico siempre tendrá los siguientes rasgos:

(466)

rpg
|
espec
|
def
|
max

Como fue indicado, Sánchez defiende que el DP objeto y el clítico comparten un rasgo de foco exhaustivo [Fe] que entra en relación de cotejo (checking) vía Agree. Repito sus ejemplos:

(467) a. Vio a los futbolistas.

b. Los vio a los futbolistas.

De acuerdo con la autora, la oración (467a) es ambigua; puede haberse visto a todos los jugadores o solo a parte de ellos. (467b) tiene solo la primera lectura; el rasgo [Fe] en el clítico y en el objeto es el responsable. Este rasgo inicialmente estaría presente en el DP objeto, y sería checado por el v donde se genera el clítico. Mi propuesta alternativa explota la presencia de uno de los rasgos dependientes del nudo rpg, que introduce [espec]; el rasgo en cuestión es [max(imizing)]. Como fue discutido,

Fassi Fehri (2004) postula, basado en Sharvy (1980), que los determinantes definidos presentan un rasgo maximizing [max] que expresa totalidad. Dice Sharvy: “A definite mass description such as “the gold in Zurich” denotes the sum or totality of all that to which the predicate applies-the total sum of all that is gold in Zurich” (p. 608)⁶⁴.

Ese rasgo [max] es dominado por [def], ya que solo los definidos tienen [max]. Propongo que el rasgo [max] en el verbo debe crear un evento totalizado, de modo que en la oración con doblado (467b) debe haber un único evento total que engloba a todo el objeto; así, no es posible que se haya visto a una sola parte de los jugadores. En la versión sin el clítico (467a), es posible la lectura de evento totalizado. Esto sugiere que el determinante definido lleva [max], aunque opcionalmente porque en esta oración también es posible la lectura parcial (en donde se ve solo a parte de los jugadores). No parece haber nada que prohíba que en la versión con doblado (467b) haya [max] en el clítico y en el determinante del objeto; aunque sería suficiente con el [max] del clítico.

Por otro lado, el análisis coloca a [max] en el verbo como un rasgo interpretable, al igual que en D; por tanto, no será necesario que haya [max] en D para que haya [max] en el verbo. Esto encaja con el hecho de que pueda haber clíticos con objetos indefinidos como en (468) por ejemplo:

(468) Juan lo escondió a un alumno.

Surge la cuestión sobre la ubicación en V del nudo organizador que domina [max], rpg⁶⁵. El nudo organizador rpg es dominado por α en la geometría de D; voy a mantener esta geometría en V. Por otra parte, en el capítulo 3, defendí que medición dominaba el nudo organizador α ; por tanto, la geometría en abstracto resultante es como sigue:

⁶⁴ Ver el capítulo 2 para más detalles sobre este asunto.

⁶⁵ Ver la geometría de (466).

(469)

Un clítico que dobla sería la materialización de los rasgos phi de v, y no de V, donde con medición presente es necesario class, pero no individuation; y un clítico presenta marca de número (Lo(s), La(s)).

Establecí la siguiente relación entre el rasgo medición y [espec]: sólo puede haber [espec] en el objeto de D si hay medición en V. Es esperable que la condición también aplique en V, por tanto, asumiendo que no hay clítico sin [espec], se espera que solo pueda haber clítico cuando haya medición. Nótese que en (469) medición domina rpg.

Siguen las geometrías de las oraciones (467), que repito con otra numeración:

(470)

a. Vio a los futbolistas. (lectura “totalizadora”; lectura con [max] en el objeto, sin [max] en el verbo).

(i) antes de Agree

(ii) después de Agree

b. Vio a los futbolistas. (lectura “parcial”; sin [max] en el objeto, sin [max] en el verbo)

(i) antes de Agree

(ii) después de Agree

c. Los vio a los futbolistas. (lectura “totalizadora” con [max] en el verbo, sin [max] en el objeto).

(i) antes de Agree

(ii) después de Agree

Por otro lado, si medición domina [atom], puede haber medición con [atom], es decir, una realización; o puede haber medición sin [atom], es decir, una actividad. Siendo así, es esperable que se pueda doblar en una realización y actividad; la predicción se cumple:

- (471) a. Juan lo escondió a un alumno en un segundo. realización
 b. Juan lo escondió a un alumno durante cinco minutos. actividad

También es posible tener actividad sin medición, ya que medición domina [atom]. Obsérvese el siguiente caso:

- (472) a. Juan escondió (*a medias) un alumno.
 b. Juan escondió un alumno durante tres minutos. actividad

La oración (472a) indica que no hay medición en la versión sin la marca A; (472b) indica que es posible tener actividad. Lo que no es posible es doblar en (473):

- (473) *Juan lo escondió un alumno durante tres minutos.

La imposibilidad de (473) indica que no hay medición en esa oración, y tampoco doblado. Obsérvese por otro lado que un objeto inanimado definido tiene medición, por ende, puede ser doblado (474). Un objeto inanimado indefinido no puede ser doblado (475a), porque no hay [espec] en el objeto; la incompatibilidad del conjunto de pertenencia en (475b) muestra eso:

- (474) María lo leyó (a medias) el libro.
 (475) a. *María lo compró un auto.
 b. (??De aquel grupo) María vio un auto.

Siguen las geometrías de las oraciones recién vistas:

(476)

a. Juan lo escondió a un alumno en un segundo.

realización

(i) antes de Agree

(ii) después de Agree

b. Juan lo escondió a un alumno durante cinco minutos actividad

(i) antes de Agree

(ii) después de Agree

d. María lo leyó (a medias) el libro.

(i) antes de Agree

(ii) después de Agree

Veamos el doblado con un objeto tipo kind:

(477) a. ??Los cazadores la exterminaron a la ballena.

b. *Los nativos lo exterminaron el dodo.

Los datos muestran incompatibilidad del clítico con un objeto kind con marca o sin marca. Como fue indicado, todo kind es [$\emptyset$ atom] con [max]; [max] forma una unidad máxima con los átomos de un elemento [$\emptyset$ atom]⁶⁶. Mi propuesta sobre la imposibilidad de (477) es que verbos como *exterminar* llevan un rasgo de totalidad; estos verbos no seleccionan objetos individuales (478). Este rasgo lexical haría incompatible la presencia de [max] en los rasgos phi del verbo. Si el evento, por así decir, ya está maximizado, el rasgo [max] no tendría función alguna. Sin [max] en el verbo no es posible generar clíticos.

(478) *La peste exterminó a Juan.

⁶⁶ Véase el capítulo 3 para más detalles.

Obsérvese el caso del verbo *buscar*:

- (479) a. *Juan la buscaba la mujer rica. kind
 b. *Juan la buscaba a la mujer rica. kind
 c. Juan la buscaba a la mujer rica, Elena. (I)ndividual

No es posible doblar al objeto kind de las oraciones de (479); aunque (479) es buena si el objeto es un I(ndividual) como en (350c). Esto sugiere que el verbo *buscar* lleva opcionalmente el rasgo lexical que totaliza. Cuando tal rasgo está presente en el verbo, el clítico no es posible; en este caso el objeto es un kind.

No es claro cuál sería la explicación de Sánchez para la imposibilidad de doblar un kind, ya que no se espera restricciones en relación con un kind y verbos como *exterminar* y la posibilidad de ser marcados con foco.

En relación con los subkinds, si un subkind no tiene [max] (porque no tiene [def]), entonces es posible que pueda ser doblado; es así:

- (480) Los nativos lo exterminaron a un tipo de dodo.

Sigue la geometría de un objeto subkind en plural:

- (481) Los nativos los exterminaron a unos (tipos de) dodos.

(i) antes de Agree

(ii) después de Agree

5.5 Conclusión

En el análisis que he desarrollado, un clítico que dobla sería la materialización de los rasgos phi de la geometría de v. El doblado en la variedad limeña (DL) dependería de la especificidad del objeto (Suñer 1988) y de la presencia del rasgo [max(imizing)] en el verbo. He apelado al rasgo [max] en el verbo para explicar los contrastes colocados por Sánchez (2006, 2010) en relación con el doblado del (DL). La presencia de [max] requiere de [def], que a su vez requiere de [espec] de acuerdo con la geometría asumida. De modo que para el doblado, el rasgo [espec] es necesario en el objeto y en el verbo. Esto permite decir que el clítico acusativo codifica especificidad. La presencia de [espec] en D requiere de medición en V; la presencia de [espec] en V también. De ahí que una de las conclusiones de este capítulo sea que sólo es posible doblar cuando hay medición. Esto significa que el doblado en el DL está sujeto a condiciones formales, pero también a la semántica del verbo. Finalmente, el DOM y el doblado en el DL comparten la necesidad de tener ambos medición, aunque se diferencian en el hecho de que el primero requiere de [anim] para generarse y el segundo de [espec] y [max]. En el DL, [anim] no es una condición para doblar, de modo que no se puede identificar DOM con doblado. Por otro lado, ni [espec] ni [max] son necesarios para DOM. Podemos concluir así que son fenómenos independientes hasta cierto punto.

6. CONCLUSIÓN

El objetivo central de esta tesis fue dar una explicación exhaustiva de cómo ocurre la marcación del objeto (DOM) en español. He defendido que dos rasgos son responsables de la marcación: medición en el verbo y animicidad en el objeto directo. Estos rasgos ya han sido inicialmente postulados por Torrego (1998, 1999) como participantes del DOM del español; sin embargo, a diferencia de la autora, considero que rasgos como especificidad, telicidad no participan de la marcación. Estos rasgos interactúan con los rasgos desencadenantes del DOM en español, medición y animicidad. El análisis en términos de geometría (HARLEY; RITTER 2002) permite ordenar y describir con considerable detalle la interacción entre los rasgos de D, y también la interacción entre los rasgos del verbo. Las geometrías postuladas para D y el verbo han sido puestas en relación a través de la operación Agree (CHOMSKY 2000, 2001), esto es, DOM en español sería una consecuencia de Agree. Específicamente DOM sería la expresión de la concordancia que ocurre en el verbo entre un rasgo verbal (medición) con un rasgo del objeto, animicidad, copiado en el verbo. Asumí la monovalencia de los rasgos de acuerdo con Harley; Ritter, por tanto, Agree debe ser copia de rasgos y no valoración de rasgos. Una consecuencia del análisis es que DOM no puede ser caso; una identificación común en la literatura (por ejemplo, TORREGO (1998), RODRÍGUEZ-MONDOÑEDO (2007), ORDÓÑEZ; ROCA (2019), ZDROJEWSKY (2013), entre otros). De acuerdo con Chomsky, caso es valorado como un reflejo de un momento anterior de valoración de los rasgos phi no interpretables del verbo con los correspondientes rasgos phi interpretables del DP. De acuerdo con el análisis que defiendo, DOM formaría parte de ese primer momento de valoración (copia) de los rasgos phi en el verbo (aquí se establece concordancia entre medición y class, típicamente), y no del reflejo que permite la valoración del caso del objeto; es decir, DOM ocurriría en un momento anterior a caso. En el análisis ha aparecido una relación que parece encajar en la asignación de caso. La relación es como sigue: Para que un objeto sea interpretado como específico es necesario que haya medición en el verbo. Este es el tipo de dependencia que conforma una relación de caso en los moldes de Agree. El desarrollo de este asunto escapa a los límites de esta tesis, de modo que queda como un tema para futura investigación. Me gustaría sí destacar que un análisis en términos de Geometría de Rasgos se ha mostrado productivo no sólo para entender el

funcionamiento del DOM sino también para explicar la asignación de caso en el marco de Agree.

Como ha sido ya postulado en la literatura (RODRÍGUEZ-MONDOÑEDO 2007, entre otros), defendí que la marca A del objeto indirecto (OI) es también un caso de DOM. Fundamentalmente postulé una mecánica similar a la descrita para el DOM del objeto directo (OD) para el caso del DOM del OI. Los rasgos involucrados en el caso del OI son atomicidad del verbo y los rasgos de número dominados por individuation. A diferencia de lo que sucede en el caso del OD, en donde la A aparece cuando el rasgo es [anim]; la marca del OI aparece tanto con [minimal] (singular) en (482a) como con [group] (plural) en (1b):

(482) a. Juan (le) entregó el libro a la chica.

b. Juan (les) entregó el libro a las chicas.

Para el caso del OD, el rasgo medición debe dominar al rasgo class y [anim] para que haya A. De manera similar, para el caso del OI, el rasgo atomicidad del verbo debe dominar al rasgo individuation y a [minimal] o [group] para que haya A en el OI. Los rasgos de D son copiados en V por la sonda; Agree en mi propuesta es copia de rasgos.

El haber adicionado a la geometría inicial de Harley y Ritter (2002) rasgos como especificidad, definitud, maximizing, atomicidad, y al adoptar la perspectiva de DOM como el resultado de la operación Agree se abre la posibilidad de entender mejor cómo funciona tal operación. Por ejemplo, no es obvio por qué es necesario que el verbo tenga rasgos phi no interpretables, que después de valorados serán eliminados. En la hipótesis que defiendo, podemos decir que esos rasgos phi son necesarios porque los rasgos del verbo, para poder activarse, deben concordar con los rasgos phi. La sonda copiaría esos rasgos phi de D en el verbo. Una sonda no podría poner en relación rasgos diferentes, por ejemplo, medición con animicidad; es necesario copiar los rasgos phi en D.

En relación con los clíticos, he asumido trabajos como Jaeggli (1983), Suñer (1988), donde un clítico que dobla sería la materialización de los rasgos phi del verbo. He postulado que el doblado en la variedad limeña (DL) dependería de la especificidad del objeto (Suñer 1988) y de la presencia del rasgo [max(imizing)] en el verbo. La presencia del rasgo [max] en el verbo permite explicar los contrastes anotados por Sánchez (2006, 2010). La presencia de [max] requiere de [def], que a su vez requiere de

[espec] de acuerdo con la geometría asumida. De modo que para el doblado, el rasgo [espec] es necesario en el objeto y en el verbo. Esto permite decir que el clítico acusativo codifica especificidad. La presencia de especificidad en D requiere de medición en V; la presencia de [espec] en V también. Esto nos llevó a concluir que sólo es posible doblar cuando hay medición. Tal conclusión acerca el fenómeno de doblado con el de DOM del objeto directo, que también requiere de medición según nuestra hipótesis. No obstante, no son totalmente equivalentes, ya que DOM requiere de animicidad y el doblado en el DL requiere de especificidad y [max]; no requiere de animicidad.

Referencias Bibliográficas

ABNEY, S. **The English noun phrase in its sentential aspect**, Tesis de Doctorado-MIT. Inédita. 1987

AISSSEN, J. 2003. Differential object marking: Iconicity vs. economy. **Natural Language & Linguistic Theory** 21:435-448.

ANDERSON, M. **Noun Phrase Structure**. Tesis de Doctorado- University of Connecticut. 1979.

ANDERSON, M. Affectedness. In: **The Blackwell Companion to Syntax**. Everaert M.; Van Riemsdijk H. (eds.). Malden, MA: Blackwell. 2006.

BAKER, M. Agreement, dislocation, and partial configurationality. In: CARNIE A.; HARLEY H.; M. WILLIE (eds.), **Formal approaches to function**, John Benjamins, Amsterdam. 2003 p.104-107.

BEAVERS, J. On affectedness. **Natural Language & Linguistic Theory**. v. 29. n. 2. 2011. p. 335-370.

BLEAM, T. M. **Leísta Spanish and the Syntax of Clitic Doubling**, 1999. University of Delaware: Ph.D. Dissertation. 1999.

BLEAM, T. M. 2003. Properties of the Double Object Construction in Spanish. In: **A Romance Perspective on Language Knowledge and Use**, eds. NÚÑEZ-CEDENO R.; LÓPEZ L.; CAMERON R., Amsterdam: John Benjamins. 2003, p. 233-252.

BORER, H. **Parametric syntax**. Dordrecht: Foris. 1984.

_____. **The normal course of events: Structuring sense, Vol. II**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

BORIK, O.; ESPINAL M. T. On definite kinds. **Recherches Linguistiques de Vincennes**. v. 41. 2012. p. 123-145.

BORIK, O.; ESPINAL M. T. Reference to kinds and to other generic expressions in Spanish: definiteness and number. **The Linguistic Review**. v. 32. n. 2. 2015. p. 167-225.

BOŠKOVIĆ, Ž. On the locality and motivation of Move and Agree: An even more minimal theory. **Linguistic Inquiry** v. 38 n. 4, 2007.

BOSSONG, G. Differential object marking in Romance and beyond. In: **New Analyses in Romance Linguistics, Selected Papers from the XVIII Linguistic Symposium on Romance Languages 1988**, eds. WANNER D.; KIBBEE D. Amsterdam: Benjamins. 1991, p. 143-170.

BRUGÈ, L.; BRUGGER, G. On the Accusative a in Spanish. **Probus** v. 8. 1996. p. 1-51.

CARLSON, G. Weak indefinites. In: COENE M.; D'HULST Y. (eds.), **From NP to DP. The syntax and semantics of noun phrases**. Amsterdam, John Benjamins. 2003. p. 195-210.

CARNIE, A. A Phase-geometric approach to multiple marking systems. In: **Perspectives on Phases**, MCGINNIS M.; RICHARDS N. (eds.), Cambridge, Ms.: MIT Working Papers in Linguistics 49. 2005. pp. 87-102.

CATFORD, J. C. Ergativity in Caucasian languages. (Artículo no publicado) Ann Arbor. University of Michigan. 1975.

CHIERCHIA, G. Reference to kinds across languages. **Natural Language Semantics**. v. 6. 1998. p. 339-405.

CHOMSKY, N. **The minimalist Program**. Cambridge, Mass.: MIT Press. 1995

_____. Minimalist inquiries: the framework. In: **Step by step: essays on minimalist syntax in honor of Howard Lasnik**, eds. MARTIN R.; MICHAELS D.; URIAGEREKA J. Cambridge, Mass: MIT Press. 2000 p. 89-155.

_____. Derivation by Phase. In: **Ken Hale: A Life in Language**, ed. MICHAEL KENSTOWICZ M. Cambridge, Mass.: MIT Press. 2001. p. 1- 52.

_____. On phases. In: OTERO, C.; FREIDIN, R.; ZUBIZARRETA, M-L. (orgs.) **Foundational issues in linguistics**. Cambridge, MA: MIT Press, 2008, p. 133-166.

CHUNG, S.; LADUSAW, W. **Restriction and saturation**. Cambridge, MA: MIT Press. 2004.

CINQUE, G. **Types of A'-Dependencies**. MIT Press. 1990.

COGHILL, E. 2014. Differential object marking in Neo-Aramic. **Linguistics**; v. 52 (2). 2014. p. 335-364.

COMPANY, C. 2002. El avance diacrónico de la marcación prepositiva en objetos inanimados. In: **Actas del II Congreso de la SEL. Presente y Futuro de la Lingüística en España**, Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. 2002. p. 146-154.

COMRIE, B. **Language universals and linguistic typology: syntax and morphology**. Oxford: Blackwell. 1989.

CORBETT, G. **Gender**. Cambridge. Cambridge University Press. 1991.

COWPER, E.; Hall, D. The Syntactic Manifestation of Nominal Feature Geometry. Proceedings of Canadian Linguistics Association. **Montreal: Cahiers Linguistiques de l'UQAM**. 2003.

CUERVO, M. C. 2003. **Datives at large**, MIT: Ph. Dissertation. 2003.

DECHAINED, R.M.; WILTSCHSKO M. Decomposing pronouns, **Linguistic Inquiry**. v. 33. 2002. p. 409-442.

DEMONTÉ, V. 1995b. Dative alternation in Spanish. **Probus** vol. 7.1. 1995. p. 5-30.

DEMONTÉ, V.; MASULLO, P. La predicación: Los complementos predicativos. In: BOSQUE I.; DEMONTÉ, V. (EDS.) **Gramática descriptiva de la lengua española**. Madrid, Esapsa, pp. 2461-2524. 1999

DI TULLIO, A. Y ZDROJEWSKI P. Notas sobre la duplicación pronominal en el español rioplatense: asimetrías entre objetos humanos y no humanos. In: **Filología**. v. XXXVIII. Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires. 2008.

DIESING, M. **Indefinites**. Cambridge, Massachusetts: MIT Press. 1992.

DAVID, E.; MARANTZ, A. Architecture and blocking. **Linguistic Inquiry**. v. 39(1). 2008. p. 1-53.

EMBICK, D. Voice systems and the syntax/morphology interface". In H. Harley (ed.) **The Proceedings of the Penn/MIT Workshop on Aspect, Argument Structure, and Events, miTwPl**. 1998.

ENÇ, M. The semantics of specificity. **Linguistic Inquiry**. v. 22. 1991. p.1-26.

EVERETT, D. *Why there are no clitics. An alternative perspective to pronominal allomorphy*. Publication 123, Summer Institute of Linguistics and The University of Texas Arlington, Arlington, Publications in Linguistics. 1996.

FÁBREGAS, A. Differential object marking in Spanish: state of the art". **Borealis: An International Journal of Hispanic Linguistics**. vol 2.2, 2013. págs. 1-80.

FASSI FEHRI, A. Nominal classes, reference, and functional parameters, with particular reference to Arabic. **Linguistic Variation Yearbook** 4. Amsterdam: John Benjamins. 2004

FASSI FEHRI, A. Verbal and nominal parallelisms. **Documents & Reports**. Rabat: IERA. vol. 8. 2005. P. 1-22.

FASSI FEHRI, A.; Vinet, M-Th. Verbal and nominal classes in Arabic and Chinese. **Recherches Linguistiques de Vincennes**. vol. 37. 2008. p. 55-83.

FARKAS, D. Specificity Distinctions. **Journal of Semantics**. v. 19. 2002. p. 213-243.

_____. Specificity and scope. In: **Langues et grammaires 1**. NASH L.; TSOULAS G. (eds.). 1994. p. 119–137.

FERNÁNDEZ RAMÍREZ, S. **Gramática española. 4. El verbo y la oración**. Madrid, Arco Libros. (1986 [1951]).

FODOR, J. D.; I. SAG. Referential and Quantificational Indefinites. **Linguistic and Philosophy**. v. 5. 1982. p. 355-398.

FRANCO, J. **On object agreement in Spanish**, Tesis de Doctorado, University of Southern California. Inédita. 1993.

GEURTS, B. Specific indefinites, presupposition, and scope. In: BÄUERLE R; REYLE U.; T.E. ZIMMERMANN T.E. (eds.), **Presuppositions and Discourse**. Elsevier, Oxford, 2002.

GLUSHAN, Z. **Deriving Case Syncretism in Differential Object Marking Systems**. Ms. University of Connecticut, Storrs. 2009.

HALE, K.; KEYSER, S. J. On argument structure and the lexical expressions of syntactic relations. In: **The view from building 20: Essays in Linguistics in honor of Sylvain Bromberger**. K. HALE AND S. J. KEYSER (eds.). Cambridge, MA: MIT Press. 1993. p. 53-109.

HALLE, M. Distributed Morphology: Impoverishment and fission. In: BRUENING B.; KANG Y.; MCGINNIS M. (eds.), **Papers at the Interface**, Cambridge, Mass., MIT Working Papers in Linguistics. V. 30. 1997. p. 425-449.

HARLEY, H.; RITTER, E. Person and Number in Pronouns. **Language** v. 78. 2002. p. 482-526.

HEIM, I. **The Semantics of Definite and Indefinite Noun Phrases**. Tesis de doctorado. University of Massachusetts, Amherst. 1982.

HEIM, I. Where does the Definiteness Restriction Apply? - Evidence from the Definiteness of Variables". In A. ter Meulen and E. Reuland (eds.), **The Representation of (In)definiteness**, Cambridge: MIT Press, pp. 21-42, 1987.

von HEUSINGER, K. Specificity and definiteness in sentence and discourse structure. **Journal of Semantics**. v. 19. 2002. p. 245-274.

von HEUSINGER, K.; KAISER, G. Animacy, Specificity, and Definiteness in Spanish. In: Proceedings of the Workshop Semantic and Syntactic Aspects of Specificity in Romance Languages. **Arbeitspapier** v. 113. HEUSINGER K. VON; KAISER G. (eds.). Konstanz: Universität Konstanz. 2003. p. 41-65.

von HEUSINGER, K.; KAISER, G. Affectedness and Differential Object Marking in Spanish. In: Morphology. vol 21(3-4). 2010. pp. 593-617.

HIGGINBOTHAM, J. Indefiniteness and Predication. In: REULAND E. J.; TER MEULEN, A. G. B. (eds.) **The Representation of (In)definiteness**, MIT Press, Cambridge, Massachusetts. 1987.

HINTIKKA, J. The Semantics of A Certain. **Linguistic Inquiry** v. 17. 1986. p. 331-336.

HOEKSTRA, T.; Roberts, I. Middle constructions in Dutch and English. In: Eric Reuland & Werner Abraham. (Eds.) **Knowledge and Language volume II, Lexical and Conceptual Structure**. Dordrecht: Kluwer. 1993.

HOPPER, P.; THOMPSON, S. Transitivity in grammar and discourse. **Language**. vol. 56. 1980. p. 251–299

IRIMIA, M.; CYRINO, S. Manifestations of differential object marking: from Brazilian Portuguese to prepositional accusatives. **Revue Roumaine Linguistique**. vol. 4. 2017. p. 411-426.

JAEGGLI, O. Three Issues in the Theory of Clitics: Case, Doubled NPs, and Extraction. In: BORER H. (ed.). **Syntax and Semantics 19. The Syntax of Pronominal Clitics**. Orlando, Florida: Academic Press. 1986. p. 15-42.

JACKENDOFF, R. The Combinatorial Structure of Thought: The Family of Causative Concepts. REULAND E.; ABRAHAM, W. (eds). In: **Knowledge and Language**. vol 2. Kluwer. 1993.

KATO, M.; NUNES, J. A Uniform Raising Analysis for Standard and Nonstandard Relative Clauses in Brazilian Portuguese. In: NUNES, J. (org.). **Minimalist Essays on Brazilian Portuguese Syntax**. John Benjamins. 2009. p. 93-120.

KAYNE, R. **French syntax: the transformational cycle**, Cambridge, Massachusetts, MIT Press. 1975.

KAYNE, R. (1991) Romance clitics, verb movement and PRO. **Linguistic Inquiry**. v. 22. 1991. p. 33-66.

KEINE, S.; MÜLLER G. Differential Argument Encoding by Impoverishment. In: **Linguistische Arbeit Berichte 86**. RICHARDS M.; MALCHUKOV A. (eds.). Universität Leipzig. 2008. pp.83-136.

KISS, K. Identificacional versus information focus. **Language**. v. 74. n. 2. 1988. p.245-273.

KLIFFER, M. El “A” personal, la kinesis y la individuación. In: **El complemento directo preposicional**. Carmen Pensado (ed.). Madrid: Visor. 1995. p. 93-110.

KRIFKA M. Nominal reference, temporal constitution and quantification in event semantics. In: Bartsch R., Benthem J., Emde Boas P. (eds) **Semantics and contextual expressions**. Foris, Dordrecht. 1989. pp 75–115.

KRIFKA, M.; PELLETIER, F. J.; CARLSON, G. N.; MEULEN, A.; LINK, G.; CHIERCHIA, G. Genericity: an introduction. In: CARLSON, G. N.; PELLETIER, F. J. (eds.). **The Generic Book**. Chicago: The University of Chicago Press. 1995.

LEONETTI, M. 2003. Specificity and Object Marking: the Case of Spanish a. In: **Proceedings of the Workshop "Semantic and Syntactic Aspects of Specificity in Romance Languages"**. eds.

LEONETTI, M. Specificity and Differential Object Marking in Spanish. **Catalan Journal of Linguistics**. v. 3. 2004. p. 75-114.

LEONETTI M. Clitics do not encode specificity. In: **Proceedings of the Workshop “Definiteness, Specificity and Animacy in Ibero-Romance Languages”**. Kaiser G. A.; LEONETTI M. (eds.). Universität Konstanz: Fachbereich Sprachwissenschaft (Arbeitspapier 122). 2007. p. 111-139.

LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV M. **Unaccusativity: At the Syntax-Lexical Semantics Interface**. Linguistic Inquiry Monograph 26, MIT Press, Cambridge, MA. 1995.

LÓPEZ, L. **Indefinite Objects**. MIT Press. 2012.

MARANTZ, A. **On the Nature of Grammatical Relations**. Cambridge, MA: MIT. 1984.

_____. 1993. Implications of asymmetries in double object constructions. In: **Theoretical aspects of Bantu grammar**. Mchombo, S. A. (ed). Stanford, CA: CSLI Publications. 1993. p. 113–151.

MARTIN, J. Aspectual Quantization and $[\pm]$ Accusative Case Checking in Romance. In: **Romance Languages and Linguistic Theory 2003**. (eds.) GEERTS, T., van GINNEKEN, I.; JACOBS, H. Amsterdam: John Benjamins. 2005. p. 177-196.

MATHIAS J. Differential object marking in Burmese. Conferencia proferida en Case in and across languages, Helsinki. August, 2009. P. 26-29.

McFADDEN, T. **The Position of Morphological Case in the Derivation: A Study on the Syntax-Morphology Interface**. Tesis de Doctorado, Universidad de Pennsylvania. 2004.

MAY, R. **Logical Form**. Cambridge, MA: MIT Press. 1985.

MILSARK, G. **Existential sentences in English**. Doctoral dissertation, MIT. 1974.

MOHANAN, T. **Arguments in Hindi**. Tesis de doctorado. MIT. 1990.

NÆSS, A. What Markedness Marks: The Markedness Problem with Direct Objects. **Lingua** v. 114. 2004. p. 1186–1212.

NUNES, J. De Clítico à Concordância: O Caso dos Acusativos de Terceira Pessoa em Português Brasileiro”. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. vol. 57.1. 2015. p. 61-84.

ORDÓÑEZ, F.; SAAB A. Causatives and the distribution of subject Causee in Río de la Plata and Cataluña Spanish. Paper presented at **Romania Nova VI**, Natal, Brasil. 2013.

ORDÓÑEZ, F.; ROCA, F. Differential Object Marking (DOM) and clitic subspecification in Catalanian Spanish. In: Gallego, A. (ed) **The Syntactic Variation of Spanish Dialects**. Oxford University Press. 2019.

ORMAZABAL, J.; ROMERO, J. Object clitics and agreement. Ms. University of the Basque Country/HiTT&U.deExtremadura/HiTT.Disponível em url: <http://ling.auf.net/lingbuzz/001032>. 2010.

ORMAZABAL, J.; ROMERO, J. Object clitics, agreement and dialectal variation. **Probus**. vol. 25(2). 2013. p. 301 – 344.

PENSADO, C. El complemento directo preposicional: estado de la cuestión y bibliografía comentada. In: **El complemento directo preposicional**. Carmen Pensado (ed.). Madrid: Visor. 1995. p. 11-59.

POSTAL, P. On so-called “pronouns” in English. In: **Modern studies in English: Readings in Transformational Grammar**. Rieber D.; Schane S. Englewood Cliffs: Prentice Hall. 1969. p. 201-204.

PREMINGER, O. **Agreement and its failures**. Linguistic Inquiry Monographs 68. MIT Press, Cambridge, MA. 2014.

PYLKKANNEN, L. **Introducing Arguments**. MIT: Ph.D. Dissertation. 2002.

RAE & ASALE. **Nueva gramática de la lengua española**. Madrid, Espasa. 2009.

RICHARDS, N. **A Distinctness Condition on Linearization**. Ms. MIT. 2006.

RIVERO, M. L. 1977. Specificity and Existence: A Reply. **Language**. vol. 53. 1977. p. 32-48.

RITTER, E. Two functional categories in noun phrases: evidence from Modern Hebrew. In: Susan Rohstein (ed.). **Syntax and semantics 25: Perspectives on Phrase Structure**, New York, Academic Press. 1991. p. 37-62.

RODRÍGUEZ-MONDOÑEDO, M. **The Syntax of Objects: Agree and Differential Object Marking**. Tesis de Doctorado, University of Connecticut. 2007.

SALTARELLI, M. The acquisition of agreement. In: Bahner, W.; Schildt J.; Viehneger

D. (eds.). *Proceedings of the International Congress of Linguistics*. Akademik Verlag. Berlin. 1987. p. 810-815.

SÁNCHEZ, L. **Clitic-doubling and the checking of focus**. Ms. Rutgers University. 2006.

SÁNCHEZ, L. La aparente opcionalidad del doblado de clíticos en el español de Lima. **Cuadernos de la ALFAL**. Nueva serie, 1, 2010. p. 94-105.

SÁNCHEZ, L.; ZDROJEWSKI P. 2013. Restricciones Semánticas y Pragmáticas al Doblado de Clíticos en el Español de Buenos Aires y de Lima. **Lingüística**. v. 29. 2013. p. 271–320.

SHARVY, R. A more general theory of definite descriptions. **Philosophical Review**. v. 89. n. 4. 1980. p. 607-624.

SPORTICHE, D. Clitic constructions. In: **Partions and atoms of clause structure: subjects, agreements, case and clitics**. London/New York, Routledge. 1998. p. 244-307.

SUÑER, M. The role of agreement in clitic-doubled constructions. **Natural Language and Linguistic Theory**. v. 6. 1988. p. 391-434.

TENNY, C. The aspectual interface hypothesis. In: I. A. SAG, I. A.; SZABOLCSI, A. (eds.) **Lexical Matters**. Stanford: CSLI Publications. 1992. p. 490–508.

TENNY, C. **Aspectual Roles and the Syntax-Semantic Interface**. Dordrecht: Kluwer. 1994.

TORREGO, E. **The dependencies of objects**. Linguistic inquiry monographs 34. Cambridge, Mass.: MIT Press. 1998.

TORREGO, E. El complemento directo preposicional. En: **Gramática Descriptiva de la Lengua Española**. Bosque I.; Demonte V. (eds.). Madrid: Espasa. 1999. p. 1779-1806.

TSUNODA T. Remarks on transitivity. **Journal of Linguistics**. vol. 21. 1985. p. 385–396

URIAGEREKA, J. Aspects of the Syntax of Clitics Placement in Western Romance, **Linguistic Inquiry**. v. 26. 1995. p. 79-123.

VERKUYL, H. On the Compositional Nature of the Aspects. Dordrecht: Reidel. 1972.

VINET, M. TH. Quantification et microvariation: les adjectifs de dimension spatiale. **Canadian Journal of Linguistics/Revue canadienne de linguistique**. vol. 54(3). 2009. p. 547–564.

VON FINTEL K., FOX D., IATRIDOU S. Definiteness as maximal informativeness. In: Crnič L.; Sauerland U. (eds.). **The Art and Craft of Semantics: A Festschrift for Irene Heim**. vol. 1, MITWPL 70. 2014. p. 165–174.

ZDROJEWSKI, P. **¿Por quién doblan los clíticos?** Tesis de maestría, Universidad Nacional del Comahue. 2008.

ZUBIZARRETA, M. **Prosody Focus and Word order**. MIT Press. 1998.